

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

SAMUEL LUCENA DE MEDEIROS

ÁGUAS DE MELGAÇO:
A ÁGUA IMPORTADA NA MANAUS DA BELLE ÉPOQUE

SAMUEL LUCENA DE MEDEIROS

ÁGUAS DE MELGAÇO:

A ÁGUA IMPORTADA NA MANAUS DA BELLE ÉPOQUE

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia, apresentado ao Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas, Escola Superior de Ciências Sociais, como requisito para obtenção do título de bacharel em Arqueologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tatiana de Lima Pedrosa Santos.

MANAUS/AM
2017

SAMUEL LUCENA DE MEDEIROS

ÁGUAS DE MELGAÇO:

A ÁGUA IMPORTADA NA MANAUS DA BELLE ÉPOQUE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia, apresentado ao Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas, Escola Superior de Ciências Sociais, como requisito para obtenção do título de bacharel em Arqueologia.

Data de aprovação: ____ de ____ de ____.

Nota: _____.

Banca Examinadora:

Profª Drª Tatiana de Lima Pedrosa Santos – Orientadora

Doutora em História pela PUC-RS (2012)

Profº Drº Rhuan Carlos dos Santos Lopes

Doutor em Antropologia pela UFPA (2017)

Profª Msc. Maria Arminda Castro Mendonça de Souza

Mestra em Administração de Centros Culturais pela UNIRIO (1991)

DEDICATÓRIA

Aos já descansados vivenciadores do fulgor manauara da *belle époque*, que uma vez ou outra abriam uma garrafa de água importada para desfrutar do bem-estar e poder, apenas possível pelo sangue que se misturava ao ouro negro.

RESUMO

Este trabalho apresenta as considerações e inferências de uma pesquisa voltada ao viés pós-processualista na Arqueologia. Vinculada à linha de pesquisa da Arqueologia Histórica, analisa de forma exploratória e interpretativa o contexto de consumo que tange um artefato arqueológico existente na cidade de Manaus. Guardado em laboratório, um exemplar da garrafa da marca “Águas de Melgaço”, água minero-medicinal portuguesa, permite vislumbrar através de seu contexto práticas sociais na Manaus da *Belle Époque*, que permeiam os aspectos participantes no incipiente crescimento socioeconômico pelo qual passava. Pesquisa multifacetada, utilizando-se da multidisciplinaridade usual de seu viés, analisa tanto tecnicamente o objeto em si, como também busca enxergar “através” do objeto, ou seja, apresentar por meio de fontes iconográficas e documentais a presença marcante do consumo de água engarrafada, em especial a da marca portuguesa. Discorre acerca da possibilidade de se interpretar a sociedade através da cultura material; da urgência em considerar como válido o campo de pesquisa social na Arqueologia. Mostra a importante relação desempenhada entre a “Águas de Melgaço” e a vida dos consumidores manauaras durante o período da borracha. A sociedade que surgia, influenciada pelo desejo de lucrar, usufruía de bens importados como a água engarrafada, símbolo do consumo idealista. Seu alto valor comercial e simbólico fez com que os consumidores a almejassem não apenas pelas propriedades que se dizia possuir, mas também pelo prestígio social que a garrafa importada concedia.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica; Cultura do Consumo; Cultura Material; Manaus Antiga; Águas de Melgaço.

ABSTRACT

This monograph presents the considerations and inferences of a research focused on post-processual bias in Archeology. Linked to the Historical Archaeology search line, analyzes in exploratory and interpretative way the consumption context that touches an archaeological artifact existing in the city of Manaus. Saved in the laboratory, an exemplar of the “Águas de Melgaço” brand bottle, mineral-medicinal portuguese water, allows to glimpse through its context social practices in the Manaus of the *Belle Époque*, that permeate the aspects involved in the incipient socioeconomic growth by which passed. Multifaceted research, using the usual multidisciplinary of its bias, analyzes both technically the object itself, such as search also see “through” the object, that is, to present, through iconographic and documentary sources, the marked presence of the consumption of bottled water, in particular that of the portuguese brand. Discusses the possibility of interpreting society through the material culture; of the urgency to consider as valid the field of social in Archaeology. It shows the important relationship between “Águas de Melgaço” and the life of the consumers of Manaus during the rubber period. The society that emerged, influenced by the desire to profit, enjoyed imported goods as bottled water, a symbol of idealistic consumption. Its high commercial and symbolic value made consumers want it not only for the properties it was said to possess but also for the social prestige that the imported bottle granted.

Keywords: Historical Archaeology; Consumption Culture; Material Culture; Old Manaus; Águas de Melgaço.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – DA CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICO-ARQUEOLÓGICA.....	16
1.1 Arqueologia e seu estudo.	16
1.2 A Arqueologia Histórica: visão geral.	18
1.3 Possibilidades de análise da Cultura Material.....	26
1.4 Revisão do estudo de garrafas históricas.	34
CAPÍTULO II – ÁGUAS EM MELGAÇO.....	38
2.1 Histórico da Água: Águas Termas.....	38
2.2 Águas de Melgaço: breve história.....	41
2.3 Engarrafada, comercializada, consumida.	43
CAPÍTULO III - ÁGUAS EM MANAUS	48
3.1 Manaus da borracha e o comércio das águas: contextualização.....	48
3.2 Possível chegada a terras amazônicas.....	55
3.3 Bebendo Águas de Melgaço: uma garrafa em Manaus?	58
3.4 Do que se bebe ao que se expõe.	62
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICES.....	73
ANEXOS	95

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Garrafa de “Águas de Melgaço” na antiga exposição do Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM) – 3 de outubro de 2016.....	74
Apêndice B – Processo de medição do exemplar em laboratório – 24 de maio de 2017.....	75
Apêndice C – Análise dos aspectos físicos em laboratório – 24 de maio de 2017.....	85
Apêndice D – Acondicionamento do artefato após manuseio – 24 de maio de 2017.....	92
Apêndice E – Garrafa em visão frontal completa – 4 de outubro de 2016.....	94

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 – Fotografia com o panorama da incipiente “Manáos” com vista da orla do Rio Negro, entre 1860 e 1870.....	96
Anexo 2 – Fotografia do Arco da Companhia do Amazonas em 1867, logo quando da sua abertura.....	97
Anexo 3 – Fotografia da antiga Praça de São Sebastião tomada do alto da igreja de mesmo nome, onde é possível ver o antigo Monumento à Abertura dos Portos e panorama para o rio (1889).....	98
Anexo 4 – Fotografia tomada da Praça de São Sebastião. Aparecem o monumento em forma de coluna e o quase terminado Teatro Amazonas (1895-1896).....	98
Anexo 5 – Fotografia da vista da Praça 15 de Novembro e antigo Porto, em 1899.....	99
Anexo 6 – Fotografia do lado oeste do antigo Porto, em 1899.....	99
Anexo 7 – Fotografia do lado leste do antigo Porto, em 1899.....	100
Anexo 8 – Fotografia da Construção do Porto de “Manáos” em 1900.....	100
Anexo 9 – Fotografia do recém-construído Porto de “Manáos”, tirada em 1900.....	101

Anexo 10 – Fotografia de um Navio deixando o porto em 1900.....	101
Anexo 11 – Fotografia da chegada de embarcação no Roadway flutuante da M. H. Ltd., em 1912-1913	102
Anexo 12 – Fotografia do Roadway flutuante e embarcações partindo, foto de Silvino Santos na década de 1920.....	102
Anexo 13 – Informe em jornal sobre a movimentação do porto em outubro de 1891	103
Anexo 14 – Relação informativa de entradas e saídas no porto para janeiro de 1899, com destaque para as linhas internacionais	104
Anexo 15 – Quadro estatístico da movimentação portuária para o ano de 1912.....	105
Anexo 16 – Anúncio comercial da agência lotérica “Vale quem tem”	106
Anexo 17 – Anúncio de hotel português em jornal de “Manáos” no ano de 1888.....	107
Anexo 18 – Anúncio da “Água de Vidago” em jornal manauara, ano de 1899.....	107
Anexo 19 – Pequeno anúncio da “Água de Vidago” no jornal Commercio do Amazonas em 1900	108
Anexo 20 – Anúncio de vapor saindo da capital portuguesa com destino ao Pará (Belém) e Manaus no ano de 1889.....	108
Anexo 21 – Anúncio de passagens de Portugal para Manaus em 1902.....	109
Anexo 22 – Cartão Postal com fotografia do Grande Hotel Ranhada na década de 1910, primeiro complexo de prédios construído na área do Peso	110
Anexo 23 – Cartão postal com fotografia do Hotel Ranhada, em 1920-1930.....	110
Anexo 24 – Cartão postal com ilustração do Hotel Quinta do Pezo (Novo Hotel), na década de 1910.....	111
Anexo 25 – Cartão postal com fotografia do Grande Hotel do Pezo (Quinta do Pezo) em 1910-1920	111
Anexo 26 – Fotografia de aquisitas no Grande Hotel do Pezo em 1910-1920.....	112
Anexo 27 – Cartão Postal com ilustração do Novo Hotel no início de 1900.....	112

Anexo 28 – Cartão Postal do Grande Hotel do Pezo, década de 1910.....	113
Anexo 29 – Cartão postal com fotografia do Novo Hotel na década 1920.....	113
Anexo 30 – Cartão postal da Cia. Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas da década de 1930-1940	114
Anexo 31 – Cartão postal com fotografia do primeiro abrigo da fonte das águas de Melgaço em 1880-1890, antes da construção do Parque Termal	115
Anexo 32 – Cartão postal com fotografia do abrigo da fonte principal finalizado, em 1890-1900	115
Anexo 33 – Cartão postal com fotografia da fonte principal na década de 1900.....	116
Anexo 34 – Cartão postal com fotografia do edifício da fonte principal em acabamento, ano de 1908-1909.....	116
Anexo 35 – Cartão postal com fotografia do edifício da fonte já finalizado na década de 1920.....	117
Anexo 36 – Cartão postal com fotografia do pavilhão no edifício da fonte, anos 1980.....	117
Anexo 37 – Cartão Postal com fotografia do edifício do balneário das águas do Pezo na década de 1910.....	118
Anexo 38 – Ilustração do Parque e Balneário da estância termal de Melgaço feita por Edmundo Correia Lopes em seu livro <i>Melgaço Estância Termal</i> , em 1949.....	118
Anexo 39 – Cartão postal com fotografia do balneário do Pezo nos anos 30 (1933?)	119
Anexo 40 – Diário do governo português acerca das “Águas de Melgaço”	120
Anexo 41 – Capa do livro dos médicos António Duro e Charles Lepierre acerca das águas medicinais de Melgaço, impresso na cidade de Porto em 1915.....	121
Anexo 42 – Propaganda das “Águas de Melgaço” em jornal português de 1902.....	122
Anexo 43 – Propaganda com ilustração do edifício da fonte nos anos 1920.....	122
Anexo 44 – Rótulo de uma garrafa de “Águas de Melgaço” dos anos 1930, mostrando ilustração do edifício da fonte principal (pavilhão da nascente) e análises realizadas em 1933 pelo Prof. Charles Lepierre	123

Anexo 45 – Propaganda da marca e hotéis relacionados ao Pezo, ano de 1934.....	124
Anexo 46 – Artigo sobre as “Águas de Melgaço” e sua estância termal em revista brasileira no ano de 1936.....	125
Anexo 47 – Propaganda da marca em revista da década de 1940-1950.....	126
Anexo 48 – Propaganda da C ^a . Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas em 1940-1950.....	126
Anexo 49 – Propaganda da C ^a . Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas com destaque para o modelo de garrafa do grupo, década de 1940-1950.....	127
Anexo 50 – Lembrança da C ^a . com informações dos prêmios recebidos, de 1969.....	127
Anexo 51 – Garrafas de “Águas de Melgaço” com rótulo em depósito no parque termal, início dos anos 1980.....	128
Anexo 52 – Garrafa da água em mais nova versão de relançamento de 2003.....	128

INTRODUÇÃO

Pretende-se, através deste trabalho, estudar um artefato histórico-arqueológico de grande valor para a história local. Trata-se de um exemplar da garrafa de água termal da marca portuguesa, “Águas de Melgaço”, marca esta que, durante o final do século XIX e início do século XX, foi comercializada em diversas partes do mundo, sendo uma delas a capital do Estado do Amazonas. Encontra-se sob a guarda do Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM) a garrafa que serve como ponto de partida para o presente estudo. Fruto de achado fortuito, é de frequência raríssima nos achados arqueológicos da cidade.

Quando da oportunidade de um estágio acadêmico realizado entre a Universidade Estadual do Amazonas (UEA) e a Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas (SEC/AM), tornou-se possível o nosso contato com o riquíssimo acervo guardado pelo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, em sua maioria composto de material histórico-arqueológico proveniente do município de Manaus e proximidades. Dentre os que estavam em exposição na área de extroversão, sob as caixas de acrílico, estava um artefato que, ainda que apresentado em conjunto com outros de mesma natureza (material histórico), destacava-se por sua aparência e quase total anonimato.

A garrafa, muito bem conservada, não possuía informação alguma a seu respeito. Havia apenas uma frase que se destacava em alto relevo no vidro: “Águas de Melgaço”. A busca de informações começou no segundo semestre do ano de 2014, logo nas primeiras semanas do estágio. Inicialmente, o objetivo da busca era apenas para sanar a dúvida que muitos visitantes apresentavam ao se deparar com tão excêntrico objeto; também para incluir na base de dados e levantamentos históricos acerca dos artefatos.

As dificuldades apareceram logo no início. As informações bibliográficas disponíveis nos acervos públicos da cidade a respeito da marca eram nulas. As informações na internet eram pouco consistentes e superficiais, além de difícil acesso ao público em geral. As tentativas duraram meses, quando, já no ano de 2015, as primeiras fontes surgiram, possibilitando a continuação da pesquisa.

Porém, já com tempo considerável de investigação, adentramos com um projeto de iniciação científica voluntária, com o foco de pesquisa sendo o levantamento de informações para a contextualização do artefato e de sua marca. À medida que a pesquisa avançava, novas possibilidades surgiram, tanto de abordagem quanto de leituras do material. Um quadro foi sendo construído, e este mostrava a importância que estava vinculada àquela interessante garrafa portuguesa.

Cursando o Bacharelado em Arqueologia pela Escola Superior de Ciências Sociais (UEA), e estando vinculado ao estágio na área de arqueologia, eu, juntamente com minha orientadora, concordamos em encaminhar a pesquisa para os novos ramos da investigação arqueológica. Chamado de pós-processualismo, este viés se vê incumbido de analisar a cultura material como fruto de uma sociedade e suas especificidades, sendo que esta cultura modifica a própria sociedade, ou seja, é um processo recíproco (LIMA, 1985). Uma simples garrafa em exposição poderia se tornar o ponto de partida para uma análise sociocultural da sociedade manauara que a teria consumido. Para tanto, buscou-se embasamento na Arqueologia Histórica.

Nas últimas décadas, as tentativas de se tentar compreender como funcionam os mecanismos que mantêm a sociedade em constante funcionamento e modificação, fizeram surgir vieses de pesquisa que abriram novas possibilidades de investigação (TRIGGER, 2004). A Arqueologia como um todo foi modificada com a chegada do pós-processualismo das ciências humanas.

O resultado foi a criação de novos ramos de pesquisa, ou o amadurecimento de alguns, antes incipientes, como a Arqueologia Histórica (FUNARI, 1994; SYMANSKI, 2009). Esta, por sua vez, deixa de focar apenas nos vestígios materiais e passa a abranger o contexto social possível de ser inferido. Portanto, quando a garrafa histórica é vista através do olhar interpretativo no estudo artefactual, torna-se possível alcançar os mais diversos aspectos do contexto no qual esteve inserida. Neste caso, a Manaus da *Belle Époque*. Conhecer mais sobre como se deu a formação da sociedade manauara, possibilitado pela Arqueologia Histórica, é de suma importância para a compreensão do passado da cidade e sua sociedade.

Para isso, busca-se embasamento em autores que definem conceitos-chave para a pesquisa, e naqueles que porventura tenham produzido conhecimento próximo ou essencial para o aprofundamento dela. Utiliza-se (MCCRACKEN, 2003) para se falar sobre as relações de consumo ente o bem e a sociedade que o consumia; (MESQUITA, 2006) e (DIAS, 2007) sobre como a garrafa participava da cultura de consumo em Manaus; e (LEITE, FERRAZ, 2007) para as informações disponíveis para a origem do artefato e utilização.

Ao se falar da Arqueologia em geral e da linha da Arqueologia Histórica, utiliza-se: (LIMA, 1985, 1993; ORSER JR., 1992; FUNARI, 1994, 2005; TRIGGER, 2004; SYMANSKI, 2009; BARRETO, 2010; COSTA, 2013; GHENO, MACHADO, 2013). As abordagens ao material arqueológico histórico no Brasil, como se tem conhecimento, ainda são muito recentes. Sobre o estudo de garrafas históricas não há disponível muitas informações. Estas diminuem consideravelmente quando se delimita as garrafas em vítreas.

Mediante a isso, as informações necessárias para o andamento desta pesquisa são levantadas a partir do próprio artefato, apoiando-se em fontes históricas e análises arqueológicas. Faz-se necessário compreender a dinâmica sociocultural da cidade de Manaus, considerando-se que a garrafa esteve inserida em seu espaço.

Assim, o bem material, o universo simbólico, e a sociedade, tornam-se elementos essenciais para a reconstrução da imagem desse passado. Através da Arqueologia Histórica, procura-se enxergar o comportamento humano através dos objetos (COSTA, 2013), bem como inseri-lo num contexto sociocultural.

Reconhecendo as relações entre os bens de consumo e a sociedade, explicados por Mccracken (2003), busca-se compreender como um bem diferente de todos os outros encontrados no mercado local do período, influenciava a cultura de consumo; Avaliar as possíveis consequências e mudanças sociais causadas pela circulação da marca na cidade de Manaus. Também, a fim de conhecer mais a marca e a garrafa em questão, procurar a sua possível origem. Podendo, então, responder a questão: como se dava a relação existente entre a água importada como bem de consumo e seus compradores?

Para isso, realiza-se uma pesquisa multifacetada (LAKATOS, 2003), abrangendo os caracteres Documental, Bibliográfico, Exploratório e Técnico (idem; GIL, 1989). Assim, além da análise do artefato, serão analisados documentos escritos e pictóricos; leituras analíticas e críticas de publicações técnicas e científicas. Por se tratar de um assunto pouco estudado e, como já foi dito anteriormente, com poucas informações disponíveis, a pesquisa agrega a si grande sentido exploratório. Perpassa as etapas de levantamento bibliográfico, pesquisa laboratorial, levantamento iconográfico, sintetização de informações e elaboração da dissertação, finalizando com apresentação à banca avaliadora.

O trabalho está estruturado em três partes, sendo três capítulos e um espaço para considerações incluso no terceiro capítulo.

No primeiro capítulo serão discutidas as questões referentes à Arqueologia Histórica e sua atual abertura para análises pós-processuais, assim como a possibilidade de se estudar a cultura de consumo através da cultura material, em específico a garrafa estudada, além de citar alguns casos de aplicação do estudo da arqueologia histórica referente a garrafas históricas.

No segundo capítulo será mostrado um breve levantamento histórico acerca das águas termais; da marca “Águas de Melgaço” e o seu desenvolvimento como produto em solo europeu e futuramente global.

No terceiro e último capítulo, será abordado o período áureo da borracha em Manaus, para contextualização; serão esclarecidas as interpretações que podem ser tiradas a partir da relação entre contexto geográfico-espacial, sociocultural e pessoa-objeto. Ou seja, as inferências que foram possíveis de ser feitas a partir dos métodos e conhecimentos produzidos com a pesquisa: se, como e por que a “Águas de Melgaço” participou da vida dos consumidores manauaras durante o período da borracha; seguido ao final pelas considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO I – DA CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICO-ARQUEOLÓGICA

“Não cuide que quem compra um chapéu exerce uma ação voluntária e livre; a verdade é que obedece a um determinismo obscuro”.

Machado de Assis, em *Capítulo dos Chapéus* (1883)

1.1 Arqueologia e seu estudo.

Diferente do que amiúde se possa pensar, a Arqueologia não se constitui como uma espécie de aventura na qual os tesouros perdidos são procurados a todo custo; onde é preciso a agilidade sobre-humana de uma dublê para desviar das armadilhas milenares há muito adormecidas pelo tempo; uma viagem com o objetivo de saquear objetos de altíssimo valor monetário nos mais variados recônditos do planeta Terra.

Ela é, porém, uma ciência atualmente consolidada em técnicas específicas e teórico-metodologicamente construída, ao longo de séculos de aprofundamento. Ela é, também, o fruto de tentativas e erros, nos quais elaborou maneiras diversas de lidar com os vestígios de populações pretéritas (BARRETO, 2010).

Surge como uma disciplina institucionalizada já no final do século XIX, ainda que muito ligada à corrente evolucionista, imperante nos meio acadêmico da época. Antes disso, estudos com características arqueológicas já haviam sido feitos, contudo, ainda carentes de metodologias adequadas, fazendo com que muitos dos trabalhos realizados fossem incompletos e destrutivos (TRIGGER, 2004). Contribuindo para um distanciamento do que hoje se pode ver como pesquisa arqueológica, as iniciativas para realização de escavações arqueológicas eram menos com objetivo de se conservar e estudar os vestígios e mais com o de resgatá-los de qualquer modo para colecionadores e museus de arte.

Quando chega em sua fase considerada “Científica”, a Arqueologia finalmente ganha estudiosos que buscam não apenas analisar os artefatos encontrados em campo. Agora buscam compreender a própria ciência, considerando suas peculiaridades como pontos de reflexão, para maior compreensão dela própria. Surgem então diversas publicações acerca da origem e história da Arqueologia.

Um dos principais pontos de discussão que se ergueu nos debates acadêmicos em meados da metade do século XX foi o de conceito da disciplina (BARRETO, 2010). “O que é a Arqueologia e o que faz?”. Considerando-se a origem grega da palavra Arqueologia (*Arkhaiología*), da qual resulta a tradução aproximada de “Estudo das coisas antigas” ou “Ciência das antiguidades”, corre-se o risco de se limitar o alcance de seus estudos, principalmente os realizados nas últimas décadas. Estudos estes que, ainda que com objetos de estudo diferentes, continuam a manter o significado principal do conceito tradicional. Para Trigger (2004, p.19), a Arqueologia “[...] infere comportamento humano, e também ideias a partir de materiais remanescentes do que pessoas fizeram e usaram, e do impacto físico de sua presença no meio ambiente [...]”.

Nos dias atuais, os estudos arqueológicos não se restringem aos vestígios materiais em si, como se fazia durante a vigência de paradigmas funcionalistas e processuais; quando não se restringiam ao corpo do objeto, mantinham um olhar enrijecido, muitas vezes distante do contexto a que os vestígios estavam relacionados¹. São algumas das críticas presentes da nova geração de pesquisadores, que buscam apresentar uma Arqueologia nova, com novos olhares e novas metodologias. Assim, mesmo que se utilize como “base” ou ponto de partida o artefato ou vestígio relacionado ao sítio arqueológico, o foco do estudo pode tocar em outras disciplinas, ou em outras formas de enxergar o objeto de estudo.

¹ “A Arqueologia processual refletia bem uma visão capitalista do passado humano, privilegiando uma interpretação materialista pouco preocupada com as diversidades culturais” (FUNARI, 2005, p.2).

1.2 A Arqueologia Histórica: visão geral.

Como forma de pesquisa da cultura material de sociedades que deixaram seus vestígios no ambiente em que viveram, a Arqueologia desenvolveu-se em desdobramentos que vão desde a Arqueologia Pré-histórica até a Arqueologia Cognitiva (TRIGGER, 2004).

Conseqüentemente, dependendo do tipo de material encontrado e do próprio sítio arqueológico, as possibilidades de abordagem a estes perpassam a um conjunto de linhas de pesquisa e/ou subdisciplinas da Arqueologia. De forma geral, a linha de pesquisa mais conhecida e difundida ao público em geral é a chamada Arqueologia Pré-histórica, também relacionada a disciplinas vizinhas, como a Paleontologia e a Paleobotânica. A Egíptologia e Arqueologia Clássica não estão excluídas do grupo das mais conhecidas, tendo importantes papéis no comércio turístico de alguns países.

Entretanto, quando se trata de estudar os remanescentes materiais de sociedades humanas que, de alguma forma, deixaram, além de sua cultura material, registros escritos, pictóricos, e/ou de outra natureza documentativa, abre-se caminho para a utilização dos aparatos distintos fornecidos pela linha de pesquisa da Arqueologia Histórica (COSTA, 2013; GHENO, MACHADO, 2013).

Ela ganhou reconhecimento no meio científico a partir da década de 1960, quando um verdadeiro *boom* ocorreu nas academias norte-americanas, culminando na organização de encontros de especialistas na área, sendo um dos principais o realizado no ano de 1967 em Dallas (UEA), sendo na ocasião fundada a *Society for Historical Archaeology* (LIMA, 1985).

Algumas vezes foi também chamada de Arqueologia dos Sítios Históricos, ou de Arqueologia do Período Colonial. Isso aconteceu porque seus estudiosos passaram a levantar questionamentos acerca de sua característica semântica relacionada ao que se considerava de praxe como trabalhos de Arqueologia, ou seja, o pensamento de que a disciplina em questão deveria apenas tratar da cultura material do passado ou antiga, como diz o próprio termo que lhe dá nome.

Todavia, num período de aproximadamente duas décadas depois das grandes mudanças sofridas pelo reconhecimento desse tipo de pesquisa, já se estabeleciam definições que permitiam a aceitação da Arqueologia Histórica como uma área realmente arqueológica. Assim, a abrangência dos estudos arqueológicos cresceu, novos horizontes surgiram face à nova possibilidade de se estudar os vestígios materiais considerados mais recentes. Antes desconsiderados, tais tipos de vestígios passaram a fornecer informações que seriam desconsideradas nos estudos “tradicionais”, fazendo com que houvesse maior elucidação dos comportamentos das sociedades que deixaram modificações na forma material e estrutural do ambiente que hoje se mostra.

[...] mais que meramente o estudo de culturas passadas, a Arqueologia deve ser entendida [...] como a disciplina científica que se utiliza de restos materiais para compreender o funcionamento de sociedades humanas específicas e da cultura em geral, o que torna a abordagem arqueológica válida para o entendimento de qualquer sistema comportamental, passado ou presente. Pré-históricos ou históricos, remotos ou recentes, com ou sem registros escritos, esses sistemas podem ser estudados na Arqueologia por meio dos métodos e das técnicas que lhe são próprios e que permitem uma contribuição ímpar à elucidação do comportamento humano através dos tempos, na medida em que ela lida com a própria materialização desse comportamento, no caso os artefatos e os vestígios arqueológicos em geral, distribuídos no espaço (DICKENS, 1982 apud LIMA, 1985, p.87-88).

A Arqueologia Histórica apresenta uma visão diferenciada dos dados coletados em campo, assim como nas análises laboratoriais (GHENO; MACHADO, 2013). Pois, além de verificar o usual numa pesquisa arqueológica (artefatos, ambiente, contexto) vai para além do meio material. Primeiramente pelas mais variadas fontes das quais pode retirar informações relevantes para a construção de inferências a respeito das características do sítio e do grupo humano estudado. Delas, podem ser citadas pelo menos 6 tipos. São eles: artefatos, estruturas, arquitetura, documentos escritos, informação oral, informação pictórica (ORSER JR., 1992). Em segundo lugar, pode-se dizer que seu aparato epistemológico e metodológico apresenta-se como singular. Sendo uma linha de pesquisa

consideravelmente jovem², foi (e ainda é) fortemente influenciada pelo pós-modernismo e pós-processualismo das Ciências Humanas e Sociais. Com isso:

Nas Ciências Humanas, em geral, [difundiu-se] o pós-modernismo e as críticas à ideia de verdade científica. A partir da noção de que as ciências são construções discursivas, inseridas em contextos sociais, desmontou-se a lógica do processualismo [...] (FUNARI, 2005, p.2).

A Arqueologia Histórica também se caracteriza pelo uso da pluri e interdisciplinaridade. O olhar abrangente que propõe desenvolver não torna as pesquisas da área desfocadas. Mas, ao contrário, contribui para o apuramento dos dados coletados, assim como o aprofundamento multifacetado do conhecimento produzido com as análises posteriores. Há uma contribuição entre as disciplinas envolvidas, tornando os trabalhos acessíveis a olhares distintos.

Ela está comumente associada ao estudo de monumentos nacionais e estruturas de períodos significativos para determinadas nações, como igrejas, palácios, museus, pontes, etc. Pode-se notar que essa imagem que se mantém até os dias atuais acerca da pesquisa na linha em questão vem dos primórdios de sua aplicação, no período dos estados nacionais (COSTA, 2013). Durante o século XIX, começou-se a buscar manter construções que faziam referência ao período dos “fundadores” da pátria, ou seja, do grupo político-social que dominava o país. Como exemplo, pode-se citar os países norte-americanos que, por volta de 1850, buscavam pessoas importantes e os locais (estruturas monumentais ou não) onde teriam vivido para “postergar” às futuras gerações. Estas ações estavam fortemente ligadas ao patriotismo instaurado por parte dos antigos colonizadores, os ingleses e franceses³.

Já nas Américas Central e do Sul, eram os vestígios dos europeus que eram valorizados, em detrimento dos vestígios de outros grupos considerados minoritários, ainda que destes últimos houvesse vestígios de caráter histórico em

² Considerando-se como data de início oficial os anos 1960, perfazendo até o presente momento quase 60 anos de institucionalização oficial. Cada país possui sua data diferenciada do início dos trabalhos arqueológicos históricos, bem como de sua institucionalização como subdisciplina da Arqueologia.

³ Refere-se aos Estados Unidos da América e ao Canadá, respectivamente.

considerável número (FUNARI, 2005). Entretanto, a Arqueologia Histórica não estuda apenas estruturas de características monumentais ou apenas de determinado período, como o colonial. Os casos nos quais se pode utilizar tal linha de pesquisa são mais numerosos do que se pensava. Havendo registros escritos, principalmente, e estes afetando de forma direta aos estudos arqueológicos, de forma a acrescentar ou fazer referência a alguma informação que exige a mudança do modo de abordagem, é quando se necessita da sua metodologia.

Assim, os tipos de vestígios estudados não limitam a pesquisa, desde que estejam inseridos num período histórico, ou seja, com a presença do conhecimento e da prática do registro escrito na cultura que os produziram. A Arqueologia é então considerada como:

[...] “o estudo dos restos materiais de qualquer período histórico”, entendendo-se por período histórico aquele em que as culturas estudadas têm um registro documental e nas quais a escrita exerceu um forte impacto. Quando os registros são capazes de alterar os métodos e técnicas básicas de se estudar as sociedades passadas, então se está lidando com Arqueologia Histórica (SCHUYLER, 1978 apud LIMA, 1985, p.88).

Portanto, ao serem considerados possíveis focos de análise dessa linha os componentes da cultura material histórico-arqueológica, um verdadeiro leque é aberto perante os pesquisadores que estão dispostos a utilizar métodos interpretativos e reflexivos, característicos das pesquisas arqueológicas históricas. Permite-se analisar os mais diferentes âmbitos da sociedade a partir de artefatos, como: metais, vidros, louças, tijolos, material biológico, entre outros.

Ao se falar em Arqueologia Histórica no contexto das pesquisas e o início de sua institucionalização, faz-se necessário abordar, ainda que brevemente, como veio se desenvolver no ambiente acadêmico brasileiro. Também citar quais foram suas pesquisas que serviram como chamariz para a nova forma de abordar a cultura material recente. Em primeiro lugar, cabe ressaltar que, assim como em outras áreas de pesquisa e ciências, a Arqueologia Histórica somente veio a se consolidar metodologicamente de forma tardia em relação aos países de origem. Enquanto que

na América do Norte os trabalhos formais começaram já na década de 1960, em solo brasileiro vieram a ser feitos apenas a partir de 1980⁴.

Entretanto, é possível citar trabalhos realizados em sítios de natureza histórica no Brasil datados já das décadas de 1930 a 1950. Ainda que “[...] sem caráter sistemático ou corpus teórico e metodológico definido.” (COSTA, 2013, p.31), realizaram-se num período onde pesquisas assim eram consideradas ainda como pré-científicas, ou seja, possuíam ainda caráter amadorístico, não se preocupando em produzir conhecimento científico, mas apenas a concretização de desejos particulares. Aconteceram em estados como Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul.

Já na década de 1960, a maioria dos trabalhos em sítios históricos foi organizada e realizada por integrantes do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), um amplo programa que era coordenado pelo casal de arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans, ambos pesquisadores pelo Smithsonian Institute. Ainda que partindo de boa iniciativa, as pesquisas eram limitadas quanto as suas perspectivas de análise e interpretação dos dados, que estavam voltadas para a ênfase na identificação e delimitação espaço-temporal dos artefatos, utilizando-se de métodos da Arqueologia Colonial e de Contato (SYMANSKI, 2009; COSTA, 2013).

As pesquisas eram feitas, em sua maioria, por pré-historiadores com foco de estudo nas sociedades indígenas, restringindo, portanto, a abordagem delas. Esse foi um período onde o fazer da Arqueologia Histórica no Brasil esteve “paralisado” em sua abordagem e construção teórico-metodológica.

Apesar de usar uma abordagem mais antropológica, esses estudos corresponderam muito mais a uma continuação da pesquisa pré-histórica sobre os povos indígenas na época do contato, do que a uma arqueologia histórica sobre a formação da sociedade brasileira do presente (COSTA, 2013, p.31).

⁴ Fala-se dos trabalhos realizados já com a consolidação teórico-metodológica. Pois, para citar como exemplo, algumas pesquisas anteriores foram registradas, nas décadas de 1960 e 1970 (SYMANSKI, 2009). Contudo, suas bases epistemológicas estavam ainda em formação, utilizando-se ainda de abordagens histórico- culturais, como os trabalhos comparativos.

Nos anos 70 do século XX, os trabalhos passam a se voltar para a monumentalidade de edificações estritamente “ocidentais”. Ganha a característica de uma arqueologia quase “europeia”, estudando igrejas históricas e fortes do período colonial. Estão relacionados a trabalhos de restauro e conservação de grandes edifícios, a chama política de “pedra e cal”, que, imposta pelo Estado autoritário e conservador do período, valorizava a arquitetura ocidental. Assim, os trabalhos abordavam as técnicas de construção e estilística das formas (COSTA, 2013).

Em plena ditadura militar, os trabalhos se viam refreados do ponto de vista teórico-epistemológico. Com o governo controlando até mesmo a produção científica, principalmente da área das Ciências Humanas e Sociais, essa década se constituiu como uma das mais difíceis para a Arqueologia, no que concerne à revisão de paradigmas, praticamente nula.

Outro elemento presente nessas investigações do período é também a manutenção da história oficial ou nacionalista, que vê nos trabalhos arqueológicos históricos somente a afirmação, sem incluir a complementação ou confrontação, do saber histórico (COSTA, 2013, p.31).

Já na década de 1980, ocorre uma grande mudança nas temáticas abordadas nos trabalhos de Arqueologia Histórica. É uma década onde ocorre uma revisão de conceitos e, principalmente, de conjuntos paradigmáticos, que acabaram por influenciar numa mudança teórico-metodológica das pesquisas. Com início da escola pós-processualista na Inglaterra e América do Norte, os trabalhos brasileiros passam a ser influenciados, ainda que de maneira sutil, pelas novas aberturas que se dão. Também ocorre uma grande ampliação da linha de pesquisa, considerando-se que foi nesta década em que as liberdades públicas restauram-se lentamente, resultado do recuo da grande censura militar, quando, em 1985, instaura-se um regime civil (FUNARI, 2005).

Surgem discussões a respeito do papel das minorias na construção da sociedade brasileira, assim como a herança cultural material a elas relacionada. Começa-se a investigar senzalas, quilombos, e outros espaços que fugiam do que costumeiramente se pesquisava em trabalhos históricos arqueológicos. A

urbanização vigente apresenta-se como ponto de estudo, não menos importante que o estudo do comportamento humano que também começou a fazer parte das pesquisas (COSTA, 2013).

No mês de outubro do ano de 1985, durante o I Seminário de Arqueologia Histórica (organizado pelo SPHAN/FNPM, no Rio de Janeiro), a pesquisadora Tânia Andrade Lima, na apresentação de sua comunicação, representava claramente as mudanças que estavam ocorrendo e a necessidade de continuação das mesmas, para que as pesquisas em Arqueologia Histórica, não estivessem mais limitadas a paradigmas do passado.

Se em suas primeiras manifestações no Brasil a prática da Arqueologia Histórica tem estado restrita, com poucas exceções, a construções monumentais, como prédios públicos, fortes, igrejas, etc., atendendo fundamentalmente a grandes projetos de restauração e preservação, o que num momento inicial é perfeitamente compreensível, deve-se daqui para a frente procurar transcender esta limitação, promovendo o desenvolvimento de pesquisas voltadas para problemas especificamente orientados, construindo-se hipóteses relevantes para serem testadas, sob o risco de se reduzir a Arqueologia meramente a uma técnica aplicada. Não apenas monumentos, mas sobretudo o cotidiano rotineiro, as habitações populares, os estabelecimentos comerciais, os engenhos, as fábricas, as lápides tumulares, os depósitos de lixo, os bairros, as vilas e pequenas cidades devem ser recuperados e avaliados, agora dentro de uma perspectiva antropológica. Não apenas fornecendo subsídios, mas acima de tudo refazendo, reinterpretando a História do Brasil. Esta é a função primordial da Arqueologia Histórica Brasileira (LIMA, 1985, p.97-98).

A chegada dos anos 1990 vem acompanhada de grandes mudanças no fazer arqueológico histórico. Primeiramente, ocorre uma consolidação no meio acadêmico. Muito mais difundida, o número de publicações científicas dispara, tanto de teses e dissertações como de artigos em revistas nacionais e internacionais. Um dos motivos de sua grande expansão é a “popularização” dos trabalhos de Arqueologia de Contrato, sendo publicados inúmeros relatórios técnicos. “Teoricamente, a arqueologia histórica também se solidifica com trabalhos, seguindo tanto linhas processualistas como pós-processualistas [...]” (COSTA, 2013, p.31).

Portanto, o cenário que se mostra nos anos 1990 é de diversidade, tanto em relação aos tipos de abordagens, quanto em relação aos assuntos tratados, que passam a refletir preocupações contemporâneas, “principalmente sobre ideologia e

simbolismo.” (COSTA, 2013, p.31). Além disso, o viés pós-processualista, culminando com a proposta de Ian Hodder para uma Arqueologia Contextual, passou a ser adotado pela nova geração de arqueólogos que surgia. Em outras palavras, pode-se dizer que o cenário arqueológico sofreu um “salto” paradigmático naquela década (SYMANSKI, 2009), proporcionando os pontos de vista sobre os problemas da disciplina que se têm hoje. Assim, saiu-se de uma Arqueologia Histórico-Cultural e/ou Processualista para uma Pós-Processualista, quebrando assim muitas barreiras de teoria engessada e métodos ultrapassados.

As mudanças refletiram na construção de uma metodologia totalmente única para a Arqueologia Histórica. Além das categorias propostas por Charles Orser Jr., na sua obra “Introdução à Arqueologia Histórica” (1992), para uma análise mais completa dos dados passíveis de análise num estudo arqueológico histórico, passaram a ser adotadas novas categorias materiais, antes deixadas de lado. Com isso, novos trabalhos foram feitos sobre a cerâmica, a louça em seus mais variados tipos, os objetos de metal, os de composição vítrea, dentre outros. Sempre se levando em consideração uma abordagem contextual, tanto em campo como em laboratório.

Quando se propõe falar sobre o início do século XXI, já em suas quase completas primeiras duas décadas, a principal característica que distingue o seu fazer arqueológico histórico é o quase incomensurável “leque” de abordagens e perspectivas que se abre perante os pesquisadores. Agora frente a uma base teórico-metodológica já consolidada, assim como epistemológica da Arqueologia Histórica como subdisciplina da Arqueologia, esta acabou por originar outros ramos que, aos poucos, ganham espaço no meio acadêmico como já incipientes subdisciplinas. Ela também teve sobre si construída uma imagem (no Brasil e em outros lugares do mundo) de que é “[...] um campo dinâmico e transdisciplinar de estudo” (COSTA, 2013, p.31).

Exemplos de abordagens podem ser citados: os estudos têm buscado compreender questões que versam sobre o gênero, a mulher, as crianças, os trabalhadores e operários, os conflitos sociais, a cidade, as fábricas, o lixo, os processos de produção e consumo, as transformações na paisagem atual, a arte de rua, as minorias, e outras.

As transformações ultrapassaram o modo descritivo de se fazer os trabalhos arqueológicos fundamentados em escolas teóricas anteriores, e as pesquisas começaram a abordar crítica e analiticamente:

[...] perspectivas críticas e simbólicas, explorando temáticas diversificadas, tais como comportamento de consumo, relações de poder, gênero, construção de identidades, e o papel estruturador do ambiente construído e das paisagens. O que essas abordagens têm em comum é a preocupação em entender os contextos locais em função de uma perspectiva macro [...] (SYMANSKI, 2009, p.287).

A diversidade é tanta que, para alguns, os ramos de pesquisa em Arqueologia Histórica são considerados como independentes. Entretanto, vale ressaltar que, mesmo sendo eles caminhos de pesquisa bem delimitados e específicos (algumas vezes), não podem ser levados adiante sem uma cooperação mútua com os outros. Essa é uma das principais características da Arqueologia Histórica, a de que: além da inter e pluridisciplinaridade, há uma colaboração entre as partes para que, ao fim, o conhecimento elaborado seja abrangente e o mais completo possível.

1.3 Possibilidades de análise da Cultura Material.

Quando é deparada a realidade de possibilidade analítica frente à Cultura Material disponível nos dias de hoje, o pesquisador, muitas vezes, vê-se indeciso em relação a qual viés tomar para sua investigação, levando-se em consideração que a imensidão de possibilidades se faz pungente nas Ciências Humanas em seu fazer contemporâneo. Afinal, como proceder com a grande riqueza material arqueológico, histórico e cultural guardada nos museus e laboratórios técnicos de pesquisa? É possível estabelecer um ponto de contato entre o agente humano e o meio material? Tais perguntas têm tornado os cientistas cada vez mais críticos quando pensam em analisar a Cultura Material, exigindo dos mesmos bom embasamento teórico-metodológico.

A despeito das formas de lidar vigentes durante o início do século XX e metade dele, que inicialmente limitavam o estudo da Cultura Material à busca de

datações (cronologias) e localizações (espacialidade) (COSTA, 2013) e posteriormente viria a focar as atenções na maneira em como ela se comportava sistemicamente nas culturas (a busca de padrões), com a chegada do Pós-Processualismo as “janelas” do pensamento arqueológico se abrem de modo esplendoroso. Ainda que tenha resultado no aparecimento de vieses que procurassem o estudo do imaterial e intangível, assim como questões sociais e ideológicas, a abordagem dada à materialidade não apenas se manteve firme, como também se desenrolou de modo a agregar outros olhares em sua interpretação.

A grande distância que havia se formado durante a passagem das escolas anteriores, como o Histórico-Culturalismo e Processualismo, tornou-se mais tênue. Pois: Como analisar a Cultura Material e a sociedade que a ela está relacionada sem considerar que um elemento é produto do outro e vice versa? Ainda que sendo pertencente ao universo material, possui grande influência no imaterial.

Ora, cindir radicalmente cultura material e cultura não material é ignorar a ubiquidade das coisas materiais, que penetram todos os poros da ação humana e todas as suas circunstâncias (MENESES, 1983, p.107).

Afinal, o que se entende por Cultura Material? É um dos conceitos mais difundidos e atualmente vigentes nas pesquisas sociais, gerando grande interesse por parte de instituições e órgãos governamentais para a sua preservação. Este termo representa mais que um simples objeto. É, na verdade, contendor de significação tão abrangente quanto o aspecto cultural imaterial.

A Cultura Material é o fruto do contato de sociedades humanas com o meio ambiente, é o sinal de sua interferência nos meios antes “naturais”. Resulta da intrusão do *Homo Sapiens* num ambiente antes não remodelado por um grupo animal, intencionalmente e conscientemente, para usos sociais, políticos e culturais. Pode-se dizer que é o fruto do desejo de transformar da espécie humana, não apenas de elaborar utensílios para fins funcionais. Ao contrário, o significado que esta cultura carrega transcende o meio físico.

“Material Culture is the conventional name for the tangible yield of human conduct” (GLASSIE, 1999, p.41). Assim, tendo a capacidade de representar as

ações e decisões humanas, a Cultura Material tem espaço único nas sociedades humanas. Faz-se necessário compreender que a sua elaboração, utilização e conservação depende diretamente das relações sociais que se formam em seu entorno⁵. Não apenas o físico, mas também simbólico e cultural. Ela não se restringe à classe dos objetos utilitários, mas abrange toda a materialidade em ligação com a atividade ou presença humana.

Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações da paisagem, como coisas animadas, e, também, o próprio corpo, na medida em que ele é passível desse tipo de manipulação ou, ainda, os seus arranjos espaciais (MENESES, 1983, p.112).

Vê-se que o alcance em abrangência do termo Cultura Material chega até mesmo aos elementos propriamente humanos, como o corpo. A paisagem onde está inserido um sítio arqueológico também é fruto da manipulação humana, tornando-se cultural, ou seja, modificado.

Portanto, a separação enfática que se fazia entre o meio material e o meio das ideias já se desconstruía em meados da década de 1980, quando o processualismo perdia lugar à nova geração de cientistas que criticavam negativamente suas construções metodológicas. Primeiramente pela quase renegação das antigas escolas à importância do simbolismo e das crenças culturais em determinadas escolhas de sociedades, que eram vistas apenas como modo de adaptação e emprego de função (JOHNSON, 2000). Depois pela discordância com relação à determinação feita pelos arqueólogos ao tratarem com os artefatos, rotulando-os ou inferindo usos generalizados que desconsideravam especificidades socioculturais variadas. Conforme diz Johnson (2000, p.133):

Para un creciente número de arqueólogos de principios de los años ochenta, la frase clave era “la cultura material debe contemplarse como algo que encierra significados”. Es decir, los objectos eran algo más que invenciones para hacer frente a las condiciones del entorno. Si queríamos entender por qué esta cerámica tenía tal decoración o por qué este

⁵ “Por cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais.” (MENESES, 1983, p.112).

habitáculo tenía esta forma, teníamos que indagar en los significados culturales que se escondían detrás de su manufactura y uso.

A significação por detrás do meio material passou a ser um dos vieses da nova maneira de se fazer os trabalhos arqueológicos. Contudo, sendo tão nova, trouxe consigo algumas dificuldades que se interporam entre os cientistas que iniciavam sua vida acadêmica. Como realizar a análise da Cultura Material com o arcabouço teórico-metodológico disponível?

Foi com tal intenção que começou a ser formulado um novo conjunto de bases que favorecessem os estudos voltados à materialidade. Ainda assim, o começo desse novo ramo de pesquisa teve suas dificuldades. Apenas com a publicação da obra chamada *Re-Constructing Archaeology* de Michael Shanks e Christopher Tilley⁶ foi possível um verdadeiro processo de reconstrução teórico-epistemológico da Arqueologia.

Dessa forma, novas bases foram lançadas. A materialidade passou a ser vista não apenas como o resultado direto das ações humanas, mas como uma forma de postergar significados culturais, ou melhor, uma forma de reproduzir em matéria física suas mais interessantes ideias. Sendo, portanto, um meio de “embutir” elementos de natureza intangível num material, a Cultura Material pode ser encarada como uma espécie de suporte para significados no sentido mais geral da palavra.

Estudá-la requer um posicionamento firme (não cristalizado), tanto na abordagem como na maneira de ser analisada e seus dados interpretados. Os dois caracteres, o sociocultural e o material devem ter sua relação claramente visualizada quando da interpretação por parte do que a estuda. Conseqüentemente, torna-se mediadora entre o meio dinâmico e estático, animado e inanimado, humano e artefactual.

Assim, “[para] analisar, portanto, a cultura material, é preciso situá-la como suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida

⁶ “Os autores uniram as vertentes filológicas, históricas e filosóficas da crítica social às reflexões da Antropologia contextual, em um ataque devastador aos pressupostos histórico-culturalistas e processuais, caracterizados como discursos a serviço das potências imperialistas e da exploração.” (FUNARI, 2005, p.2).

social.” (MENESES, 1983, p.112). Longe de ser um elemento estático, ela é uma forma dinâmica de registro realizada pelos humanos, voluntária ou involuntariamente. Dessa forma, deixa de ser uma simples cópia do que rodeia determinada sociedade, e passa a ser verdadeiramente uma reprodução, ou seja, reproduz de outra forma os aspectos sociais e mentais de tal sociedade.

Consoante a isso, a forma de abordá-la torna-se mais aprofundada, não preocupada simplesmente com a descrição, medição, registro ou apreciação das características exteriores, pertencentes à parte aparente do material em si. Buscando-se enxergar através da superfície sólida do bem (simbolicamente falando), a nova escola da Arqueologia Histórica busca realizar não apenas o alcance de parâmetros costumeiros, porém, propõe que o cientista compreenda que mesmo o objeto material é passível de uma “leitura”. Dessa forma, a materialidade foi reconhecida como capaz de ser lida (JOHNSON, 2000).

Ademais, quando é falado acerca de como abordar a Cultura Material e quais resultados podem ser obtidos, a motivação dos pesquisadores está no fato de que ela, por razão de sua dinamicidade, está ou esteve de alguma forma interligada à sociedade que a produziu. Mostra-se como um interessante ponto de partida para análises de cunho arqueológico, histórico, social, cultural, ideológico, semiótico, simbólico, dentre muitos outros. Dispõe-se como um ponto convergente, onde é o centro de uma teia de correlações com outros elementos, oferecendo ao pesquisador a oportunidade de alcançar informações que não seriam possíveis no caso de sua inexistência.

Dessa forma, pode-se afirmar que a Cultura Material passou por uma verdadeira “reabilitação” (MCCRACKEN, 2003), uma revitalização que proporcionou o desenvolvimento de estudos teóricos e estudos de caso. Essa mudança mostrou ao meio acadêmico que ela podia estar numa posição de importância, foco em estudos histórico-arqueológicos e antropológicos. Ainda assim, resquícios do antigo estado de negligência, bem como desinteresse, permaneceram presentes em certas discussões. Seria ela uma fonte segura de informações? É válida?

Ao contrário do que se possa pensar, ela não se torna apenas uma confirmação ou reforço de documentação histórica⁷, desempenhando um papel coadjuvante no cenário dos estudos referentes à sociedade humana e seus aspectos socioculturais, mas adentra o cenário dos anos 1990 e meados do século XXI como o objeto central de estudo. É válido ressaltar que as pesquisas com tal foco estão, em sua maioria, respaldadas pelo uso da interdisciplinaridade, prezando pela coerência do labor científico, assim como a resultante produção de conhecimento.

Considerando-se a história da Arqueologia desenvolvida até o presente momento (TRIGGER, 2004), pode-se ver claramente a mudança de paradigmas que caracteriza o final do século XX e início do século XXI, principalmente no que diz respeito aos novos estudos, que, como dito anteriormente, iniciaram a busca por abordar aspectos simbólicos e sociais através da materialidade.

Para compreender melhor como se desenrolaram as consequências das mudanças, cabe-se destacar os trabalhos dirigidos à compreensão do que tangencia as práticas de consumo e o significado simbólico relacionado à Cultura Material (SYMANSKI, 2009).

Como principal exemplo de nova forma de abordagem à Cultura Material, e favorecida pelo crescimento espantoso que vem sofrendo a cultura capitalista de consumo nos mais diversos países, ressalta-se as construções teóricas do antropólogo norte-americano Grant McCracken. Em seu trabalho intitulado “Cultura & Consumo” (2003), aborda o comportamento de consumo das sociedades capitalistas e as maneiras que ele é influenciado, seja pela propaganda, seja pela imagem construída dos mercados, ou mesmo pelos significados que os bens materiais de consumo carregam. Assim, delineia o que se pode chamar de cultura do consumo.

Através de um viés inicialmente antropológico, abre o campo de discussão com a inserção de olhares multidisciplinares. Utiliza em sua pesquisa conhecimentos

⁷ Quer-se falar de uma postura segregadora, de quando a Arqueologia era considerada apenas uma subdisciplina da História. Ela é “[...] caracterizada pelo uso de aspectos da vida material, mais precisamente, da informação arqueológica, de maneira puramente *instrumental*. O papel assim desempenhado pela documentação física seria o de controle e, nos casos mais felizes [quando não os de desconsideração total], complementação da documentação textual.” (MENESES, 1983, p.104).

arqueológicos, antropológicos, sociológicos, e outros, todos inseridos no intuito de se realizar uma abordagem atual nas Ciências Humanas e Sociais.

Para o autor, “[os] bens de consumo têm uma significação que vai além de seu caráter utilitário e de seu valor comercial. Esta significação consiste largamente em sua habilidade em carregar e em comunicar significado cultural.” (MCCRACKEN, 2003, p.99). Dessa forma, seguindo o pensamento dos pós-processualistas dentro da Arqueologia, desenvolve uma investigação acerca do funcionamento dos processos que favorecem a manutenção de uma prática de consumo.

Em outras palavras, infere, através da materialidade (bens), informações de natureza imaterial, que estão presentes no mundo mental dos indivíduos envolvidos nos processos de produção, comercialização, compra, e utilização dos bens. Não apenas isso, vai além. Alcança a possibilidade de analisar a sociedade moderna através da Cultura Material e os elementos culturais que estão relacionados a ela. Mostra o quão dinâmico é o significado simbólico-cultural que é carregado durante a dispersão do bem pelos recônditos dos espaços de consumo. É na verdade um estudo interessantíssimo: o das relações pessoa-objeto.

Conseqüentemente, através de abordagens variadas, mas com consistente correlação entre elas, faz o que os pioneiros da nova forma de estudar a Cultura Material propunham. Não apenas reconhece a existência de uma relação intrínseca da materialidade com a sociedade que o produziu, mas também a mostra com dados e argumentos suficientemente convincentes. Assim, este tipo de abordagem ao mundo material, sem desvinculá-lo do mundo social e cultural em que está inserido, “[...] estabeleceu uma espécie de subcampo que atravessa as ciências sociais [...]” (MCCRACKEN, 2003, p.99).

Deixa claro que o significado que hoje se pode ter acesso nos bens materiais, na verdade, não é originário dele próprio. Todavia, segue um movimento que parte desde a própria sociedade que o produziu (mundo culturalmente constituído), passa ao meio material através de sistemas muito comuns no capitalismo, a publicidade e a moda. Depois de “embutido” no objeto, indivíduos da sociedade que o produziram o recebem de volta, através do que se chama na visão antropológica de “Rituais” (de

posse, de troca, de arrumação), e, por final, podendo reiniciar um ciclo ou não⁸, o de despojamento.

Portanto, considerando-se que nos trabalhos arqueológicos históricos parte significativa do material encontrado em sítios dessa natureza é de bens de consumo que foram perdidos ou descartados no passado, considera-se a abordagem da cultura do consumo uma excelente alternativa para investigação. Tendo sido aplicada de diferentes maneiras nos trabalhos brasileiros ao longo de aproximadamente 30 anos (SYMANSKI, 2009), a análise da Cultura Material para a compreensão das práticas de consumo de determinada sociedade ou grupo social, torna-se tema urgente em vista do atual desenrolar das políticas econômicas e de mercado, que favorecem o acesso de produtos diversos ao consumidor. Tornou-se uma parte integrante da vida cotidiana de bilhões de pessoas ao redor do mundo.

Dessa forma, esse tipo de análise chega até os arqueólogos contemporâneos e torna-se importante modo de conhecer o comportamento social frente a uma cultura praticamente arraigada na vida dos habitantes de países com sistemas capitalistas.

Considerando-se a existência do sistema de locomoção de significados pela Cultura Material (artefatos), e que já no final do século XIX o comércio de bens de consumo estava em pleno crescimento, tanto internamente quanto internacionalmente, surge a necessidade de entender como se deu o fenômeno do aparecimento de uma garrafa portuguesa na cidade de Manaus. Estaria ela relacionada às transformações múltiplas na “Manáos” da *Belle Époque*?

Todavia, antes de abordar o contexto no qual ela estava inserida, cabe apresentar os resultados e seus mais variados aspectos que já foram alcançados em trabalhos com foco de estudo em garrafas históricas.

⁸ “Quando o significado finalmente vem a se assentar no consumidor, está completa sua jornada através do mundo social.” (MCCRACKEN, 2003, p.119).

1.4 Revisão do estudo de garrafas históricas.

Os primeiros estudos a ganhar reconhecimento geral por parte da comunidade acadêmica foram os que se iniciaram junto com as mudanças teórico-epistemológicas do Pós-Processualismo, logo no início da década de 1980. Na verdade, o material vítreo como um todo foi incluído nas análises, mas em especial as garrafas de vidro, que passaram a ser amplamente pesquisadas em sítios históricos (LIMA, 1985).

Vários foram os fatores que contribuíram para a sua aceitação como fonte de informações essenciais em estudos arqueológicos históricos. “Resistentes, apresentam altas frequências em depósitos históricos, fornecendo dados referentes à alimentação, higiene, saúde, recreação, práticas sociais, etc.” (LIMA, 1985, p.94). Outro fator interessante e que proporciona melhores condições para o estudo em questão, é o fato de não ser incomum que elas, as garrafas, possuam algum tipo de identificação, marcação, ou impressão em relevo (alto ou baixo) de suas marcas comerciais. Dessa forma, podem ser datadas com maior facilidade em comparação a outros tipos de material arqueológico.

Assim que datada, a garrafa⁹ passa a ser vista como um remanescente de determinado contexto cultural, histórico e social no qual estava inserida em seu período de circulação por entre as paragens do consumo humano. São amostras de comportamentos socioculturais e possibilitam ao pesquisador uma abertura maior nos estudos de determinado sítio ou sociedade.

No exterior, podem ser citados os trabalhos pioneiros de Baugher-Perlin (1982) e Hill (1982). No capítulo de livro *Analyzing Glass Bottles for Chronology, Function and Trade Networks*, publicado em Nova York, Baugher-Perlin argumenta a favor dos métodos de datação possíveis com as garrafas de vidro e o que se poderia inferir a respeito delas. E em capítulo¹⁰ no mesmo livro (*Archaeology of Urban America*) Hill apresenta os vestígios que poderiam ser considerados para se

⁹ Podem ser também feitas de cerâmica leve ou pesada, de grés (ou inglesas), e metal (raras). A maior parte das garrafas encontradas nos sítios históricos do século XVIII aos recentes é feita de vidro (LIMA, 1993).

¹⁰ De nome *An Examination of Manufacture-Deposition Lag for Glass Bottles from Late Historic Sites* (1982).

reconhecer os processos de produção e deposição dos artefatos nos sítios históricos recentes.

No Brasil, são já citados nas décadas de 1970 e 1980 trabalhos que tiveram entre o seu material de análise garrafas históricas dos mais diferentes tipos. Alguns deles são: trabalhos arqueológicos em sítios de contato em Rio Grande (RS) (NAUE et al., 1971); achados de Belarminos em Pernambuco e Paraíba, e trabalhos em arqueologia submarina de uma embarcação naufragada no Rio Vermelho (BA), onde foram encontradas dezenas de garrafas de vidro do século XVII (MELLO NETO, 1975, 1976/1977, 1978); pesquisas em quilombos de Minas Gerais, onde encontraram garrafas de vidro (GUIMARÃES; LANNA, 1980); nas pesquisas de arqueologia subaquática no Paraná, quando do naufrágio de uma embarcação pirata do século XVIII, encontrando-se garrafas de rum (LORDY, 1982); nas pesquisa do povoado de São Nicolau (RS), onde encontrou-se garrafas de vidro históricas (RIBEIRO et al., 1988); a restauração e escavação da Casa da Fundação do Ouro (GO), onde foram evidenciadas garrafas de vidro (SILVA; PARDI, 1989); nas escavações do Solar Barão de Sahy em Mangaratiba (RJ), onde foram encontrados gargalos de garrafas e vidros de linimentos (LOTUFO, 1989) (Vide LIMA, 1993).

Há também a Teses de Doutorado de Santos (2009), onde é mostrado o aspecto do consumo nos estudos de garrafas históricas. Além disso, o aspecto simbólico que perpassa tais artefatos é destacado, apresentando-se diversos sítios históricos pesquisados e um catálogo das marcas e respectivos rótulos das garrafas estudadas. É um dos primeiros estudos a relacionar o material arqueológico histórico ao iconográfico disponível.

Quando se fala da região norte do Brasil e os trabalhos de Arqueologia Histórica já realizados, um se destaca pela grandeza e riqueza da contribuição aos pesquisadores que se dedicam à construção do conhecimento histórico da região amazônica. Trata-se das atividades de restauro e escavação ocorridas na área da Catedral Metropolitana de Manaus (Igreja Matriz) durante os anos de 2001 e 2002¹¹,

¹¹ Atividades iniciadas em 2001, “[...] no templo máximo da fé católica romana, a Catedral Metropolitana de Manaus, por determinação do titular da Secretaria de Estado de Cultura – SEC, ditada pela sensibilidade para com o patrimônio histórico da cidade, foi realizada prospecção arqueológica em sedimento retirado por retroescavadeira no local onde seria implantada a central de ar-condicionado [...]” (MENDONÇA; ANTONY, 2013, p.11).

sendo realizado, neste último, o resgate e salvamento arqueológico do material presente no sedimento através da abertura de trincheiras em grandes unidades estratigráficas, “[...] abertas por máquina e de acordo com o sucesso das negociações com a empresa responsável pelas obras civis.” (MENDONÇA; ANTONY, 2013, p.12).

Ainda que sendo de caráter emergencial, as intervenções arqueológicas em toda a área, edifício e jardins (CORRÊA, 2007), revelaram grande quantidade de material arqueológico, sendo contabilizados ao final dos trabalhos cerca de 3.000 sacos que pesavam em média, cada um, 15 kg (Idem). A diversidade do material histórico-arqueológico encontrado ficou clara ao longo das prospecções. Estas revelaram, de acordo com Mendonça & Antony (2013, p.11):

[...] material cultural indígena pré-colonial, de contato (tecnologia de fabricação indígena com designer europeu), colonial e histórico, inclusive recente, de meados do século XX, entre outros.

Sua importância para os estudos arqueológicos históricos está representada pela grande parte da cultura material, que é de origem histórica, tendo especial destaque os exemplares de recipientes de vidro (em sua maioria garrafas), sendo contados em um número total de 1752 de diferentes tipos, considerando-se apenas os artefatos intactos ou parcialmente intactos (CORRÊA, 2007). Além da análise *in situ* e laboratorial do material resgatado, foi também procedido o estudo da Arqueologia da Arquitetura, prezando pela edificação centenária da igreja (Idem).

Além desse, outros trabalhos foram realizados no entorno da cidade de Manaus, sendo neles encontradas garrafas históricas que estão datadas principalmente entre os séculos XIX e XX. Como ainda é jovem este tipo de pesquisa no Amazonas, não é incomum que tais garrafas sejam transferidas a reservas técnicas e permaneçam lá ainda desconhecidas da sociedade, assim como sua história. Portanto, ainda como jovem linha de pesquisa, o estudo das garrafas históricas está ainda em seu estágio de desenvolvimento, necessitado, antes de tudo, mais exemplos de pesquisas e exploração das possibilidades de análise.

De qualquer modo, não se pode negar que tal linha de pesquisa está também diretamente ligada ao estudo dos costumes e modos de vida cotidiana das sociedades humanas. Afinal, a produção das garrafas foi iniciada para que o acondicionamento de líquidos fosse facilitado e duradouro, considerando-se que os materiais cada vez mais resistentes utilizados ao longo dos séculos eram melhores que as bolsas de tecido animal e vegetal.

O principal “produto” guardado em garrafas até hoje é a água. Sua presença indispensável para uma boa qualidade de vida e até mesmo sobrevivência, mostra-se como instigante tema para análise, pois que todos os seres vivos dependem desse elemento para manter a vida e está presente em todas as culturas como parte importante da natureza. Entre os tipos de água que passou a ser engarrafada está a chamada água termal, que merece ter seu histórico e papel conhecidos.

CAPÍTULO II – ÁGUAS EM MELGAÇO

2.1 Histórico da Água: Águas Termais.

A água sempre foi o mais interessante dos elementos da natureza para o ser humano. Diversas culturas, desde os tempos pretéritos, tiveram e ainda têm a água como sendo o berço da vida, de onde todas as coisas nasceram. Algumas associaram este elemento ao divino, sendo alvo de cultos e respeito, como faziam as sociedades que viviam à margem de grandes cursos d'água, podendo ser citados os egípcios (Nilo) e hindus (Ganges)¹².

Também é possível encontrar, em documentação histórica ou relatos etno-históricos, a água desempenhando papéis importantes em narrativas e mitos de diversos povos (AMPIAM, 2013). Tem tido uma função importantíssima na religião desde os tempos passados, utilizada em rituais de iniciação e purificação, como nas religiões hindu, islâmica, judaica e cristã (QUINTELA, 2003). Hidiroglou (1994 apud QUINTELA, 2003, p.180) comenta o papel da água nessas religiões:

[...] o papel da água é sempre fundamental não somente no sistema do pensamento que rege respectivamente judaísmo, cristianismo e islã (islamismo), mas também nos ritos que lhe são específicos.

Além de servir, inegavelmente, como fonte de recursos e meio pelo qual se davam trocas culturais, as águas passaram a ser tidas como fonte de saúde. Já na Grécia Antiga, muitos estudiosos passaram a pregar e incentivar o uso da água como recurso natural benéfico à saúde. Os romanos também conheciam os efeitos terapêuticos e curativos dos chamados “banhos quentes”, e ficaram conhecidos pelos seus esforços de engenharia e arquitetura no abastecimento das cidades e locais de balneários coletivos (AMPIAM, 2013). Nestes locais onde era possível

¹² A importância desse elemento não estava restrita ao aspecto místico que exercia, mas também se estendia a sua importância como meio de manutenção da vida dos grupos humanos. Era o principal recurso de que dispunham para a permanência em determinados locais. Muitos escolhiam estabelecer suas moradias em lugares onde havia cursos d'água nas proximidades. Onde havia água, havia possibilidade de se manter uma sociedade. Como se descobriu na biologia: “Água é vida”.

banhar-se na companhia de muitas outras pessoas, como os antigos banhos públicos romanos, a linha entre a higiene e o prazer era muito tênue (QUINTELA, 2003).

Estes fatos levaram aos líderes religiosos, já na Idade Média, a manterem oposição a tal prática, considerando-a profana, pois se acreditava que os banhistas estavam sujeitos à tentação. A Igreja Católica, então, reagia hostilmente à continuação da prática dos banhos termais, o que fez com que esta atividade se tornasse cada vez menos comum entre a população em geral. Quintela (2004, p.246) comenta:

[...] as termas foram alvo de hostilidade pelo fato de as atividades aí realizadas, especificamente os banhos quentes, serem, principalmente por parte da Igreja Católica, consideradas “infames” (...); e, segundo a opinião de São Jerônimo (Epístola 45.5), “um atentado contra castidade”.

Porém, há outro ambiente em que a água também está como fator determinante e atrativo às populações. Isto se dá no contexto das Termas. Nestes locais, devido aos processos endógenos naturais, a água presente nos aquíferos subterrâneos sofre o processo de aquecimento, elevando sua temperatura ao ponto de ebulição, e fazendo com que chegue até a superfície (SEZINANDO, 2013). Locais onde o fenômeno das “águas aquecidas” ocorre, passam a ser vistos como lugares especiais. Antes do surgimento das ciências propriamente ditas “científicas”, quando não havia conhecimento suficiente acerca dos fenômenos geológicos e naturais, as Termas eram vistas com fascínio, como ilustra Quintela (2003, p.179):

As águas termais são, pois, um “mistério”; jorrar uma água quente “natural”, que vem não se sabe bem de onde, mas que se supõe brotar do interior da terra: “não se sabe de onde vem, é um mistério da natureza!”, “A natureza tem destas coisas!”, ou “são umas águas misteriosas”, “vêm do vulcão” [...] As explicações deste mistério giram em torno da temperatura, do local, da forma como brotam. A água quente “vem do vulcão”, do interior da terra.

Esta admiração contribuiu para o surgimento de referências sociais e culturais acerca da água. Ela deixou de ser simplesmente um elemento natural que estava presente no ambiente em volta, para ser um fator de estabelecimento de normas e até mesmo proibições, tabus, e hierarquia político-social. Quintela ainda acrescenta,

“A água, na medida em que é hierarquizada, tem uma história [...]. É em torno destes parâmetros que se constroem as representações sociais sobre a água [...]” (QUINTELA, 2003, p.179).

No entanto, talvez a característica mais importante considerada em relação às águas termais, era o aspecto curativo e medicinal que possuíam. Passaram então a serem utilizados os locais de atividades termais como áreas de banhos, caracterizados pela presença de afloramentos rochosos (AMPIAM, 2013; SEZINANDO, 2013). Mais tarde (com o desenvolvimento das indústrias), nestes locais, foram criadas casas de banhos e estabelecimentos para estada em redor, destinados aos clientes ou turistas que desejassem experimentar os efeitos terapêuticos tão famosos dessas águas. A este tipo de atividade deu-se o nome de “práticas termais”.

Os lugares onde estas casas de banhos construídas ao redor de termas ficaram mais famosas foram em países europeus, como Portugal e Espanha, bem como na antiga colônia portuguesa, Brasil, como explica Quintela (2004) em seu trabalho “Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz)”:

Quando falamos em práticas termais, referimo-nos [...] a um conjunto de práticas que têm como agente terapêutico a água termal e que ocorrem no espaço de um estabelecimento balnear, usualmente designado em Portugal e no Brasil por balneários, termas ou casa de banhos. Os locais onde existem esses estabelecimentos têm designações diferentes conforme o país e a época histórica. São utilizadas para essas localidades as seguintes designações: caldas, termas, estâncias termais, estâncias hidrominerais (QUINTELA, 2004, p.240).

Com o avanço da Indústria, e o crescimento de capital entre os industriários, muitos decidiram investir não somente na construção e divulgação de suas estâncias termais, mas também no financiamento de pesquisas que visavam compreender as propriedades das águas aquecidas naturalmente. A utilização da observação empírica deu lugar ao fazer científico e, juntamente com a química analítica, proporcionaram um maior conhecimento acerca das águas termo-minerais (AMPIAM, 2013).

As antigas estâncias termais foram então renovadas e reabilitadas, pois a aristocracia passou a frequentá-las, bem como parte da burguesia emergente da Europa. Geralmente, os frequentadores empreendiam até mesmo longas viagens, faziam tudo para conseguirem a cura desejada, pois a fama das águas termais espalhou-se por todo o continente europeu. Todos queriam um “milagre”, que as águas, agora vistas quase como exclusivamente medicinais, podiam proporcionar, tanto pelos banhos quanto pela ingestão, prática que se tornou comum com o avanço da medicina e das fábricas exportadoras (QUINTELA, 2004).

Para maior compreensão da abordagem e suas análises que serão apresentadas no decorrer do trabalho, faz-se necessário conhecer não apenas o contexto histórico no qual as águas termais estão inseridas, mas também a história e a trajetória da marca “Águas de Melgaço”, ponto de partida de análise da cultura material.

Água engarrafada e vendida, água de origem termal, ou seja, geológica, era extraída de uma terma localizada num lugar da região norte de Portugal, o qual se chama Melgaço até os dias de hoje (LEITE; FERRAZ, 2007). Por possuírem a sua origem quase que desconhecida, salvo pelo fato de alguns terem ciência de que se originam do “interior da Terra”, já se constitui um fator determinante no modo das pessoas interpretarem seu papel de atuação naqueles que entram em contato com tal elemento. Conforme diz Quintela (2003, p.182):

Nos discursos científicos da geologia e da geografia, as águas termais são provenientes de falhas tectónicas; no discurso de alguns aquistas e veraneantes, e também de alguns autóctones, estas são provenientes de um vulcão. Digamos então que estas poderão significar simultaneamente uma porta de entrada e um sinal de perigosidade.

2.2 Águas de Melgaço: breve história.

Melgaço, vila localizada no Distrito de Viana do Castelo, está na região Norte de Portugal. Os aglomerados de habitações campesinas acabaram por dar origem a pequenos povoados ou vilas. Ao longo das expansões urbanísticas que sofriam as

idades nos séculos XVIII e XIX, as pequenas vilas se mantiveram quase que intactas, preservando o ar bucólico do Portugal antigo.

Nesta vila foi construída uma área de banho de termas, chamada de Estância Termal de Melgaço, num local chamado de Lugar do Peso, na região do Alto Minho (UNICER, 2015). As práticas termais em Portugal eram comuns já no século XIX, estando o Lugar do Peso na região fronteira com a Espanha e no curso do Rio Minho.

As águas do Peso vieram a ficar conhecidas no final do século XIX, quando a mulher do médico de Vila Nova Cerveira (localidade próxima), que sofria de uma doença estomacal, foi curada, e esta cura atribuída às águas do Peso. A fama se espalhou pela região e, em 1885, o Dr. Carlos von Bonhorst analisou pela primeira vez a composição da água, fazendo com que a região fosse divulgada para além do vale onde está localizada, o que levou à construção de uma oficina de engarrafamento sobre a fonte principal (BASTOS et al., 2002; LEITE, FERRAZ, 2007). Com isso, a pequena vila de Melgaço passou a receber visitantes curiosos para ver a água milagrosa que vinha do vulcão.

Deste mesmo ano data o primeiro engarrafamento da água de Melgaço (1885), passando a fazer parte do comércio local e, mais tarde, de exportações. Alguns historiadores e arqueólogos defendem que as águas da região de Melgaço já eram conhecidas e utilizadas pelos romanos que viveram onde hoje se localiza o Alto Rio Minho (UNICER, 2015; PROGRAMA OPERACIONAL FACTORES DE COMPETITIVIDADE, 2014). Suas práticas termais eram já conhecidas e foram registradas em relatos de viajantes.

Contudo, já em 1884, os usos medicinais das águas da estância de Melgaço eram conhecidos: “O pedido de aproveitamento das águas do Peso para fins medicinais foi registrado na Câmara de Melgaço em 14 de Agosto de 1884 [...]. No requerimento aludiam a umas ‘águas alcalino-gasosas’ [...]” (LEITE; FERRAZ, 2007, p.1). O negócio de extração da água foi lucrativo. A Melgaço pequena ganhou admiradores de outras partes da Europa, fazendo com que se investisse em organização no local.

A construção do Parque Termal do Peso iniciou em 1892, sendo finalizada a construção do edifício da Fonte Principal em 1909 (BASTOS et al., 2002). Terminado, o parque era constituído pela fonte principal, balneário, fonte nova, fábrica, quedas de água, lago, jardim e vegetação florestal da região (PATRIMÔNIO CULTURAL, 2013)¹³.

Em 1924, a exploração e posse das termas passaram para a sociedade exploradora de nascentes Vidago & Pedras Salgadas, passando a chamar-se Sociedade Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas. Com o passar das décadas e muitas dificuldades gestoras e financeiras, a marca se vê em estado de decadência, com poucas vendas e baixa taxa de lucro. As dependências do parque e suas estruturas passam a entrar em ruínas, estando fora de visitaçãõ.

Já nas décadas de 90 do século XX a posse passa para os grupos Sousa Cintra e Jerónimo Martins, mas estes não logram êxito em restaurar as dependências do parque, que já eram de condições precárias. Por isso, a Câmara Municipal de Melgaço comprou a estância termal no fim da década de 1990, que, em 2002, foi adquirida pela empresa UNICER, que recuperou as condições de acesso e reabertura do Parque Termal do Peso, bem como relançou, em 2003, a venda da água engarrafada “Águas de Melgaço” (LEITE, FERRAZ, 2007; UNICER, 2015). O Hotel, onde está localizada a Fonte Principal, voltou a oferecer seus serviços em 2005 com a conclusão das reformas e, dentro do período de melhor atividade termal¹⁴, abre suas portas a turistas e aposentados que buscam o relaxamento terapêutico de tais águas.

2.3 Engarrafada, comercializada, consumida.

Em 1885, de acordo com Lopes, “engarrafavam-se as águas numa barraca de madeira [...], construída para abrigo e comodidade dos aquistas” (LOPES apud

¹³ Ainda que existissem várias fontes de onde se poderia conseguir a água, apenas uma delas se tornou famosa, existindo até o presente momento sob a construção do hotel do parque (LEITE; FERRAZ, 2007).

¹⁴ A época termal de funcionamento do balneário vai de 1 de Maio a 31 de Outubro (BASTOS et al., 2002).

LEITE, FERRAZ, 2007, p.1). Mais tarde, em 1892, Lopes cita um projeto de nova exploração das águas:

Pensa-se [...] em constituir uma companhia que lhe desenvolva a exploração. Hoje são em grande número as garrafas transportadas para diversas terras do Minho e principalmente para o Porto, onde existe um depósito especial, bastante afreguesado (LOPES apud BASTOS et al., p.1).

Consoante aos registros, vê-se que, ainda antes da construção do parque termal, a exploração feita de “forma artesanal” possuía certa estruturação de transporte e comércio com outras cidades, principalmente com uma das mais importantes de Portugal, a cidade do Porto. Também já saíam de lá as águas engarrafadas.

Com o crescimento da crença de que a água que saía das termas, sendo ela água mineral natural (SEZINANDO, 2013), possuía propriedades curativas e benéficas à saúde, tornavam-se cada vez mais famosas, e é nesse contexto que o mercado de águas termais engarrafadas disparou.

Assim, criou-se uma indústria especializada no engarrafamento de águas, facilitada pelos progressos na ciência, tecnologia e indústria. Inúmeros estudiosos analisavam com interesse as propriedades das águas minerais, termais, e de nascentes, sempre publicando notas de que eram boas para a saúde, que possuíam propriedades positivas ao organismo.

As fábricas desenvolveram mecanismo de aprimoramento do processo de conservação e de limpeza das águas para o consumo. Analisavam, filtravam, submetiam a testes. Até mesmo Pasteur afirmou, “nós bebemos 90 por cento das nossas doenças” (AMPIAM, 2013), e cada vez mais, as indústrias de engarrafamento cresciam, pois faziam a propaganda de suas águas que diziam ser puras e ajudar na cura de doenças.

Em Portugal, especificamente, a cultura das águas engarrafadas se fez fortemente presente, isto devido aos bons resultados em tratamentos de doenças, o que fez com que algumas pessoas pensassem que seria benéfico beber águas das

termas fora dos períodos de abertura das estâncias termais. Assim, passaram a vendê-las engarrafadas (AMPIAM, 2013)¹⁵.

Esta cultura não se restringiu apenas a Portugal, havendo registros de que as garrafas de Melgaço passaram a ser exportada para o Brasil e colônias portuguesas a partir de 1889 (BASTOS et al., 2002). No Brasil, mesmo já existindo o costume de atividades Termais, como em Caldas da Imperatriz (ou Caldas do Cubatão), (SC), e Poços de Caldas (MG) (QUINTELA, 2004), não há registros de engarrafamento comercial no país, sendo talvez o motivo disto o aspecto da composição da água encontrada nas fontes nacionais.

De acordo com Almeida (1988 apud BASTOS et al., 2002), foi com um emigrante que regressava do Brasil que se começaram as obras no parque do Peso. Por nome de Guerreiro Ranhadas¹⁶, através do consumo da água das termas de Melgaço, já vendidas por comércios importadores, viu-se curado de uma doença hepática. Isto no ano de 1889, o que o fez se interessar a explorar as termas e construir o prédio de um hotel. Com relação ao contato que teve com a água engarrafada, não se sabe se ocorreu enquanto estava em Portugal ou no Brasil. Contudo, não cria empecilhos para se pensar num consumo em solo brasileiro, de uma garrafa que chegara através de uma longa viagem marítima, visto que foi o ano em que se iniciaram as exportações.

Como foi dito anteriormente, ainda que no Brasil houvesse áreas termais de exploração, o fator que determinava o sucesso da procura da população pelas águas era a sua qualidade. As de Portugal sempre apresentaram características distintas das brasileiras.

Sezinando (2013, p.8) diferencia os tipos de água encontrada em fontes naturais em dois principais tipos:

Água de Nascente – água subterrânea, considerada bacteriologicamente própria, com características físico-químicas que a tornam adequada para o

¹⁵ Passando a fase inicial da venda de águas de forma “rústica”, que traz à mente a imagem de garrafas sendo reutilizadas no processo de engarrafamento, com poucas normas sanitárias, grandes negócios surgiram, transformando um bem antes de melhor acesso num de posição distante aos consumidores de média e baixa renda.

¹⁶ Por vezes aparece como “Antonio Ranhada”.

consumo humano no seu estado natural [...]. Água mineral natural – água de circulação subterrânea, considerada bacteriologicamente própria, com características físico-químicas estáveis na origem, dentro da gama de flutuações naturais, de que podem eventualmente resultar efeitos favoráveis à saúde e que se distingue da água de beber comum: pela sua pureza original; pela sua natureza, caracterizada pelo teor de substâncias minerais, oligoelementos ou outros constituintes.

Portanto, as águas das termas portuguesas, como as de Termas do Peso, possuíam a classificação de águas minerais naturais, sendo ainda subclassificadas como águas minerais naturais gasosas (SEZINANDO, 2013). Sendo assim, possuíam propriedades que as diferenciavam das outras e proporcionavam excelentes resultados na saúde do consumidor (BASTOS et al., 2002). Além disso, o nível de pureza estava acima de qualquer outra água encontrada no mercado, não sendo necessários processos de tratamento posteriores à coleta.

Mesmo possuindo todas essas boas qualidades, não eram de acesso a todos. Talvez, antes da privatização da terma de Melgaço, a população em geral a utilizasse de forma livre, antes da sistematização da retirada e início da comercialização. Com a implantação de indústrias de engarrafamento, a água termal ficou restrita à aristocracia e burguesia (AMPIAM, 2013). Todavia, facilitava-se assim o contato de cientistas que passariam a analisar o conteúdo das garrafas, porque estes faziam parte, no geral, de altas classes sociais.

O engarrafamento estava estritamente ligado ao lucro das empresas, mas o comércio e o consumo, ou melhor, os objetivos de consumo merecem destaque neste trabalho. As vendas aconteciam dentro e fora do país de origem, mostrando que um fator potencializador deveria existir na divulgação da imagem do produto. O que haveria de especial nas águas do Peso?

A água de Melgaço em questão é uma água Mineral Gasocarbônica Natural de reconhecida qualidade (UNICER, 2015). A própria empresa, ainda no início, divulgava suas qualidades e tratamentos, como cita Leite & Ferraz (2007, p.7):

Hypotermal-Hypomineralizada-Gazocarbónica-Bicarbonatada-Mixta-Cálcica-Sódica-Magnésica-Ferrea-Lithínica-Manganesica. Utilíssima nas doenças gerais (diabetes, arthritismo, etc.), doenças do aparelho digestivo (dispepsias, úlceras de estômago cicatrizadas, enterites, etc.) e do sistema nervoso (neurastenia, histeria, etc.).

Vê-se que, além de ser utilizada como água comum, para “matar a sede”, também era usada para fins terapêuticos, alguns considerados medicinais e com prescrições de médicos reconhecidos do período. Contudo, não era apenas a água como produto comercial que levava ao crescimento das vendas (e muitas exportações), o que acontecia na Europa e no Brasil contribuiu para isto.

Para compreender melhor como se configurava o ambiente que envolvia a movimentação das garrafas “Águas de Melgaço”, considerando como ponto de partida a garrafa exemplar deste trabalho, faz-se necessário abordar a pergunta: como estava a Manaus do final do século XIX e início do século XX enquanto as águas engarrafadas portuguesas eram comercializadas ao redor do mundo e na própria “Paris dos Trópicos”?

CAPÍTULO III - ÁGUAS EM MANAUS

3.1 Manaus da borracha e o comércio das águas: contextualização.

A antiga Vila da Barra do Rio Negro, como era chamado o aglomerado de moradias que mais tarde viria se tornar a “Manaos”¹⁷ em 1856, centro da Amazônia e capital da Província do Amazonas, mantinha-se praticamente apenas com os recursos circunvizinhos que eram extraídos pelos habitantes, que era de maioria indígena e mestiça. Eles conheciam bem como manejar os recursos naturais para conseguir o alimento e manter o estilo de vida herdado pelos antepassados. Entretanto, a parte as tentativas da igreja de “civilizar” os indígenas, políticas foram implementadas pelos governantes para fazer desaparecer o mais rápido possível as características únicas que representavam a identidade de maior parte da população. Foram as tentativas de “aluzitanar” os amazonenses (CASTRO, 1968).

É interessante pensar que aqueles indígenas excluídos dos poucos serviços públicos que a vila de então disponibilizava, e que eram sempre citados nos relatos de cronistas-viajantes que por aqui passavam (MESQUITA, 2006), foram os responsáveis por apresentar aos europeus que aqui chegavam a maneira de tratar com a seringueira e o seu produto, o látex. Antes utilizado como elemento versátil (como combustível e impermeabilizante) no cotidiano dos povos que na Amazônia habitavam antes da invasão de estrangeiros, ele passou a figurar como um dos principais produtos de exportação da Província do Rio Negro, já nas primeiras décadas do século XIX.

Ainda que o restante do país não exigisse uma alta demanda do produto, era já densamente exportado para países como Estados Unidos e Inglaterra na metade do século XIX. Alcançou em poucos anos o topo dos mercados como o principal produto da região e até mesmo do país. Foi nesse período que foi descoberto um processo industrial chamado de vulcanização, que permitiu que a borracha fosse

¹⁷ Pela Lei sancionada pelo 3º Presidente da Província do Amazonas, João Pedro Dias Vieira, no ano 1856 (CASTRO, 1968).

preparada de maneira a oferecer suas propriedades elásticas e de resistência. Quanto mais se extraía o látex, mais as indústrias o pediam.

[...] a comercialização desse produto alcançou, entre 1847 a 1860, o primeiro lugar na pauta de exportação para, em seguida, crescer e devorar as outras atividades e “instaurar um período de sensacionalismo” (SOUZA apud MESQUITA, 2006, p.122).

Desde o início das exportações, havia uma dificuldade que exigia dos fornecedores paciência. Isto porque a localização das seringueiras, geralmente, ficava muito distante da capital, de onde partiam os produtos em direção aos mercados nacionais e internacionais. Mesmo quando recolhida a matéria prima pelos mais ágeis seringueiros, antes de ser mandada para as chamadas casas de aviamento, fazia-se necessário a consolidação parcial do látex, para que passasse de seu estado líquido para sólido, facilitando assim o transporte e conservação. Esse processo poderia levar vários dias. Quando já para ser pesada, última verificação antes de ficar disponível para comercialização, era classificada por qualidade em: fina, entrefina, sernambi e fraca, sendo as primeiras de melhor qualidade que as últimas (COSTA, 1965).

Mesmo quando já preparada para a comercialização, a borracha tinha ainda de enfrentar outra longa espera antes de chegar ao mercado externo. Devido a sua localização geográfica, a capital, longe dos centros urbanos do período, estava ainda no centro de uma floresta densa, no “coração da Amazônia”. Como ainda hoje ocorre, a principal forma de acesso à cidade era por via fluvial. Afinal, Manaus é conhecida por estar localizada no ponto de junção de dois grandes rios (Rio Negro e Rio Solimões) que ao se encontrarem formam o maior rio de água doce do mundo: o Rio Amazonas.

Foi através dessa imensidão de rios da região que chegaram os europeus no lugar onde foi construída a primeira capela carmelita, em 1669, e posteriormente construído o Forte de São José do Rio Negro, com o intuito de defender as terras de outros invasores europeus (Ibidem). A via fluvial sempre desempenhou importante papel de interligação do Amazonas com outros lugares pelo comércio, viagens e oportunidades.

Entretanto, mesmo com os rios que se mostravam propícios para se navegar, outra dificuldade mantinha-se de pé ainda em meados de 1850. O rio mostrava-se livre, porém, as condições das embarcações que chegavam até a capital da província eram quase precárias. Com a ainda inexistência do motor a vapor em território amazônico, os barcos eram movidos por força eólica, ou seja, pelo vento que inflava suas velas. Feitos de madeira, eram muito frágeis a choques, não resistindo muitas vezes a fortes correntezas e troncos que desciam o curso dos rios. Dessa forma, as viagens tornavam-se irregulares, tanto em relação a saídas quanto ao tempo de duração das mesmas.

Foi em janeiro do ano de 1853 que, pela primeira vez, ao porto da ainda chamada “Barra”, chegava o navio a vapor da companhia do Barão de Mauá, chamada “Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas” (MESQUITA, 2006). Foi um acontecimento admirado pelos habitantes e autoridades que, ao verem o entusiasmo com que foi recebida a entrada da companhia, começaram a cogitar uma futura abertura dos portos dos rios amazônicos à navegação comercial. Veio a ocorrer no ano de 1867, sendo dedicada ao evento, posteriormente, a construção de uma coluna de alvenaria em forma de obelisco quadrangular encimado na atual Praça de São Sebastião (ou Largo).

Contudo, a abertura não gerou a movimentação esperada por parte das autoridades. Devido a acontecimentos no âmbito global, a postura de criar liberdades à navegação do grande Rio Amazonas não ganhou reconhecimento (MESQUITA, 2006). Na tentativa de estreitar os laços comerciais com os países europeus ainda mais, foram estabelecidas linhas de ligação direta entre Manaus e os principais mercados da Europa através da navegação. Aconteceu no ano de 1874, favorecendo o aumento da renda capital.

Perante a falta de interesse e os prejuízos que a situação trazia, os governantes procuraram solucionar o problema através de subvenções às companhias, esperando que a medida estimulasse o estabelecimento de um serviço fundamental para o escoamento dos produtos da região. Desse modo, foi iniciada, em 1874, a navegação direta com os principais mercados europeus (MESQUITA, 2006, p.131).

A renda relativa à municipalidade da capital, comparando-se dados anteriores à abertura dos portos à navegação internacional e os que foram posteriormente registrados, demonstram excelente melhora na arrecadação (ABREU, 1895). Invariavelmente, a possibilidade de agora os navios cargueiros de maior porte e internacionais chegarem até a crescente cidade amazônica, contribuiu para que a quantia, ainda contada no sistema de “réis”, excedesse a usual.

A navegação foi, então, fator determinante do sucesso que se seguiu, onde os lucros apenas aumentavam, durando até o início do século XX. Isso é explicado por alguns fatores. A navegação passou a ser feita agora quase que exclusivamente por navios a vapor, acelerando o processo de embarque e desembarque das cargas. Os pontos agora alcançados, antes distantes demais para a chegada dos produtos em boa qualidade, aumentaram de número. O Barão do Marajó, então ex-presidente da Província do Amazonas, declara em uma de suas obras:

Não é apenas com o aumento de renda aduaneira, e com o progresso das rendas provinciaes que podemos avaliar o beneficio que auferimos da navegação a vapor e da livre navegação; o aumento do commercio de transito nos dá uma nova prova de quanto foram beneficas estas medidas, mas o mesmo bem estar que ellas tem levado a pontos reconditos a que até agora não chegava ou chegava insufficientemente a navegação e os generos de toda a especie que hoje são transportados dão d'isso exuberante prova. [...] A navegação direta com o estrangeiro veio ainda proporcionar a estas regiões ainda maiores vantagens pois que os generos chegam até Manaos sem serem sujeitos a repetidas baldeações; favores concedidos a companhias, pelos Estados e principalmente pelo Amazonas, tem ainda contribuido para o augmento d'esses serviços (ABREU, 1895, p.380-381).

O enriquecimento da cidade atrai pessoas que veem nela o potencial de se tornar algo maior (SANTOS, 2015), deixar as características rurais e quase caricatas de uma vila portuguesa no meio da maior floresta tropical do mundo. Com as novas medidas tomadas em prol de uma quase inconsciente “globalização” da Amazônia, o contingente populacional manauara apenas aumentou.

O movimento de pessoas na cidade tem um aumento espantoso (Dias, 2007). Se ainda no ano de 1852 a população era de apenas 8.500 habitantes, quando chega o ano de 1890 o número salta para 50.300 pessoas. É um aumento de incríveis 591,8% do número de habitantes apenas, desconsiderando-se os que

passavam temporariamente pela cidade. Esta sofria mudanças que alterariam o rumo de seu desenvolvimento político-econômico.

Aproxima-se a virada do século e o borbulhar de mudanças não é interrompido. O final do século XIX no Brasil foi um período de efervescência econômica, destacando-se ao Sudeste as plantações de café, e ao Norte a extração de borracha, sendo ambos exportados por preços altíssimos ao exterior, principalmente à Europa.

Estas exportações e seu capital acumulado no Estado do Amazonas, que possuía em seu território a maior parte do contingente de seringueiras, permitiram que a partir do início da década de 1890, com o início do governo de Eduardo Gonçalves Ribeiro (1892-1896), o Estado vivesse um período de prosperidade (MESQUITA, 2006). A partir de então passaram a imigrar para o estado muitos industriários e donos de grandes empresas, fazendo com que houvesse certo aumento de prestígio aos olhos dos membros de classes sociais elevadas. Para agradar a classe alta na cidade crescente, Eduardo Ribeiro propôs uma “modernização” da cidade, chamada de “Política do Embelezamento”. Mesquita (2006, p.146) diz:

Os excedentes do comércio da borracha eram fartamente aplicados em construções e outros melhoramentos públicos. O urbanismo e a arquitetura da cidade eram copiados do padrão vigente nas grandes cidades, pois buscava atualizar, não somente a aparência da cidade, mas inseri-la na contemporaneidade de sua época. O movimento comercial era intenso e a vida cultural tornava-se diversificada à medida que se equipavam os novos espaços. Além do surgimento de novas praças, com seus jardins, prosperavam cafés e hotéis que apresentavam espetáculos variados que concorriam com a programação do Teatro Amazonas.

Este conjunto de ações tinha por objetivo importar os traços estilísticos europeus para a cidadezinha que surgia no meio da circundante Amazônia. Fazendo-se isto, torná-la-iam mais atrativa aos olhares de investidores estrangeiros, que mais se interessavam com o índice disparado de produção e exportação gomífera. O novo cenário da cidade acabou por atrair pessoas de todas as partes do

mundo¹⁸, principalmente pessoas da alta sociedade inglesa e portuguesa. Talvez tenha sido com estes grupos de imigrantes que a “Águas de Melgaço” tenha chegado a Manaus. Ou talvez tenha chegado pelo número crescente de estabelecimentos comerciais que vendiam importados, principalmente bebidas e roupas (MESQUITA, 2006; DIAS, 2007), frutos do crescimento da cidade e do fervilhamento de trocas culturais que se davam em seu ambiente urbano.

O crescimento que se dava não era apenas físico com as grandes estruturas que surgiam, mas também social, onde um emaranhado de culturas se formava no seio amazônico, a antiga Vila da Barra que era “embelezada” para atender aos padrões europeus de modernidade.

Assim, tornando-se uma “cidade moderna”, “Manáos” recebeu investimentos externos, como a instalação e abertura de lojas comerciais em geral, quase sempre oferecendo produtos importados. Havia uma classe social enriquecendo com a exploração da borracha e outros recursos naturais amazônicos. A cidade “[...] assumiu características bastante cosmopolitas, típicas da *belle époque* [...]” (MESQUITA, 2006, p.142).

Agora uma cidade “avançada”, “europeizada”, surge a necessidade de suprir os desejos crescentes de seus novos habitantes. Acostumados a viver uma vida fortemente influenciada pelo capitalismo liberal europeu, os imigrantes sentem falta dos botequins e lojas de produtos caros, pois “Manáos” ainda se reconfigurava aos padrões de cidade vigentes e não possuía muitos estabelecimentos comerciais formais para acesso à classe “refinada”. Assim, abrem-se novas casas comerciais que disponibilizavam ao consumidor os mais novos lançamentos da Europa. Dias (2007, p.39), discorre acerca deste comércio dependente de produtos importados, conforme cita os tipos de produtos:

[...] água mineral, azeite-doce, amêndoas, bacalhau, batata, biscoito, tecidos, conservas, doces, feijão, aguardente, material elétrico, calçados, automóveis, móveis, carruagens, bordados, cal, cerveja, caviar, champagnes, ferro, licor, pregos, sardinhas, sal, sabão, telhas de barro, vinho, vermute, café [...].

¹⁸ “O centro urbano se constitui como polo de atração de pessoas das mais diversas nacionalidades: ingleses, alemães, **portugueses**, espanhóis, italianos, franceses [...]” (DIAS, 2007, p.35. Grifo do autor).

Vê-se, portanto, que as mercadorias comercializadas entre o final do século XIX e início do século XX, eram em sua maioria de origem externa, estando as bebidas em geral entre os produtos mais requisitados pela população economicamente ativa. A maior parte dos estabelecimentos vendia bebidas.

As mercadorias, para chegar até os estabelecimentos e consumidores locais, necessitavam antes ser despachadas em navios estrangeiros que tinham em sua rota a capital do Amazonas. Décadas depois da política de autorização à navegação comercial nacional e internacional, as embarcações continuaram desenvolvendo a função de “alimentadoras” do mercado consumista que se alastrava com rapidez ao costume dos manauaras.

Desse modo, as rendas da alfândega tomadas do ano de 1892, logo do início do crescimento exacerbado do comércio no centro urbano, somaram aproximadamente 3.000 Contos de Réis (ABREU, 1895), o equivalente a 3 bilhões de Réis da época, uma quantia consideravelmente alta para apenas uma cidade. O aumento do dinheiro arrecadado é o sinal de maior movimentação de produtos, principalmente na área portuária da cidade. A isto corroboram os valores envolvidos na comercialização internacional, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 – Relação dos valores de comércio internacional para “Manáos”.

MOVIMENTAÇÃO MONETÁRIA / PERÍODO	1886-1887	1890-1892
Gastos (importações)	6.369 Contos, 137 Mirréis e 538 Réis	16.000 Contos de Réis
Arrecadação (exportações)	14.634 Contos, 898 Mirréis e 78 Réis	28.000 Contos de Réis

Fonte: ABREU, 1895. Adaptação do autor em 12 Maio de 2017.

O trajeto comercial estabelecido na cidade (embarcações-armazéns-comércios-consumidores e vice-versa) impregnou nela os ares de um centro capitalista dos finais do século XIX e início do século XX. Assim, o número de estabelecimentos comerciais multiplicou-se exponencialmente, não faltando quem pudesse gastar com eles.

A capital do Amazonas deve apresentar-se digna da nova função de centro exportador e importador ligado ao comércio internacional. [...] Expressando a função mercantil que Manaus passa a desenvolver, estabelece-se na cidade um número grande de casas comerciais, exploradas por pessoas das mais diversas nacionalidades [...]. O comércio de Manaus passou a depender de produtos importados dos mais diferentes pontos da Europa e do país [...] (DIAS, 2007, p. 34,39).

A sociedade rica que habitava a “Paris dos trópicos” era consumista, como mostram as fontes e documentos de levantamentos econômicos existentes. Todavia, não estava à procura de produtos locais, tampouco valorizava os regionais, que eram exportados aos montes em navios cargueiros. O contingente populacional europeu e “europeizado” na cidade aumentava, o que para uma cidade ainda em meios de crescimento surgia como dificuldade na manutenção do mercado local. Dessa forma, os comerciantes também ganharam destaque na esfera socioeconômica. Conforme diz Dias (2007, p.39): “Com o aumento da população e a política econômica desenvolvida, Manaus teve de importar quase tudo que consumia”.

Até mesmo a água era abundantemente comprada em garrafas. Apenas no ano de 1912, na contagem geral dos gêneros de consumo que entraram pelo porto da cidade, as águas minerais parecem se sobrepondo aos demais tipos de bebidas. Enquanto a soma das bebidas em geral chega a 553 caixas, as de água mineral chegam a 10.041 caixas (FIGUEIREDO, 1913). O importado era valorizado, e os comércios priorizavam este tipo de produto, ainda que apenas parte da população pudesse adquiri-lo.

3.2 Possível chegada a terras amazônicas.

Quanto à marca das “Águas de Melgaço”, conforme foi visto anteriormente, possui relatos de que começou a ser exportada para o Brasil e então demais colônias portuguesas já no ano de 1889. É possível que tenha sido trazida até Manaus logo no início desse processo, conforme ajudam a sustentar tal hipótese alguns registros documentais. Entretanto, antes mesmo de serem encontrados, as condições histórico-econômicas da cidade durante a *belle époque* indicavam a

possibilidade de que um produto de conceituação elevada no continente europeu chegasse até a parcela enriquecida e esbanjadora da população manauara.

Num dos reclames publicados pelo jornal português “Diario Illustrado” na parte comercial do mesmo, aparece o informe da existência de um depósito para as garrafas da marca “Águas de Melgaço” na “[...] rua dos Bacalhoeiros, 129 a 133, Lisboa.” (DIARIO ILLUSTRADO, 1902, p.4)¹⁹. O local abarcava mais de um número postal, dando-se a entender que a dimensão do prédio do depósito possuía tamanho consideravelmente grande, podendo estar dividido em partes. No mesmo ano do anúncio e em mesma página do jornal, é anunciada a saída dos pacotes *Cametense* de Lisboa para o Pará e cidade de “Manaos” (dia 29 de agosto) e *Obidense* (dia 5 de setembro), serviço oferecido pela companhia *Garland Laidley & C.^a* (DIARIO ILLUSTRADO, 1902). Há uma grande probabilidade de nessa mesma viagem estarem a ser carregadas caixas da água engarrafada de Melgaço. Alguns dias depois estariam chegando à disponibilidade dos compradores de “Manãos”.

Há outros dados reveladores acerca da relação entre as embarcações, a marca e a capital do Amazonas. No mesmo ano do início das exportações da água em questão para o Brasil, foi anunciada a saída de Lisboa do vapor *Mananense* para o Pará e “Manaus” no dia 13 de junho (DIARIO ILLUSTRADO, 1889) (vide anexo 20). O navio pertencia à mesma empresa do *Cametense*. É provável que, já em 1889, as “Águas de Melgaço” estivessem em solo amazonense e disponíveis aos compradores. Além de vir de Portugal, as garrafas eram provavelmente vendidas por comerciantes também portugueses²⁰, pois, no período anterior ao século XX e durante o período áureo da borracha, eram a maioria na cidade (DIAS, 2007).

O fluxo de navegação estabelecido entre Manaus e os mercados externos solidificou-se ao longo das décadas, partido de 1860 e 1870. Cabe frisar que a importância das chegadas constantes de embarcações com produtos importados à cidade foi determinante para a continuação do vínculo comercial.

¹⁹ Note-se (anexo 42) que o proprietário continua a ser o mencionado Guerreiro Ranhadas, responsável pela construção do primeiro complexo de prédios no parque termal, nesta vez apresentado como “Antonio Ranhada”.

²⁰ Uma das maiores companhias do Amazonas durante o período, a J. G. Araujo, pertencia também a imigrantes portugueses.

Assim, como ocorreu com a economia em números crescentes de arrecadações, com o mercado mantido através das navegações não foi diferente. Os números de navios que passavam pela “Manáos” em expansão dispararam ascendentemente, conforme mostram os dados: navios chegados a Manáos – 51 (1872-1873), 186 (1881-1882), 317 (1891); navios saídos da cidade – 45 (1872-1873), 138 (1881-1882), 447 (1891) (ABREU, 1895). Significando, portanto, um aumento de 350% em apenas 10 anos. Não apenas a economia foi afetada diretamente pela navegação, mas também a população diretamente, tanto em costumes quanto em intercâmbios culturais.

Quando chega o novo século, o da modernidade, o transporte fluvial não perde lugar na importante aspiração de lucro dos amazonenses. Ao contrário, faz apenas com que se invista cada vez mais nesse negócio que se mostrou altamente lucrativo. O movimento do então já concluído porto de “Manáos”, registrado no ano de 1912, mostra o quão grande era o fluxo de embarcações naquele período (FIGUEIREDO, 1913). Para todo o ano, verificou-se que o número de barcos que entraram na cidade foi maior que o dos que saíram: os que entraram foram 1.653, enquanto os que saíram foram 1.640 (vide anexo 15).

Ainda quando chegou o período de queda da renda conseguida com a extração da borracha, o Amazonas conseguiu manter em seus rios grandes companhias de navegação, mantendo-se a ligação da cidade com outras partes do mundo, inclusive com o país de Portugal.

A navegação costeira para todos os Estado do sul da Republica e a transatlantica para a Europa e Estado Unidos d’America do Norte é constante, sendo a primeira realizada pela Companhia “Lloyd Brasileiro”, e a segunda pela casa Booth & Co. Empreza “Transportes Maritimos”, de Portugal (GONÇALVES, 1922, p.43).

Da mesma forma, a relação entre Brasil e Portugal, aqui abordadas econômica e, de certa forma, culturalmente, é traduzida pelo alcance de uma incipiente globalização, que possibilitou o contato dos manauaras a produtos importados de alta qualidade. Ao longo de toda a trajetória da cidade, quando seu nome mudou de ortografia algumas vezes, despontam, hipoteticamente, indícios de

uma presença das “Águas de Melgaço” como consequência das mudanças ocorridas durante o apogeu econômico.

Estava em curso o chamado período áureo da borracha, onde se pode vislumbrar que estava sendo tecida uma rede de trocas entre os comerciantes, os produtos, e os consumidores. A sociedade amazônica começava a ganhar a cultura de consumir aquilo que ia além das necessidades rotineiras. Eram os ares do esbanjamento que tomavam conta da cidade. A borracha, convertida em dinheiro pelas vendas ao exterior, era a nova fonte de riqueza. O período da *Belle Époque* era mais do que um entusiasmo, era a consequência do poder concedido pelo “Ouro Negro”.

3.3 Bebendo Águas de Melgaço: uma garrafa em Manaus?

Talvez nunca se consiga saber ao certo como chegou a Manaus a garrafa de “Águas de Melgaço” que se encontra no acervo do Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM). O fato é que hoje se mostra como ponte para tocar, ainda que não em sua totalidade, a realidade histórica e cultural da Manaus antiga.

De acordo com documentos iniciais do laboratório anteriormente citado (inícios dos anos de 2010), foi durante a reforma de uma casa histórica no centro da cidade, localizada na Rua José Paranaguá, nº506, esquina com a Rua Dr. Almino, que foi coletado um total de 15 peças histórico-arqueológicas; entre elas estava a garrafa que permite o desenrolar desta pesquisa²¹. Quando das intervenções de modificação do imóvel, o proprietário, recolhendo as peças na condição de achado fortuito, posteriormente as cedeu à equipe de arqueologia da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas, que as resguardou no laboratório de Arqueologia, localizado no Palacete Provincial.

²¹ As coordenadas referentes ao local exato do achado foram registradas em UTM: 03°08'13,1"S / 060°01'06"W. Fonte: Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM), cedidas em junho de 2017.

Com a ocorrência dos achados, concordou-se para a realização de um registro formal da área arqueológica. Procedeu-se o registro como sendo de um Sítio Arqueológico Histórico, recebendo o nome “Manaus Lilomar” (AM-MA-30/SEC). Todo o material encontrado era composto de garrafas vítreas históricas.

É interessante pensar que a localidade onde foram encontradas as garrafas fica na antiga zona de densidade comercial e cultural da cidade. A poucas quadras das principais vias, que davam acesso aos teatros, cinemas, à Igreja Matriz, às praças (que em sua maioria estão muito próximas do lugar). Alguns desses lugares mais conhecidos e próximos são: Palacete Provincial (antigo Quartel da Polícia), Colégio Dom Pedro II (antigo Gymnasio Amazoneze), Catedral Metropolitana de Manaus (Igreja Matriz), Igreja dos Remédios, Cine Polytheama, e as praças da Matriz, Heliodoro Balbi, da Constituição, de São Sebastião, entre outras.

Contudo, surge ainda a pergunta: por que apenas uma garrafa para toda a demanda da cidade? Faz-se necessário que sejam esclarecidas algumas questões. Primeiramente, os trabalhos arqueológicos em sítios históricos na cidade de Manaus não são ainda tão frequentes quanto o desejado pelos pesquisadores. Caso fossem, o material amostral dos produtos comercializados no período da borracha seria em maior quantidade, permitindo inferências mais firmes. Desse modo, a única garrafa da marca identificada até o presente momento é a analisada através deste.

Outra informação a ser esclarecida faz referência a outras possíveis garrafas de “Águas de Melgaço” que estão impossibilitadas de serem classificadas como tal. Pois que a maioria das garrafas enviadas à comercialização era identificada apenas visualmente e pelo rótulo de papel fino, conforme atestam as representações publicitárias do século XX e os rótulos remanescentes colecionados. Isso não permite saber distinguir entre as que já estão nos acervos da cidade, levando-se em consideração que o rótulo se perdeu com a manipulação ao longo do tempo e não chegou aos pesquisadores. O uso desses rótulos surge a partir dos anos 1920 e 1930 (LEITE; FERRAZ, 2007), fazendo com que a tipologia das garrafas fosse padronizada.

Por conseguinte, o exemplar analisado, que se mostra tão diferente dos outros conhecidos, sugeriria a possibilidade real e segura de ter sido fabricado entre

as décadas de 1880 e 1920, que correspondem exatamente ao período de auge econômico do Amazonas como centro comercial internacional, também conhecido como *Belle Époque*. Seu reconhecimento somente foi possível pelas palavras em alto relevo nos “ombros” da garrafa, que apresentam a frase: “aguas de melgaço”.

Outro sinal que corrobora para a antiguidade do artefato é a constituição de sua composição. Nota-se logo à primeira vista a diferença entre a garrafa em questão e as outras classificadas como mais recentes. Ainda que pequena, seu peso reforça o que visualmente é fácil notar: a grande espessura do vidro. Ao longo do aperfeiçoamento do processo de fabricação de garrafas, quando da passagem da forma manufaturada para a semi e automatizadas, no início do século XX, elas foram ganhando formas regulares e uniformidade no peso (SANTOS, 2009). Além de pesada, a garrafa possui muitas irregularidades, sugerindo ser ainda mais antiga a data de fabricação, nas últimas décadas do século XIX.

Acerca da frase em alto relevo na superfície de vidro, pode-se dizer que também contribui para a nova datação feita, ou seja, final do século XIX (aqui já recuada pelas considerações físico-materiais de fabricação). Isso ocorre porque o sistema de painéis responsável por gravar desenhos e palavras em recipiente de vidro surge em larga escala a partir de 1860.

Diferentes letreiros poderiam ser transferidos ao corpo de garrafas através do uso alternado de placas de inscrição em um mesmo molde (*plate molds*). O sistema era rentável e prático para as pequenas companhias, na medida em que possibilitava a aquisição de recipientes personalizados em pequenas quantidades (SANTOS, 2009, p.68).

As análises laboratoriais, realizadas desde o início da pesquisa até o dia 24 de maio de 2017, mostraram outras características e detalhes que, juntos, permitiram a melhor noção sobre como foi preparada a garrafa. Relacionando-se os dados obtidos em laboratório aos da pesquisa documental (contextualização histórica), percebeu-se que as inferências acerca dos processos e possíveis tratamentos eram compatíveis.

As anotações pormenorizadas registradas durante o manuseio do artefato para análises mais detalhadas são as seguintes: a garrafa apresenta acúmulo

residual na superfície interna, que pode derivar da reutilização constante ou do período em que esteve sob o solo; apresenta muito evidentemente marca de molde com junção de duas partes, o que indica ter sido produzida por manufatura; possui vidro de cor entre verde-oliva e verde-musgo, com variação em regiões diferentes da garrafa; apresenta marcas de arranhões concentrados, possivelmente feitos durante a deposição do mesmo ou durante a evidenciação do artefato.

Possui dois trincos: um acima da palavra “aguas”, em forma de teia, e um na área mediana do bojo em forma curvilínea e de 9,35 cm de comprimento; considerando-se a antiguidade do artefato, a superfície encontra-se em ótimas condições, apenas com 14 pequenos lascamentos, sendo o maior deles na extremidade (lábio) do gargalo, medindo aproximadamente 0,7 cm. A circunferência do fundo que mantém contato com a superfície em que porventura esteja a garrafa apoiada, apresenta arranhões difusos e desgastes. As informações quanto das medições realizadas estão designadas no quadro abaixo:

Quadro 2 - Relação das medições da garrafa feitas em laboratório.

ASPECTO	MEDIDA	INSTRUMENTO UTILIZADO
Altura	20,8 cm	Régua e escala
Diâmetro da parte mediana do bojo	6,75 cm	Paquímetro
Diâmetro do Gargalo	2,75 cm	Paquímetro
Diâmetro da extremidade (lábio)	2,45 cm	Paquímetro
Diâmetro do fundo	7,1 cm	Paquímetro
Diâmetro do ombro	6,8 cm	Paquímetro
Diâmetro da parte menor do pescoço	2,35 cm	Paquímetro
Comprimento do pescoço	6 cm	Régua e Paquímetro
Reentrância do fundo	0,35 cm	Régua e Paquímetro
Projeção da inscrição em alto relevo	0,05 a 0,15 cm	Régua
Espessura do gargalo	0,5 cm	Paquímetro
Espessura do fundo	0,65 cm	Paquímetro
Altura dos caracteres (tamanho)	1,15 cm (com exceção do “ç”, que possui 2 cm)	Régua e Paquímetro

Fonte: Elaboração do autor em 24 de maio de 2017.

3.4 Do que se bebe ao que se expõe.

Quando se fala na comercialização da “Águas de Melgaço” na “Manáos” do auge econômico proporcionado pela exploração da borracha, fala-se, na verdade, da comercialização de um produto. Este, não é a garrafa em si, ainda que o recipiente de vidro contribuísse na aquisição do produto por parte do comprador. Em verdade, não era a garrafa o produto desejado, mas o que ela continha.

Considerando suas aclamadas propriedades medicinais, poder-se-ia dizer, a priori, que se constituíam como o fator determinante das vendas; que as pessoas procuravam-na para o tratamento de seus males de saúde. Não se pode descartar tal pensamento. Contudo, não era o único modo pelo qual agiam os chamariscos simbólicos atrelados ao produto.

A água engarrafada como bem de consumo, além de proporcionar ao comprador o sentimento de posse, também transmite, ainda que subjetivamente, um significado cultural (MCCRACKEN, 2003). Pode-se imaginar que, durante a *Belle Époque* em Manaus, qualquer forma de um indivíduo mostrar que estava também incluso num determinado grupo social, valia muito e era apreciado. Assim, comprar coisas caras ou que estavam na moda, representaria, de certa forma, o nível social e poder aquisitivo do indivíduo. A água de garrafa passa a ser também um transportador de significados.

Com esta possibilidade de transmissão de significado e valores, como nobreza e bom gosto, cria-se uma espécie de relação entre o bem de consumo (objeto) e o indivíduo que o adquire. No entanto esta relação pode ser tanto evidente para uns quanto não evidente para outros. Dentro desse pensamento, algumas pessoas poderiam comprar o produto por desejar usufruir de seu serviço e utilidade, mas outras poderiam adquiri-lo apenas para formar uma imagem que seria vista pelos outros membros de sua sociedade. Esta posição de se criar um sinal para ser visto por outros pode ser chamada de “ritual de posse” (MCCRACKEN, 2003).

Como acontecia na Europa, onde apenas determinado segmento da sociedade tinha acesso às águas termais, pode-se dizer que em Manaus ocorreu da mesma forma, ou até mesmo de maneira mais distintiva. Pelo fato da cidade estar

localizada na região da Amazônia Central, onde não existem áreas termais (como parques termais), a água termal, engarrafada num vidro caro, que vinha de um país europeu (Portugal), tomava um patamar de significação muito maior entre a sociedade manauara, onde as classes já eram claramente divididas (DIAS, 2007).

A diferenciação entre os indivíduos dependia do que cada um possuía, e de qual era a qualidade dos bens. “Os bens são uma oportunidade para fazer cultura material. Como outras espécies de cultura material, eles permitem a discriminação pública, visual, de categorias culturalmente especificadas” (MCCRACKEN, 2003, p.104).

Sendo considerada por muitos como uma “água de mesa” (AMPIAM, 2013; LEITE, FERRAZ, 2007), a “Águas de Melgaço” poderia muito bem ser deixada propositalmente em cima de uma mesa por um morador que possuía residência com uma grande janela, pela qual todas as pessoas, ao passar em frente à casa, poderiam ver a garrafa e quem era o dono. Portar bens de prestígio também era demonstrativo de riqueza e cultura na sociedade do fim do século XIX e início do Século XX.

O que poderia significar uma superioridade maior do que possuir a “própria saúde” numa única garrafa? Num período em que as infecções e doenças contagiosas causavam grande medo na população, como o impaludismo, as águas minero-medicinais em garrafas eram tidas como salvação. Até mesmo os médicos indicavam-nas para tratamento doméstico (LEITE; FERRAZ, 2007).

O que seria superior a ter o produto importado de maior requinte, uma água de mesa importada? Assim, o nível de significação simbólica presente nas águas termais, que eram absorvidos pelos consumidores, era muito mais significativo em Manáos, levando em conta seu contexto histórico e localização geográfica, do que nas sociedades europeias, onde na maioria das vezes o consumo era feito por grupos maiores de pessoas e localização próxima a regiões termais. A marca se mostrava como o ícone do consumo refinado nos trópicos durante o período áureo da borracha.

Porém o significado não é estático, podendo ser modificado ao longo do tempo. Como ocorreu em Manaus, com a crise da borracha, onde a matéria-prima

passou por uma desvalorização sem precedentes, fazendo com que aquele crescimento econômico que matinha a cidade no olhar atento dos investidores europeus decaísse. Foi mais ou menos nesse período (1920-1950) em que as exportações de “Águas de Melgaço” para o Brasil cessaram.

Considerando-se as qualidades móveis do significado simbólico, é possível dizer que a garrafa de água portuguesa já não possui o mesmo *link* com o consumidor de hoje. Dessa forma, já no século XXI, muito tempo depois de sua chegada ao Brasil, se a garrafa que foi resgatada e é objeto de análise neste trabalho fosse apresentada a algum indivíduo de qualquer classe social, é muito provável que uma simples garrafa, como a que ele estaria vendo, não suscitasse nenhum significado cultural ou simbólico, pois vive num contexto histórico-cultural diferente, onde os significados de antes, se não existem mais, estão fortemente modificados. “A apreciação da qualidade móvel do significado cultural em uma sociedade de consumo ajudará a iluminar certos aspectos dos bens, do consumo e da sociedade moderna” (MCCRACKEN, 2003, p.100).

Utilizando-se o olhar arqueológico histórico, o material torna-se passível de ser visto como indubitavelmente atrelado ao imaterial, onde o objeto (garrafa) possui a capacidade de carregar significados culturais, que fazem parte dos processos constituintes da sociedade. Dessa forma, os significados possuem um caráter móvel que passa a fazer parte da vida do objeto, especialmente quando este é transformado num produto, que participa de processos de fabricação, distribuição, compra, utilização, e futuro descarte; além de ser o elemento componente dos diversos ritos de consumo.

Como produto, a água medicinal naturalmente gaseificada em questão, “Águas de Melgaço”, ressurge²² de um passado marcado pelas exportações e comercializações em países distintos que, contudo, possuem consumidores dispostos a utilizarem seu poder de compra para levar a “saúde” até suas casas. Entretanto, não apenas uma saúde engarrafada que, na verdade, teve como ponto de partida a empresa que coordenava a indústria de engarrafamento na região de Melgaço; uma saúde que, através dos meios propagandísticos, perpassou o

²² A marca foi comprada recentemente pelo grupo UNICER, sendo relançada em 2003 com versões atualizadas de garrafas (UNICER, 2015).

imaginário da população e consolidou-se como produto consumível e atrativo. Mas um elemento que reforça o status social de quem compra, que mostra a capacidade da materialidade de causar a segregação de grupos socioeconômicos que convivem no mesmo espaço urbano.

Os consumidores estavam inseridos num universo imaterial marcado pelo consumo e cheio de significados simbólicos que eram colocados (através dos mais diversos meios) no bem material, a garrafa de vidro e o conservava em seu interior. Estes atravessavam os meios de produção e comércio para levar sentido ao consumo. Conforme diz McCracken (2003), o significado é transportado pelo objeto, que nesse caso exerce a função de suporte para tal, transmitindo o significado simbólico para as outras partes da feição intangível da sociedade.

Cria-se, portanto, uma cultura de consumo, onde o produto (objeto acompanhado de acrescentadores de significados)²³, ganha valor em muitos sentidos. No caso da água minero-medicinal de Melgaço, é possível notar seu valor agregado como remédio e forma de se consumir um produto importado que, provavelmente, numa Manaus da *Belle Époque*, marcada pela supervalorização do europeu, trazia status e prestígio. Além de haver uma relação evidente de pessoa-objeto com relação ao consumo da “Águas de Melgaço”, há também uma relação consumidor-produto para com a sociedade manauara. Através dos processos de posse (ritos), os bens serviam como ponte para os significados ao indivíduo.

Porém, não apenas ao indivíduo comprador, que seria a influência direta, mas também aos observadores externos, constituindo-se assim a influência indireta. Num período onde a riqueza de poucos sobressaía sobre a pobreza e esquecimento de muitos, havia sempre aqueles que muito desejavam, mas nunca podiam ter os produtos de linha importados. Quando da compra por alguém que esbanjava condições financeiras invejáveis, o ato público desempenhava o papel de um discurso não verbal acerca do “poder”, no sentido de ser possível comprar o que quisesse, até mesmo água importada.

²³ Incluídos os gêneros propagandísticos da época, como boletins, revistas, jornais, panfletos, cartazes, e a própria embalagem (rótulo ou própria garrafa), bem como os meios mais recentes, incluindo o rádio, aparelhos televisores e internet.

A distinção do ter e do não ter era clara. Foi durante esse período quando a capital do Amazonas esteve mais segregada social e economicamente dentro de sua população (DIAS, 2007). Afinal, com a concentração do poder na mão dos seringalistas e empresários estrangeiros ou imigrantes, ocorria uma separação também espacial no ambiente urbano. Havia a área dos ricos, a dos pobres, a área comercial e a área para os indesejados. E o mais importante: havia o que podia comprar e o que não comprava. Para a sociedade manauara consumista do final do século XIX, havia um lema: “Vale quem tem”²⁴.

É possível ver nos documentos do período que a parte propagandística dos mesmos era sempre destacada, visando-se alcançar a atratividade necessária para que o ciclo econômico, produção, distribuição, compra e venda não cessasse, pois caracterizavam o esquema importante (se não o principal) da “París dos Trópicos”. Em sua grande maioria, os anúncios destacavam a presença de produtos importados, descrevendo até mesmo as características físicas destes, para ativar a imaginação dos compradores.

O chamativo de um produto embalado em vidro, dando a ele um aspecto quase que transcendental, e os discursos que o permeavam, tanto no meio físico quanto intangível, corroboraram para a existência de uma “cultura do consumo”. O ato imaginativo que atua na sociedade, em relação aos objetos (como produtos), é, na verdade, fruto de uma criação pré-existente, ou seja, tem parte do significado já embutido pelos criadores. “O imaginário, contudo, não surge do nada. Não se trata de uma aquisição espontânea. Em outras palavras, pode ser induzido” (SILVA, 2006, p.100). Com isso, as relações pessoa-objeto tornam-se complexas e fundamentais para a interpretação da materialidade no passado.

A produção do artefato, seja esta a de cunho material (constituição do material vítreo, molde em forma desejada, acabamento das extremidades e superfície) ou de cunho simbólico (inserir um protótipo de significado ao objeto, comercializá-lo nos mais diferentes níveis, utilizar um aporte propagandístico disponível), faz surgir reflexos na sociedade que o procura; entretanto, não apenas vai em busca de seu apossamento, mas também do seu usufruto, participando dos

²⁴ Nome de uma firma de empréstimos e loteria, que estava localizada na antiga Rua Municipal (anexo16, p.106).

ritos formadores da cultura e do consumo. A sociedade manauara dos dias de hoje, ainda que já tenha se esquecido da “Águas de Melgaço” que outrora trouxe status e prestígio para quem a tivesse, carrega consigo os vestígios de um envolvimento centenário com as práticas de consumo.

A pedra de toque inicial foi dada ao estudo relacionado à marca “Águas de Melgaço”. Sendo uma pesquisa inacabada, está ainda em intenso andamento. Tendo em vista que as oportunidades que surgem de se estudar, através do suporte da materialidade, os aspectos sociais, culturais, históricos, econômicos, médicos, etc., apenas se mostram mais variadas e conectadas entre si pela abordagem da Arqueologia Histórica, com a ajuda da interdisciplinaridade e novas fontes de informação importante que surgem. Portanto, buscou-se, para a sua continuidade, inseri-la no projeto “Universal” (CNPq)²⁵, onde novas abordagens serão feitas e o aprofundamento ao objeto de estudo.

Pôde-se perceber que, desde o período colonial amazonense havia uma relação estabelecida entre Portugal e Brasil, não apenas economicamente, mas também culturalmente, ao passo que muitos costumes foram “importados” e incluídos ao cotidiano amazonense. Entre os exemplos, pode-se citar o uso das águas de mesa, com foco principal na água termo-medicinal de Melgaço, que esteve presente no consumo daqueles que poderiam adquiri-la a alto preço.

O principal fator de contribuição para a chegada de garrafas importadas até a capital amazonense foi o transporte fluvial, com embarcações fazendo o comércio e intercâmbio cultural entre Amazônia brasileira e Europa. Não poderia ser descartada dos estudos, portanto, uma abordagem de contextualização econômica do período correspondente à metade do século XIX e XX. Vê-se que foi através do *boom* econômico conhecido como período áureo da borracha que as formas de se consumir na cidade de Manaus foram mais fortemente moldadas, pois tiveram de se adequar ao capitalismo estrangeiro.

Ao longo da pesquisa, a marca “Águas de Melgaço” se mostrou como forte elemento participativo em construções socioculturais que aconteceram durante o período de “modernização” da cidade. Primeiramente por contribuir com a

²⁵ Projeto – Chamada Universal (Interdisciplinar), para o triênio 2017-2019.

segregação social e cultural, pois que estava relacionada ao bom gosto e à política de classes da época. Também por ter parte na segregação econômica, e talvez seja esta a sua maior influência. Foi através de seu significado móvel e dinâmico que pôde ser inserida no mercado de bens de consumo. Contudo, também estava presente noutro, este que era alimentado pela propaganda e boatos populares: o mercado dos bens simbólicos, ou seja, do imaginário.

Foi por sua imagem de uma água importada, medicinal, terapêutica e pura que sua procura extrapolou as fronteiras europeias. Sua relação com a sociedade que a consumiu é simbiótica, considerando-se que ambas ganharam com esta. A marca moldava o pensamento popular sobre consumo e saúde, enquanto que os consumidores embutiam ainda mais significados a ela. Nota-se que a pergunta que pode ser feita e, agora, parcialmente respondida, é a seguinte: Como participaram, lado a lado, sociedade e objeto simbólico na construção de uma cultura de consumo que influenciou toda uma geração? A resposta é que se moldaram mutuamente, e os vestígios estão registrados em meio físico, documental, historiográfico e imaterial.

Não terminada, a presente pesquisa pretende seguir em sua busca por desvelar aos poucos o passado, este que não é somente amazonense ou manauara, mas também de todos aqueles que prezam em reconstituir a história cultural de uma sociedade, pois é de importância incomensurável. É tamanha que, paradoxalmente, é representada mesmo por um pequeno recipiente de vidro. A garrafa centenária mostra-se como uma janela para um passado vivenciado por uma sociedade que já não existe mais, e desponta na atualidade como uma representante da produção material humana recheada de valor simbólico.

Assim, a água engarrafada da “Águas de Melgaço” ganha uma significação a mais, entrelaçada aos mais ansiados desejos da humanidade no presente: o de consumir, o de saciar a sede, e o de viver. O interesse despertado por tal artefato, já quase desconhecido para a geração atual, apenas instiga a vontade de torná-lo conhecido mais amplamente, a fim de que, ao saberem sobre a sua existência e história, alcance o patamar de materialidade importante. Feito isto, e tendo o apoio necessário, poder-se-á enriquecer e valorizar a história do Amazonas. História essa que tem um pouco de cada uma das pessoas que, nalgum momento, ao observar o vidro brilhante e esverdeado da garrafa se perguntou: “O que haveria aí dentro?”.

REFERÊNCIAS

ABREU, José Coelho da Gama e, Barão de Marajó. *As Regiões amazonicas: estudos chorographicos dos Estados de Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1895.

ARCO DA COMPANHIA DO AMAZONAS. [Fotografia], Fidanza & Cia, photographos, [S.l.; s.n.], 1867. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon478682/icon478682.jpg> Acesso em 16 de agosto de 2017.

ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Obras completas de Machado de Assis. São Paulo: Editora Mérito S. A., 1961.

AMPIAM, Associação Portuguesa dos Industriais de Águas Minerais Naturais e de Nascente. *Águas Minerais Naturais e Águas de Nascente*. Livro Branco; Lisboa, 2013.

BARRETO, Mauro Vianna. *Abordando o passado – uma introdução à Arqueologia*. Belém: Paka-Tatu, 2010.

BASTOS, Cristiana et al.. *Das termas aos “spas”*: reconfigurações de uma prática terapêutica. Projecto POCTI/ANT/47274/2002 – Centro de Estudos de Antropologia Social e Instituto de Ciências Sociais, 2002. Disponível em: <http://www.aguas.ics.ul.pt/viana_peso.html>. Acesso em 30 de Maio de 2017.

BAUGHER-PERLIN, Sherene. Analyzing Glass for Chronology, Function and Trade Networks. In: DICKENS, Roy L. (Ed.). *Archaeology of Urban America*. New York: Academic Press, 1982, p.259-290.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, Diário Ilustrado. Disponível em: <<http://purl.pt/14328>>. Acesso em 01 de Outubro de 2016.

CASTRO, Mavignier de. *Síntese histórica da evolução de Manaus*. 2ª Edição. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1968.

COMMERCIO DO AMAZONAS. *Estação em Manaos*. Manáos, Terça-feira, 17 de outubro de 1891. Anno XXIII, N°58, p.3.

_____. *Água de Vidago*. Redactor-principal Alberto Moreira Junior. Redação, administração e oficinas – Rua Henrique Martins. E. U. do Brazil, Estado do Amazonas – Manáos. Terça-feira, 8 de janeiro de 1899. Anno XXXII, N°36, p.4.

_____. *Água de Vidago*. Redactor-chefe Dr. Gaspar Guimarães, director e proprietário Rocha dos Santos, gerente Armando Giovannini. Redação, administração e oficinas – Rua Henrique Martins. E. U. do Brazil, Estado do Amazonas – Manáos. Terça-feira, 25 de outubro de 1900. Anno XXXIII, N°70, p.3.

_____. *Movimento do porto*. Redactor-principal Alberto Moreira Junior. Redação, administração e oficinas – Rua Henrique Martins. E. U. do Brazil, Estado do Amazonas – Manáos. Domingo, 16 de janeiro de 1899. Anno XXXI, N° 374, p.2.

CORRÊA, M. V. de Miranda. *Da capela carmelita à Catedral Metropolitana de Manaus (AM): uma arqueologia da arquitetura*. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v.17, n.5/6, p.591-607, maio/jun. 2007.

COSTA, Diogo M. *Algumas abordagens teóricas na arqueologia histórica brasileira*. Arqueologia/Artigos, 2013. p.30-32.

COSTA, Rosa do Espírito Santo. *História do Amazonas*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1965.

DELCAMPE, Melgaço. 2017. Disponível em:

<https://www.delcampe.net/en_US/collectibles/search?search_mode=all&excluded_terms=&is_searchable_in_descriptions=0&is_searchable_in_translations=0&term=melga%C3%A7o&show_type=all&display_ongoing=ongoing&started_days=&started_hours=&ended_hours=&display_only=ongoing&min_price=&max_price=¤cy=all&seller_localisation=&view=&order=>> Acesso em 17 de julho de 2017.

DIÁRIO ILUSTRADO. *Águas Minerais de Melgaço*. Fundador: Pedro Correia da Silva. Editor Responsável: Luiz Augusto de Amorim. Lisboa, quarta-feira 27 de agosto de 1902. 31º ano, Nº 10:590, p.4. Disponível em: <http://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1902-08-27/j-1244-g_1902-08-27_item2/j-1244-g_1902-08-27_PDF/j-1244-g_1902-08-27_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1902-08-27_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf> Acesso em 11 de julho de 2017.

_____. *Garland Laidley & C.^a*. Fundador: Pedro Correia da Silva. Editor Responsável: Luiz Augusto de Amorim. Lisboa, quarta-feira 27 de agosto de 1902. 31º ano, Nº 10:590, p.4. Disponível em: <http://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1902-08-27/j-1244-g_1902-08-27_item2/j-1244-g_1902-08-27_PDF/j-1244-g_1902-08-27_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1902-08-27_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf> Acesso em 11 de julho de 2017.

_____. *Para o Pará e Manaus*. Lisboa, domingo 2 de junho de 1889. 18º ano, Nº 5:802, p.4. Disponível em: <http://purl.pt/14328/1/j-1244-g_1889-06-02/j-1244-g_1889-06-02_item2/j-1244-g_1889-06-02_PDF/j-1244-g_1889-06-02_PDF_24-C-R0150/j-1244-g_1889-06-02_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf> Acesso em 11 de julho de 2017.

DIAS, E. M. *A Ilusão do Fausto: Manaus – 1890-1920*. Editora Valer, Ed. Nº 2, 2007.

FIGUEIREDO, Heitor de (Org.). *Anuario de Manaos: 1913-1914*. Lisboa: Typographia da "A Editora Limitada", 1913.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação*. Revista de História da Arte e Arqueologia. UNICAMP, n.1, 1994. pp. 23-41.

_____. *Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica*. MNEME – Revista de Humanidades; Dossiê Arqueologias Brasileiras, v.6, n.13, dez.2004/jan.2005. 5p.

GHENO, D. Antônio; MACHADO, N. T. Galarce. *Arqueologia histórica – abordagens*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 58, p.161-183, jan./jun. 2013. Editora UFPR.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas em pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1989.

GLASSIE, Henry H. *Material Culture*. EUA: Indiana University Press, 1999.

GONÇALVES, Lopes. *Chorografia do Amazonas*. Rio de Janeiro: Typ. Lith. Pimenta de Mello & C.^a, 1922.

HILL, Sarah H. Na Examination of Manufacture-Deposition Lag for Glass Bottles from Late Historic Sites. In: DICKENS, Roy S. (Ed.). *Archaeology of Urban America*. New York: Academic Press, 1982, p.291-327.

JOHNSON, Matthew. *Teoría arqueológica – Uma introducción*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, Antero; FERRAZ, Susana. *O Edifício da Fonte Principal das Termas do Peso (Melgaço)*. A.C.E.R. – Associação Cultural e de Estudos Regionais, entidade parceira do Projecto Vale do Minho Digital, promovido pela Comunidade Intermunicipal do Vale do Minho, 2007. 18p. Disponível em: <[www. http://acer-pt.org/](http://acer-pt.org/)> Acesso em 18 de Setembro de 2015.

LEUZINGER, George. *Cidade de Manáos – Provincia do Amazona*. [Fotografia], Manaus, AM: [s.n.], [entre 1860 e 1870]. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon838419/icon838419.jpg> Acesso em 16 de agosto de 2017.

LIMA, Tânia Andrade. Arqueologia Histórica: algumas considerações teóricas. Comunicação apresentada ao I Seminário de Arqueologia Histórica. SPHAN/FNPM, outubro de 1985, Rio de Janeiro. 13p.

_____. *Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991)*. Anais do Museu Paulista, Nova Série, Nº1, 1993. p. 225-262.

LIVROS USADOS – antigos – raros, Termas. Disponível em: <<https://livrosusadosantigosraros.wordpress.com/category/termas/>>. Acesso em 01 de Outubro de 2016.

MCCRACKEN, Grant. *Cultura & Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Coleção Cultura e Consumo. Ed. MAUAD; Tradução Everardo Rocha, 2003.

MENDONÇA, Arminda; ANTONY, Hildebrando. A Sé Catedral de Manaus. In: *Série Memória Arqueologia/ Maria Arminda, ORG. [ET. AL]. - Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2013. p.11-12.*

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A cultural material no estudo das sociedades antigas*. Revista de História, n.115, USP, 1983. p.103-117.

MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910*. 3ª edição, Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.

O NORTE DO BRAZIL. *Hotel Borges*. Propriedade e redação de Pedro do Rego e Bertino Miranda. Publicação – segundas, quartas e sextas-feiras. Manáos, quarta-feira, 15 de agosto de 1888, Anno 1, Nº78, p.4.

ORSER JR., C. E. Introdução à Arqueologia Histórica. Belo Horizonte, 1992. Editora: Oficina de Livros.

PATRIMÔNIO CULTURAL, Parque Termal do Peso. 2013. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/6490763/>>. Acesso em 30 de Maio de 2017.

PROGRAMA OPERACIONAL FACTORES DE COMPETITIVIDADE, Aqualnov – A Inovação nas águas com gás. 2014. Disponível em: <<http://www.pofc.qren.pt/media/noticias/entity/aquainov--a-inovacao-nas-aguas-com-gas>>. Acesso em 30 de Maio de 2017.

QUINTELA, M. M. *Banhos que curam: Práticas Termais em Portugal e no Brasil*. Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa. Etnográfica, Vol. VII (1), 2003, p. 171-185.

_____. *Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz)*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1): 239-260, 2004.

SANTOS, P. A. da Graça. *Mensagens nas garrafas: o prático e o simbólico no consumo de bebidas em Porto Alegre (1875-1930)*. 2009. 185p. Tese (Doutorado em História na Área de Concentração das Sociedades Ibéricas e Americanas) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Doutorado Internacional em Arqueologia. Porto Alegre – RS, Brasil.

SANTOS, T. L. P. *Lugares de nossas memórias: A Baratinha*. XXVIII Simpósio Nacional de História – Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis-SC, 2015. 11p. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433264252_ARQUIVO_LugaresdenossasmemoriasANPUH.pdf> Acesso em 12 de Maio de 2017.

SEZINANDO, S. C. F. G. *Águas Minerais Naturais e Águas de Nascente de Portugal Continental*. Dissertação apresentada no Instituto Politécnico de Beja (IPBEJA), Escola Superior Agrária para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia do Ambiente. Beja, 2013.

SILVA, J. Machado da. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

SYMANSKI, L. C. Pereira. Arqueologia histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, W. Fagundes, Org.; MOI, F. Prado, Org. *Cenários regionais em arqueologia brasileira*. São Paulo: Annablume; Porto Seguro, BA: Acervo – Centro de Referência em Patrimônio e Pesquisa, 2009. p. 279-310.

TRIGGER, Bruce G. *História do pensamento arqueológico*. Tradução de Ordep Trindade Serra; revisão técnica Lucas de Melo Bueno, Juliana Machado. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

UNICER, Melgaço. 2015. Disponível em: <<http://www.unicer.pt/pt/home-pt/marcas/aguas/melgaco#26>>. Acesso em 30 de Maio de 2017.

VIDA DOMÉSTICA. *Melgaço – Estâncias Termas Portuguesas*. Revista brasileira, Nº 222, Setembro de 1936. Disponível em: < <http://minhodigital.com/news/fama-de-melgaco-e-das-suas>> Acesso em 17 de julho de 2017.

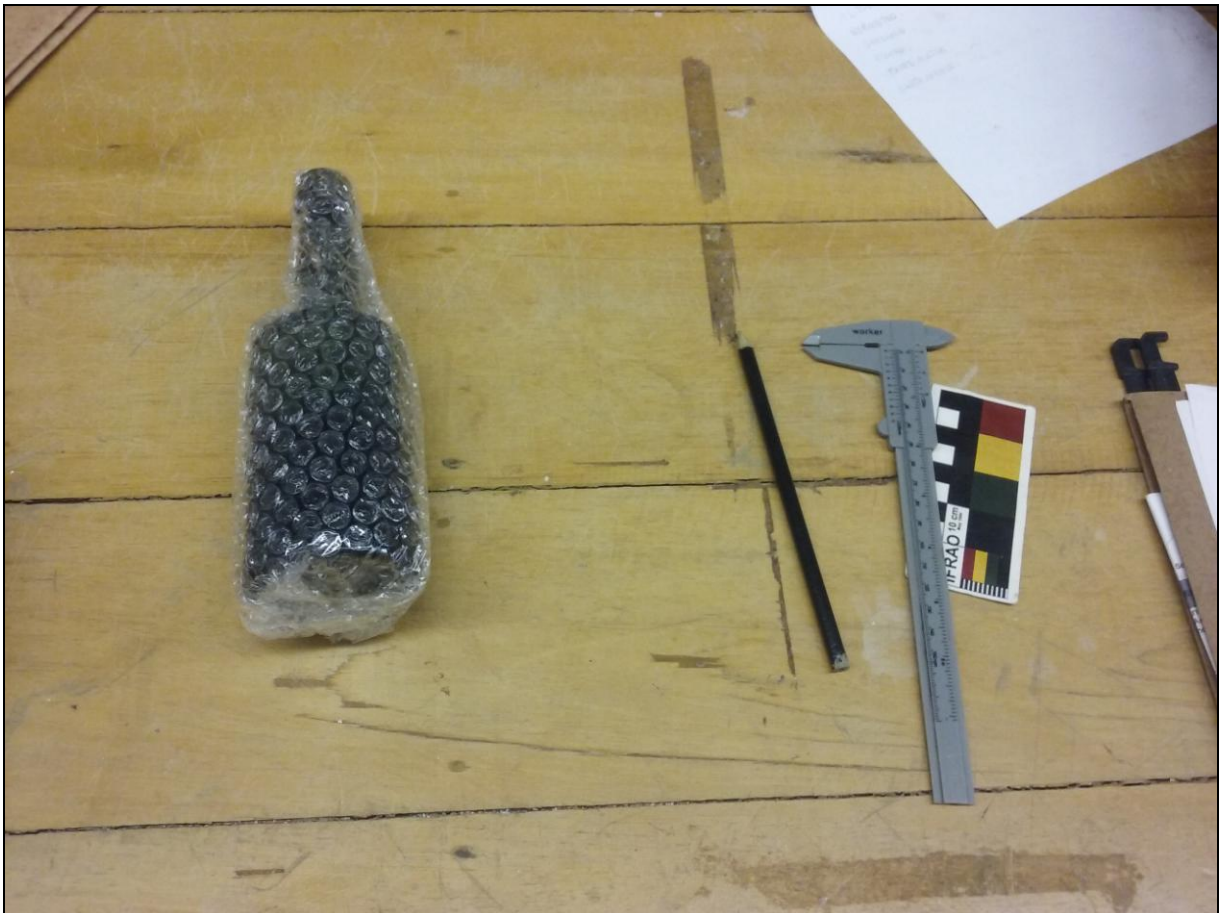
CAMPING TERMAS PESO. *Concelho de Melgaço – Década de '80 – Parque Campismo do Peso*. 2013. Arquivo audiovisual. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=sqTcFMIJIfI&t=1443s>> Acesso em 12 de julho de 2017.

APÊNDICES

Apêndice A – Garrafa de “Águas de Melgaço” na antiga exposição do Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM) – 3 de outubro de 2016.



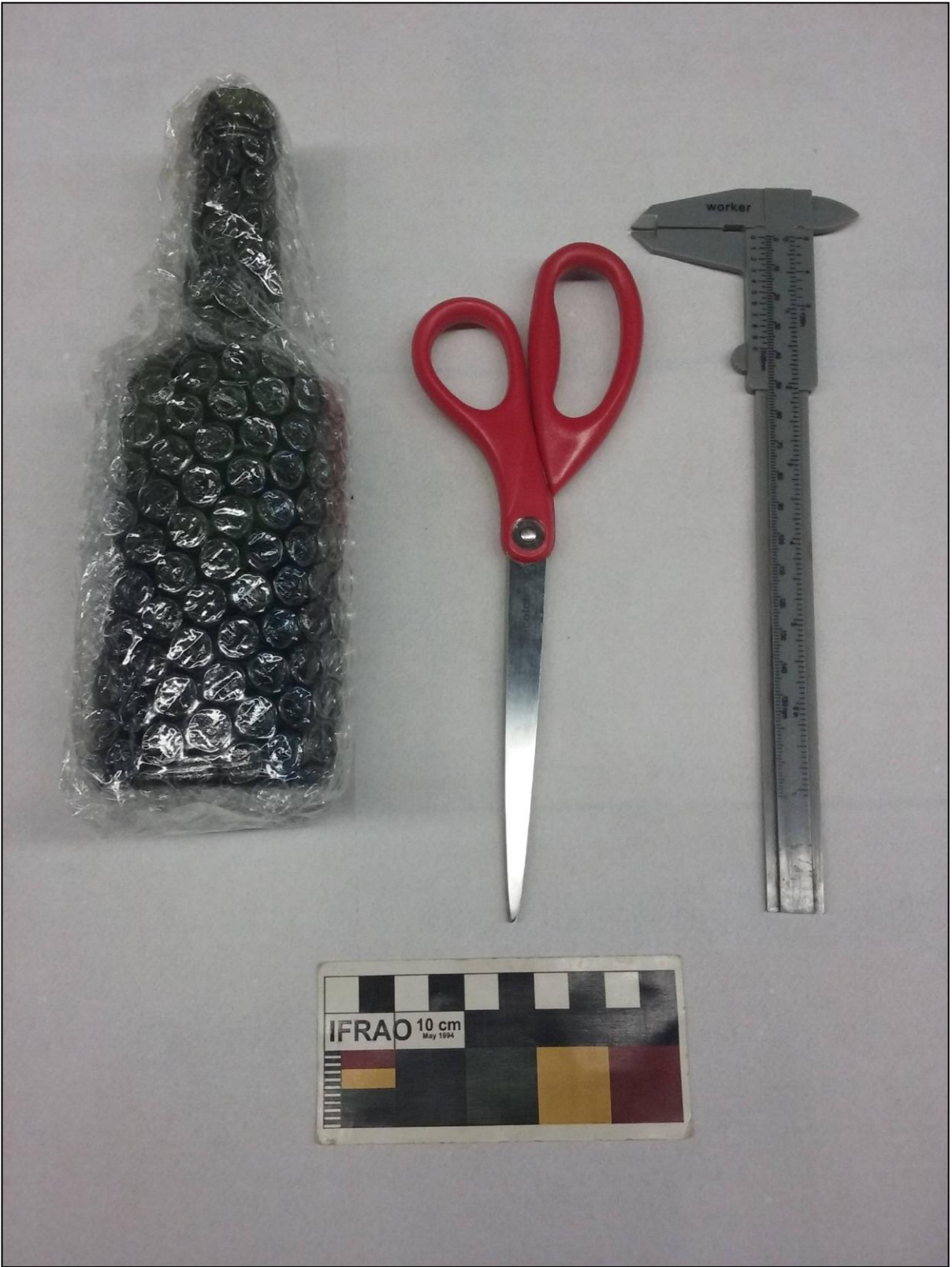
Apêndice B – Processo de medição do exemplar em laboratório – 24 de maio de 2017.

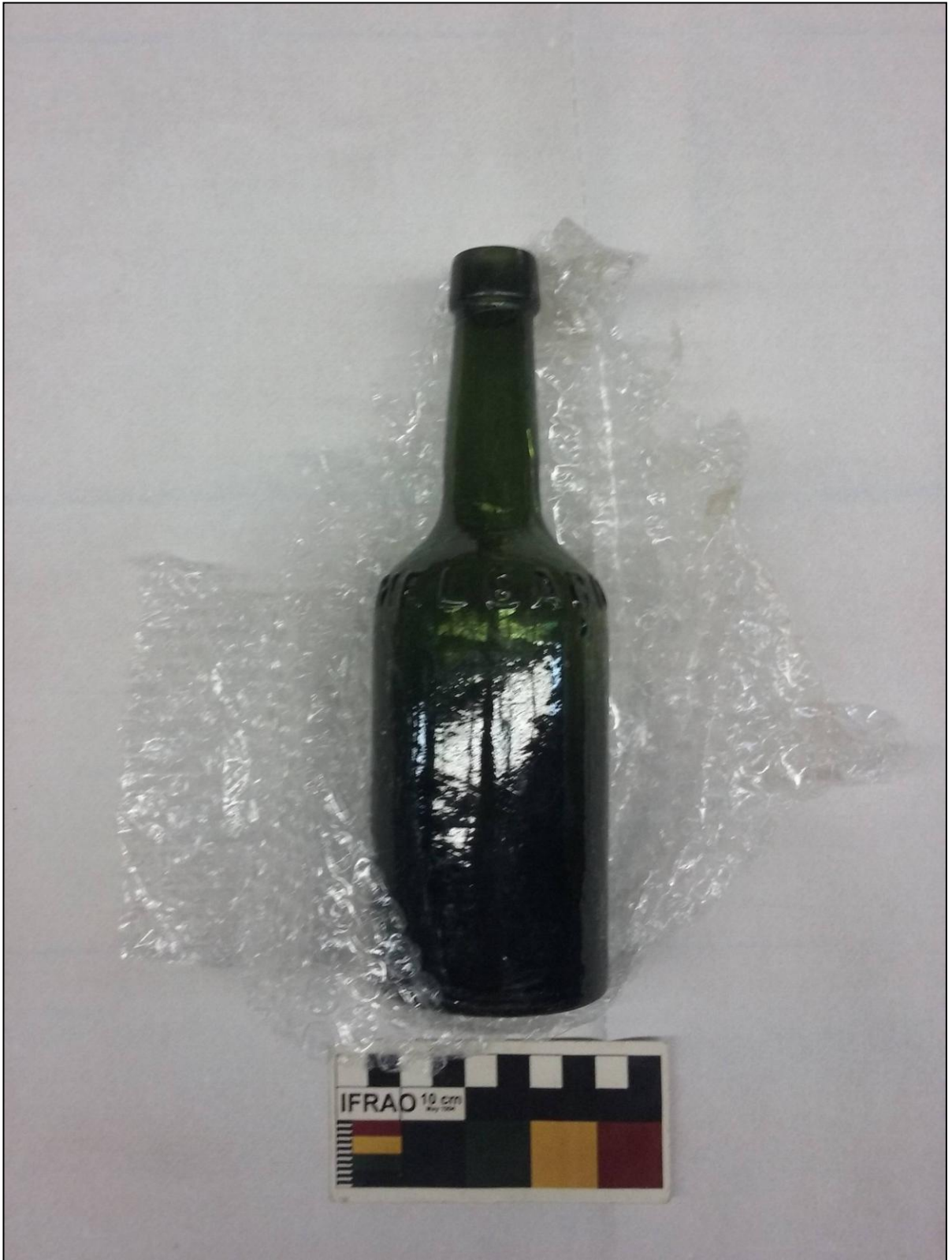


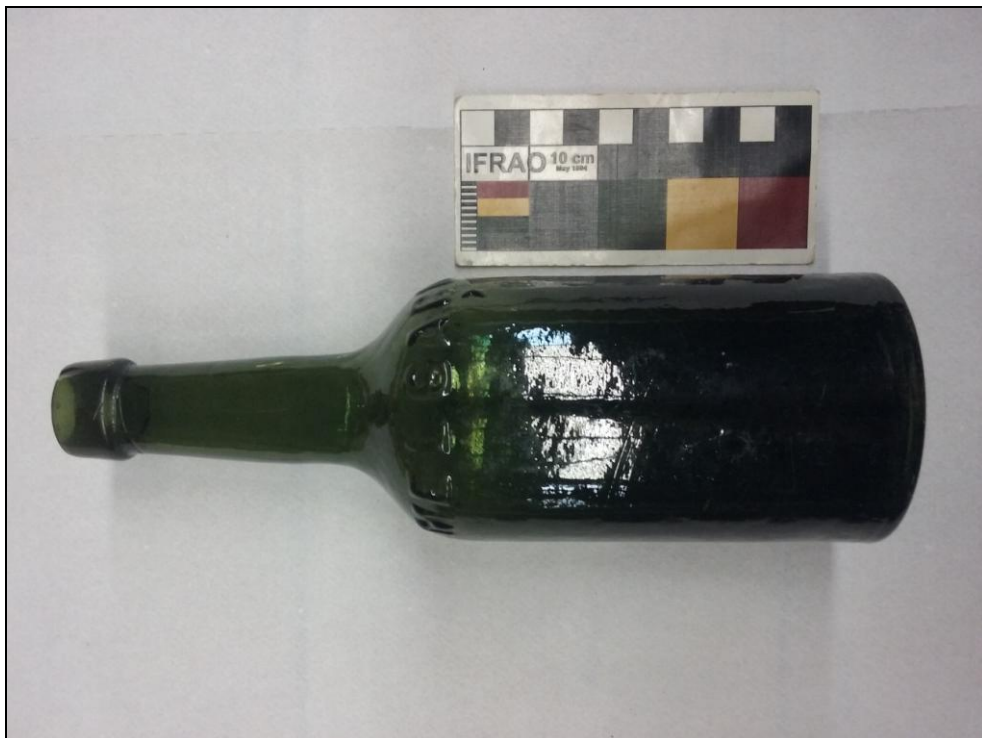
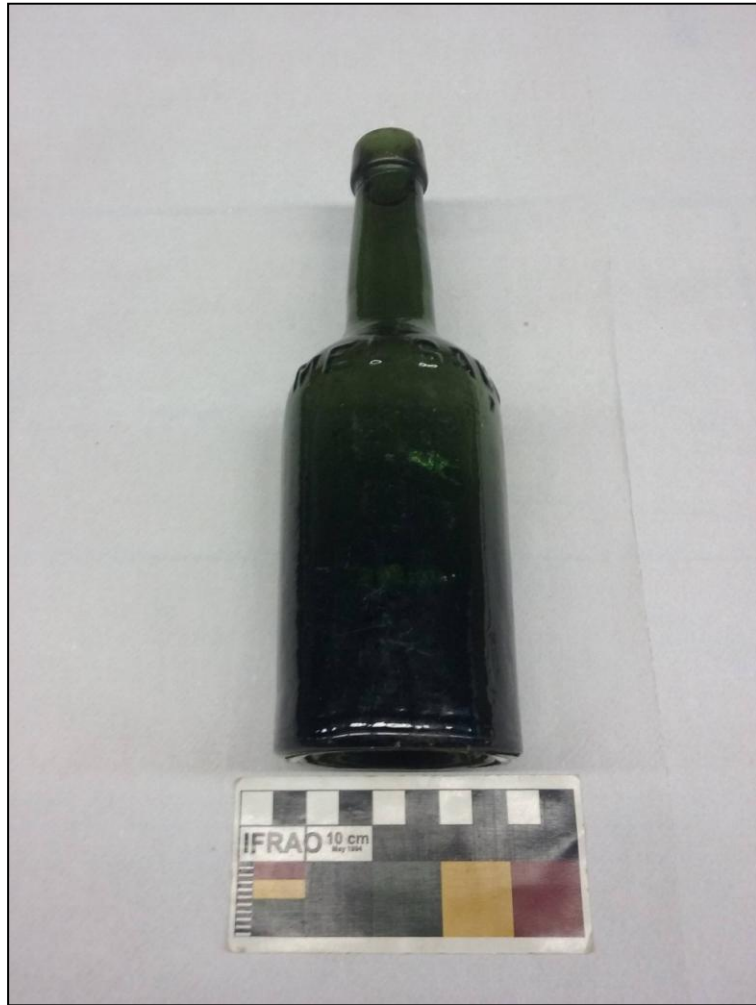










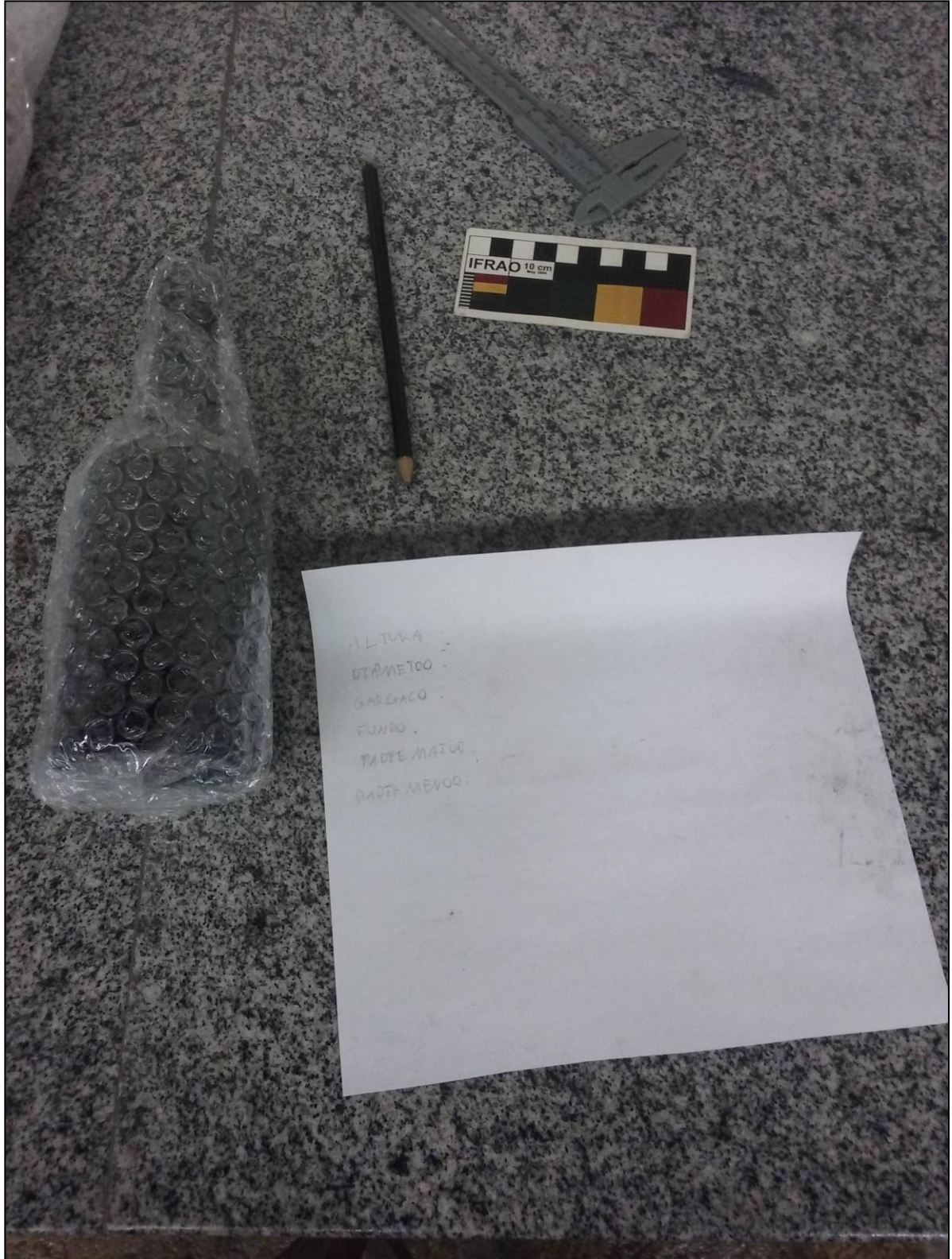








Apêndice C – Análise dos aspectos físicos em laboratório – 24 de maio de 2017.















PLANTILLA DE "FORMA DE MOLDO" / "SEÑALADO DEFINITIVO DE LA CUBIERTA"

ALTO: 10,00cm	ESTRUCTURA DE LA CUBIERTA
DIÁMETRO: 9,00cm	- 2 PUNTOS EN LA BARRA DE MOLDO (CON JUNTAS DE 200g)
ANCHO: 2,00cm	- 2 PUNTOS EN LA BARRA DE MOLDO (CON JUNTAS DE 200g)
ALTO: 4,00cm	* Construye "cuerpo" de la cubierta
PARTE SUPERIOR: 4,00cm	con un grosor de 200g
PARTE INFERIOR: 2,00cm	de 200g y un grosor de 200g
ESPESOR DE LA BARRA DE MOLDO: 0,50cm	de 200g y un grosor de 200g
PARTE DE LA BARRA DE MOLDO: 0,50cm	de 200g y un grosor de 200g

Apêndice D – Acondicionamento do artefato após manuseio – 24 de maio de 2017.



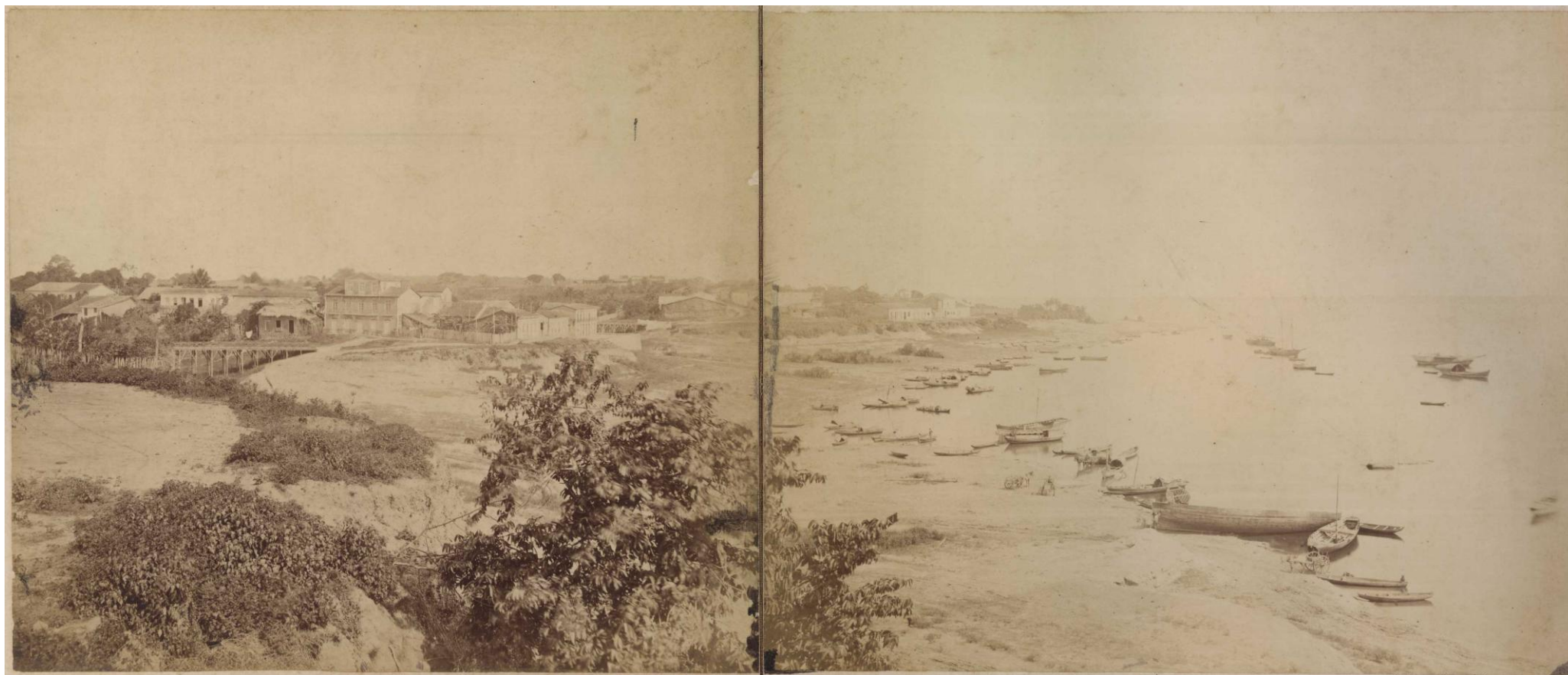


Apêndice E – Garrafa em visão frontal completa – 4 de outubro de 2016.



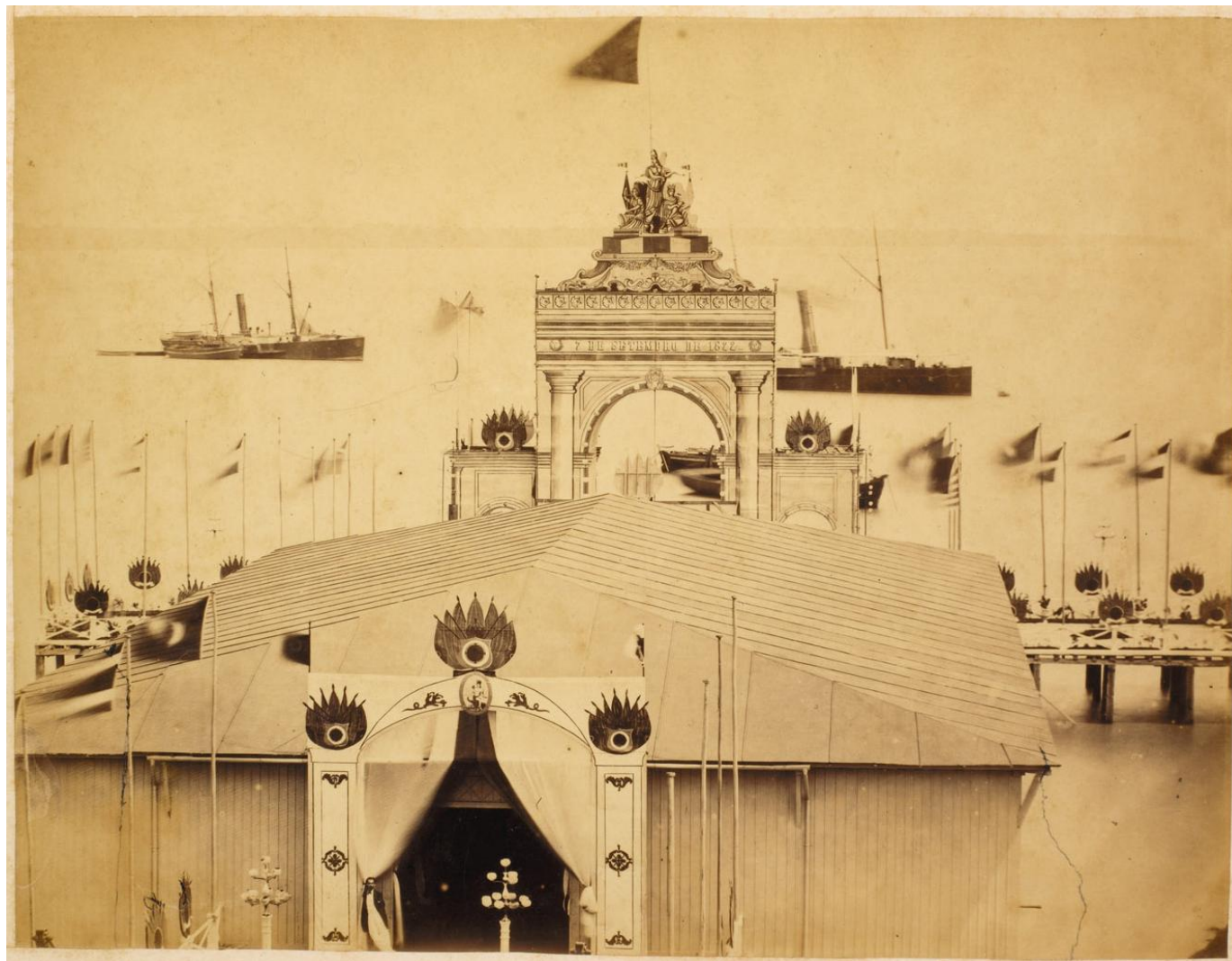
ANEXOS

Anexo 1 – Fotografia com o panorama da incipiente “Manáos” com vista da orla do Rio Negro, entre 1860 e 1870.



Fonte: LEUZINGER, [entre 1860 e 1870].

Anexo 2 – Fotografia do Arco da Companhia do Amazonas em 1867, logo quando da sua abertura.



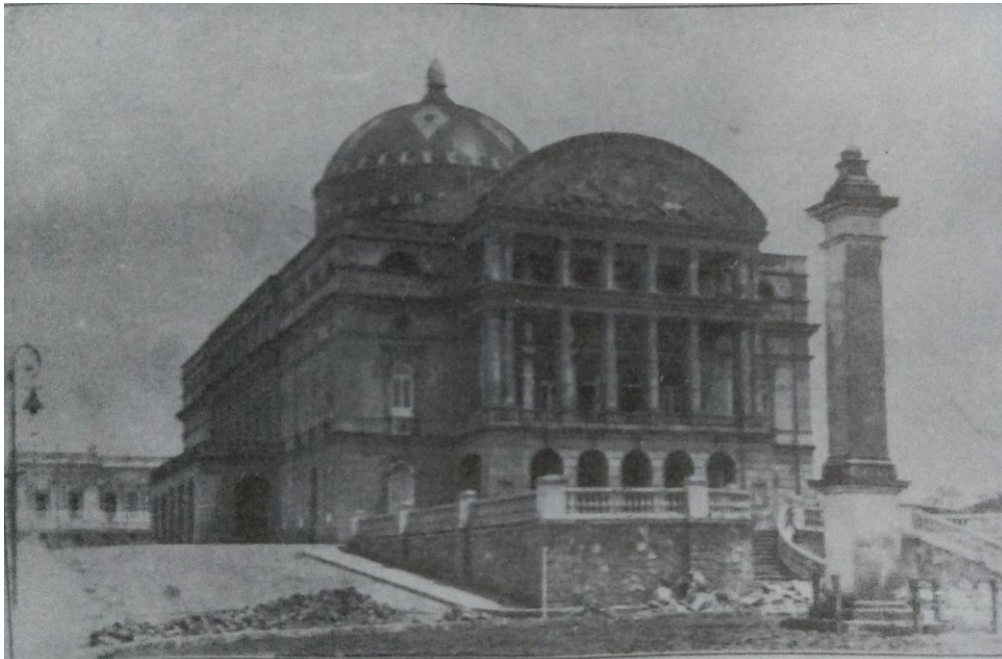
Fonte: ARCO DA COMPANHIA DO AMAZONAS, 1867.

Anexo 3 – Fotografia da antiga Praça de São Sebastião tomada do alto da igreja de mesmo nome, onde é possível ver o antigo Monumento à Abertura dos Portos e panorama para o rio (1889).



Fonte: Acervo do IGHA.

Anexo 4 – Fotografia tomada da Praça de São Sebastião. Aparecem o monumento em forma de coluna e o quase terminado Teatro Amazonas (1895-1896).



Fonte: Acervo do IGHA.

Anexo 5 – Fotografia da vista da Praça 15 de Novembro e antigo Porto, em 1899.



Fonte: Acervo do IGHA.

Anexo 6 – Fotografia do lado oeste do antigo Porto, em 1899.



Fonte: Acervo do IGHA.

Anexo 7 – Fotografia do lado leste do antigo Porto, em 1899.



Fonte: Acervo do IGHA.

Anexo 8 – Fotografia da Construção do Porto de “Manáos” em 1900.



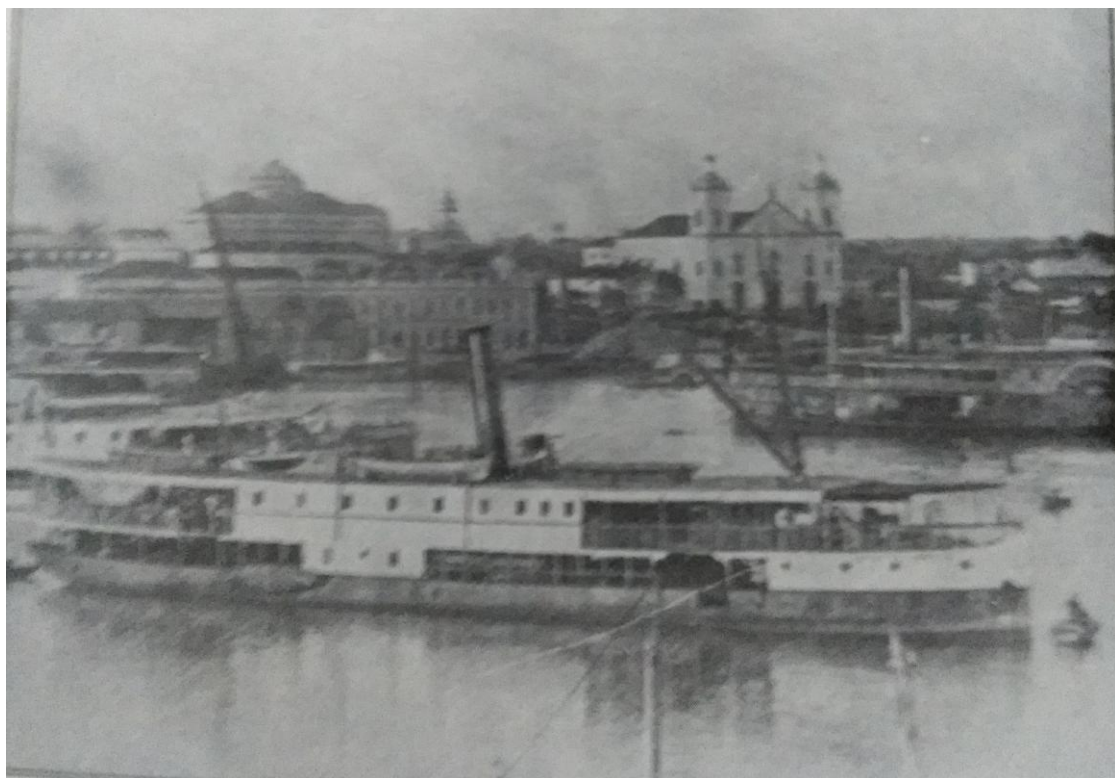
Fonte: Acervo do IGHA.

Anexo 9 – Fotografia do recém-construído Porto de “Manáos”, tirada em 1900.



Fonte: Acervo do IGHA.

Anexo 10 – Fotografia de um Navio deixando o porto em 1900.



Fonte: Acervo do IGHA.

Anexo 11 – Fotografia da chegada de embarcação no Roadway flutuante da M. H. Ltd., em 1912-1913.



Fonte: FIGUEIREDO, 1913, p.40.

Anexo 12 – Fotografia do Roadway flutuante e embarcações partindo, foto de Silvino Santos na década de 1920.



Fonte: Acervo do IGHA.

Anexo 13 – Informe em jornal sobre a movimentação do porto em outubro de 1891.

ESTAÇÃO EM MANAOS			
SABIDAS		ENTRADAS	
DIAS DO MEZ	NOME DAS LINHAS	DIAS DO MEZ	NOME DAS LINHAS
3	Iquitos . .	3	Iquitos
5	Rio Juruá	5	Rio Juruá
9	Rio Negro	18	Rio Negro
9	Belem	6	Belem
12	Rio Madeira.	12	Rio Madeira
19	Belem	16	Belem
23	Rio Purús	23	Rio Purús
29	Belem	26	Belem

Amazon S. N. Company Limited
INDICAÇÃO dos dias das saídas e entradas dos paquetes d'esta Companhia, relativas as linhas abaixo declaradas.

Este paquete segue para o rio Purús até a cachoeira, no dia 23 do corrente as 5 horas da tarde,
 Recebe carga até o dia 22, encomendas e passageiros até 3 horas da tarde do dia da saída.
 Manaus, 20 de Outubro de 1891.

Amazon Steam N. Company Limited
V. MAUA'

Fonte: COMMERCIO DO AMAZONAS, 1891, p.3.

Anexo 14 – Relação informativa de entradas e saídas no porto para janeiro de 1899, com destaque para as linhas internacionais.

MOVIMENTO DO PORTO	
ENTRADAS	
«Parintins» de Belem.....	13
«Cidade de Faro» do Madeira...	13
«Rosalia» de Autaz.....	13
«Badajós» de Mauacapuru.....	13
«João Alfredo» de Iquitos.....	14
«Minerua» do Juruá.....	14
«Nhamundá» de Badajós.....	14
«Cauré» do Baixo Amazonas....	14
SÁIDAS	
«Conde d'Eu» para Belem....	12
«P. de Moraes» para Belem....	12
«Jerôme» para Liverpool.....	14
ESPERADAS	
«Ucayali» de Liverpool.....	hoje
«Huberto» de Liverpool.....	»
«Manaus» do Sul.....	17
«Granjense» de New-York.....	17
«Obidense» de Liverpool.....	24
«D. Amélia» de Lisboa.....	24
A SAIR	
«Marary» para o Rio Branco...	15
«Hercules» para o Madeira.....	15
«Rosalia» para o Autaz.....	16
«Lontra» para Mauacapuru....	16
«Douro» para o Juruá.....	17
«Polycarpo» para New-York....	17
«Hercules» para o Madeira.....	17
«Bilontra» para Janauacá.....	17

Fonte: COMMERCIO DO AMAZONAS, 1899, p.2.

Anexo 15 – Quadro estatístico da movimentação portuária para o ano de 1912.

Estatística Geral do anno de 1912

(Serviço especial da Revista da Associação Commercial)

Movimento do porto de Manaos, durante o anno de 1912

ENTRADA												SAHIDA															
MEZES	ESPECIE					NACIONALIDADE					TOTAL	MEZES	ESPECIE					NACIONALIDADE					TOTAL				
	Vapores	Hiates	Canhoneiras	Avisos	Lanchas	Canóas	Brazileira	Ingleza	Allema	Peruana			Americana	Hespanhola	Vapores	Serraria	Canhoneiras	Avisos	Lanchas	Canóas	Brazileira	Ingleza		Allema	Peruana	Americana	Hespanhola
Janeiro.....	95	—	2	—	38	19	138	13	3	—	—	—	154	Janeiro.....	94	—	—	—	33	19	132	12	2	—	—	—	146
Fevereiro ...	95	—	—	—	31	31	145	10	2	—	—	—	157	Fevereiro ..	95	—	—	—	34	31	148	10	2	—	—	—	160
Março.....	89	—	—	2	39	16	131	13	2	—	—	—	146	Março.....	90	—	1	1	51	16	148	9	2	—	—	—	159
Abril.....	88	—	—	1	38	15	129	10	2	1	—	—	142	Abril.....	91	—	—	1	42	13	131	13	2	1	—	—	147
Maió.....	114	—	—	—	56	19	174	12	2	1	—	—	189	Maió.....	104	—	2	—	47	21	162	10	2	—	—	—	174
Junho.....	84	—	—	1	45	7	123	12	2	—	—	—	137	Junho.....	78	—	—	2	41	7	113	12	2	1	—	—	128
Julho.....	61	—	2	1	45	5	102	10	2	—	—	—	114	Julho.....	64	—	—	—	41	5	97	11	2	—	—	—	110
Agosto....	66	—	—	2	39	6	100	11	2	—	—	—	113	Agosto.....	65	—	—	2	34	5	94	10	2	—	—	—	106
Setembro...	62	—	—	—	34	6	88	13	1	—	—	—	102	Setembro...	65	—	—	—	36	6	95	11	1	—	—	—	107
Outubro....	76	—	—	—	30	9	104	9	2	—	—	—	115	Outubro....	77	1	—	—	40	10	114	12	2	—	—	—	128
Novembro...	80	—	—	—	35	13	117	11	1	—	—	—	129	Novembro..	80	—	—	1	35	13	117	11	1	—	—	—	129
Dezembro...	100	—	—	1	41	14	143	10	2	—	—	—	155	Dezembro..	103	—	—	1	28	14	133	11	2	—	—	—	146
	1.010	—	4	8	471	160	1.494	134	23	2	—	—	1.653		1.006	1	3	8	462	160	1.484	132	22	2	—	—	1.640

Fonte: FIGUEIREDO, 1913, p.56.

Anexo 16 – Anúncio comercial da agência lotérica “Vale quem tem”.



VALE QUEM TEM

Agencia geral das Loterias Nacionaes do Brazil
e de livros, revistas
e jornaes illustrados de quasi todo o mundo

Já se não discute mais a importancia da
VALE QUEM TEM
entre todas as casas do genero, no norte do Brazil

**Vendem-se sortes todos os dias,
e é sempre notavel o augmento de freguezia,
convencida da ingenita felicidade
da VALE QUEM TEM**

PROPRIEDADE E EXCLUSIVA DIRECÇÃO DE
J. D'OLIVEIRA FRANÇA

SÉDE: Rua Municipal, n.º 75
Caixa postal n.º 450 — End. teleg.: JOFRAN — Telephone n.º 133
MANAOS — AMAZONAS

Anexo 17 – Anúncio de hotel português em jornal de “Manáos” no ano de 1888.

HOTEL BORGES

N'este hotel encontram-se boas accomodações para familias

SENDO ESTA A SUA ESPECIALIDADE

—————

QUARTOS PARA HOSPEDES DESDE 1:200 RÉIS
PARA CIMA

ESTA SITUADO NO CENTRO DA CAPITAL

BANHOS E CARROAGENS POR PREÇOS MUITO BASOAVEIS

CHIA DO

ENTRADA PELA RUA SERPA PINTO, 131

LISBOA

Fonte: O NORTE DO BRAZIL, 1888, p.4.

Anexo 18 – Anúncio da “Água de Vidago” em jornal manauara, ano de 1899.

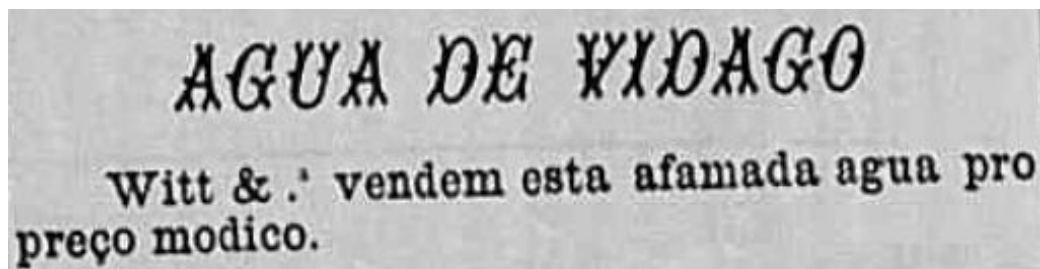
Água de Vidago

Witt & Comp. acabam de receber uma
partida desta afamada
água mineral em garrafas de 1/2 litro e 1/4
de litro.

RUA MARQUEZ DE SANTA CRUZ N. 2.

Fonte: COMMERCIO DO AMAZONAS, 1899, p.4.

Anexo 19 – Pequeno anúncio da “Água de Vidago” no jornal Commercio do Amazonas em 1900.



Fonte: COMMERCIO DO AMAZONAS, 1900, p.3.

Anexo 20 – Anúncio de vapor saindo da capital portuguesa com destino ao Pará (Belém) e Manaus no ano de 1889.

Para o Pará e Manaus

Sairá depois de pouca demora em Lisboa o vapor inglez MANANENSE, que se espera em 13 de junho.

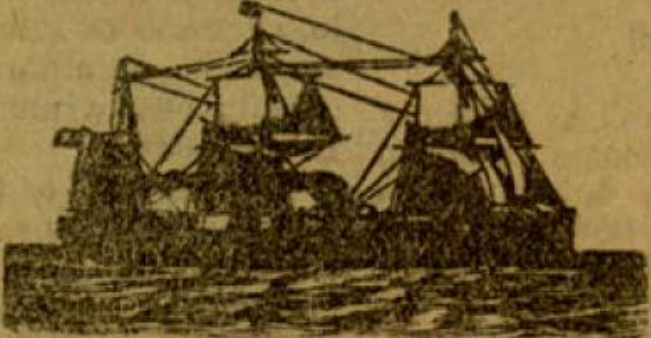
Para carga ou passagens trata-se na rua do Alecrim, 10.

Os agentes
Garland Laidley & C.ª 7

Fonte: DIARIO ILLUSTRADO, 1889, p.4.

Anexo 21 – Anúncio de passagens de Portugal para Manaus em 1902.

GARLAND LAIDLEY & C.^o



Paquetes a sair de Lisboa

<i>Cametense</i>	Pará e Manaos (via Madeira)	29 agosto
<i>Bolivar</i>	Iquitos	2 Setembro
<i>Astor</i>	Pernambuco e Parahyba do Norte e Natal	3 »
<i>Clement</i>	Havre e Liverpool	3 »
<i>Obidense</i>	Pará e Manãos (via Madeira)	5 »

O desembarque immediato dos passageiros no Pará é feito pelo vapor PASSAGEIRO, por conta das companhias.

Os paquetes que vão para o Havre recebem passageiros para Londres e Paris com direito a passagem de 1.^a classe no comboio.

Preços: para Londres, Liverpool, e Paris, 6 libras, bilhete de ida e volta, 10 libras; para o Havre, 5 libras e ida e volta 8 libras.

Para carga, passagens e outros esclarecimentos dirigirem-se aos agentes—Rua do Alecrim, n.º 10, 1.º andar.

Garland Laidley & C.^o

Fonte: DIARIO ILLUSTRADO, 1902, p.4.

Anexo 22 – Cartão Postal com fotografia do Grande Hotel Ranhada na década de 1910, primeiro complexo de prédios construído na área do Peso.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 23 – Cartão postal com fotografia do Hotel Ranhada, em 1920-1930.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 24 – Cartão postal com ilustração do Hotel Quinta do Pezo (Novo Hotel), na década de 1910.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 25 – Cartão postal com fotografia do Grande Hotel do Pezo (Quinta do Pezo) em 1910-1920.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 26 – Fotografia de aqistas no Grande Hotel do Pezo em 1910-1920.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 27 – Cartão Postal com ilustração do Novo Hotel no início de 1900.



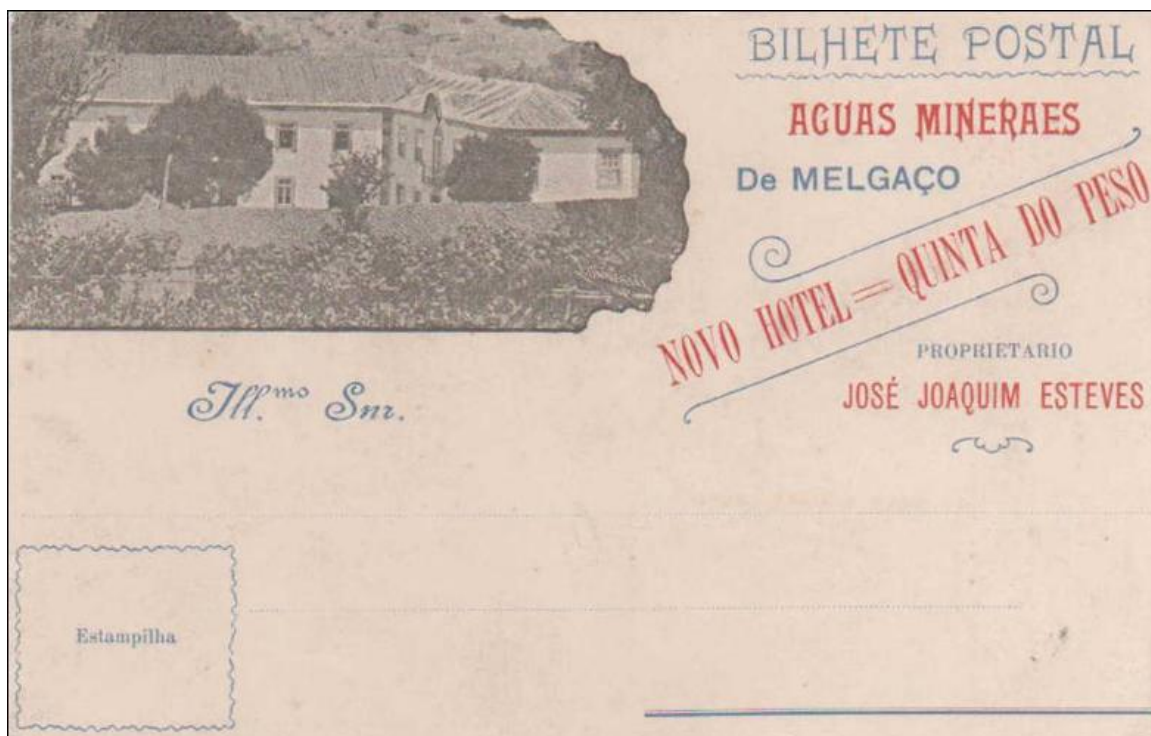
Fonte: DELCAMPE, 2017

Anexo 28 – Cartão Postal do Grande Hotel do Pezo, década de 1910.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 29 – Cartão postal com fotografia do Novo Hotel na década 1920.



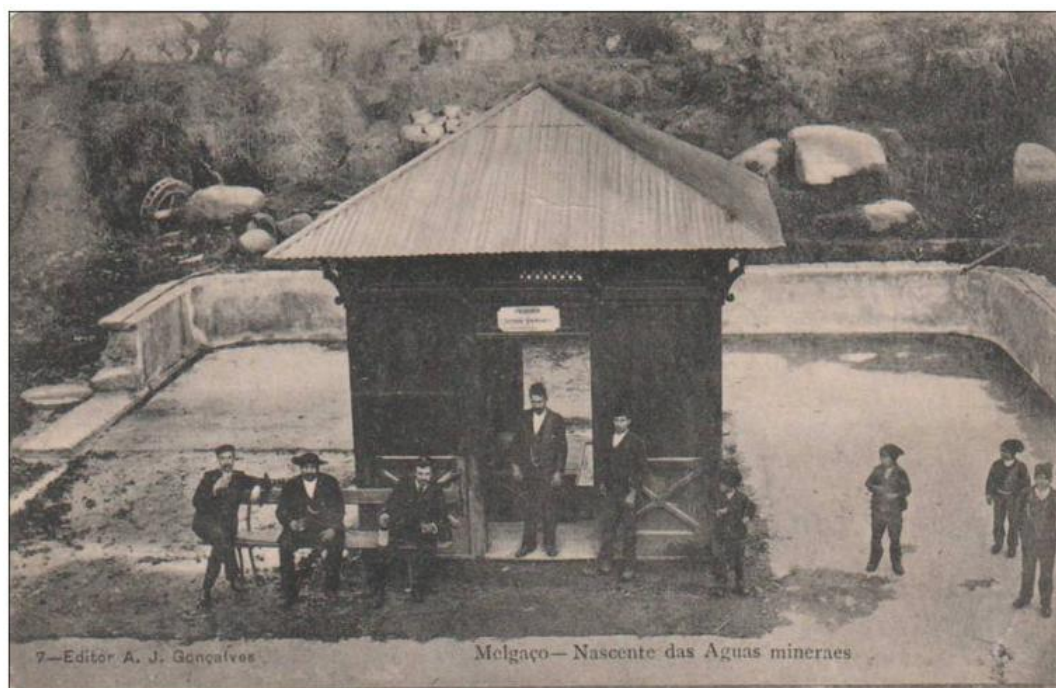
Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 30 – Cartão postal da Cia. Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas da década de 1930-1940.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 31 – Cartão postal com fotografia do primeiro abrigo da fonte das águas de Melgaço em 1880-1890, antes da construção do Parque Termal.



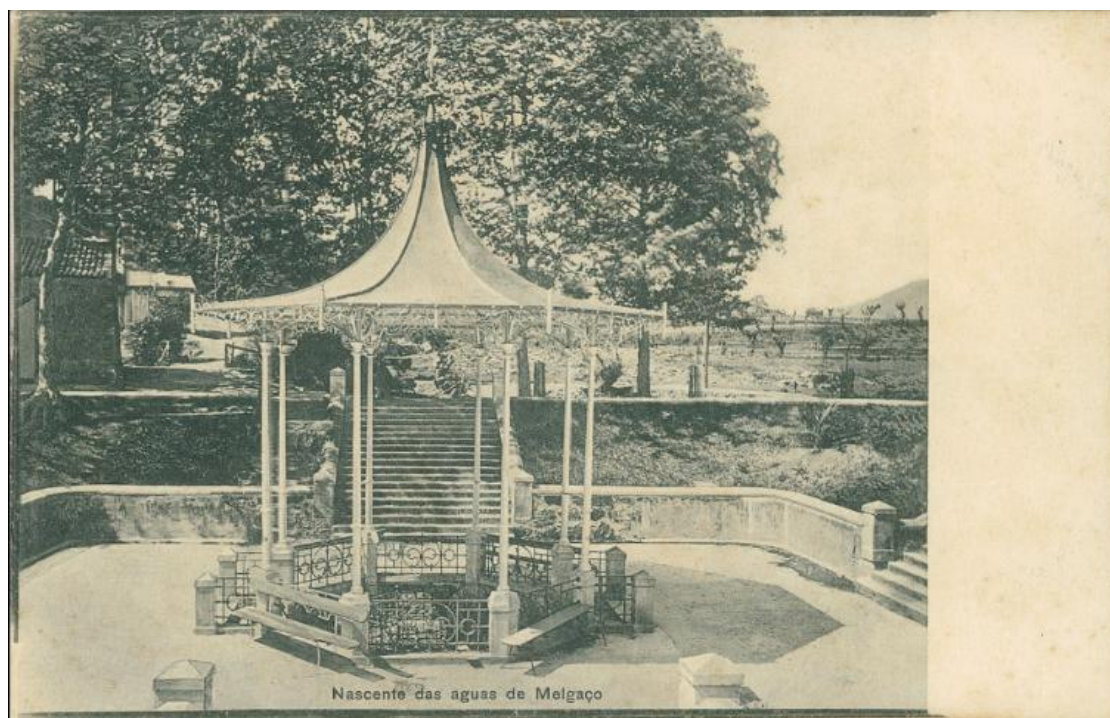
Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 32 – Cartão postal com fotografia do abrigo da fonte principal finalizado, em 1890-1900.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 33 – Cartão postal com fotografia da fonte principal na década de 1900.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 34 – Cartão postal com fotografia do edifício da fonte principal em acabamento, ano de 1908-1909.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 35 – Cartão postal com fotografia do edifício da fonte já finalizado na década de 1920.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 36 – Cartão postal com fotografia do pavilhão no edifício da fonte, anos 1980.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 37 – Cartão Postal com fotografia do edifício do balneário das águas do Pezo na década de 1910.



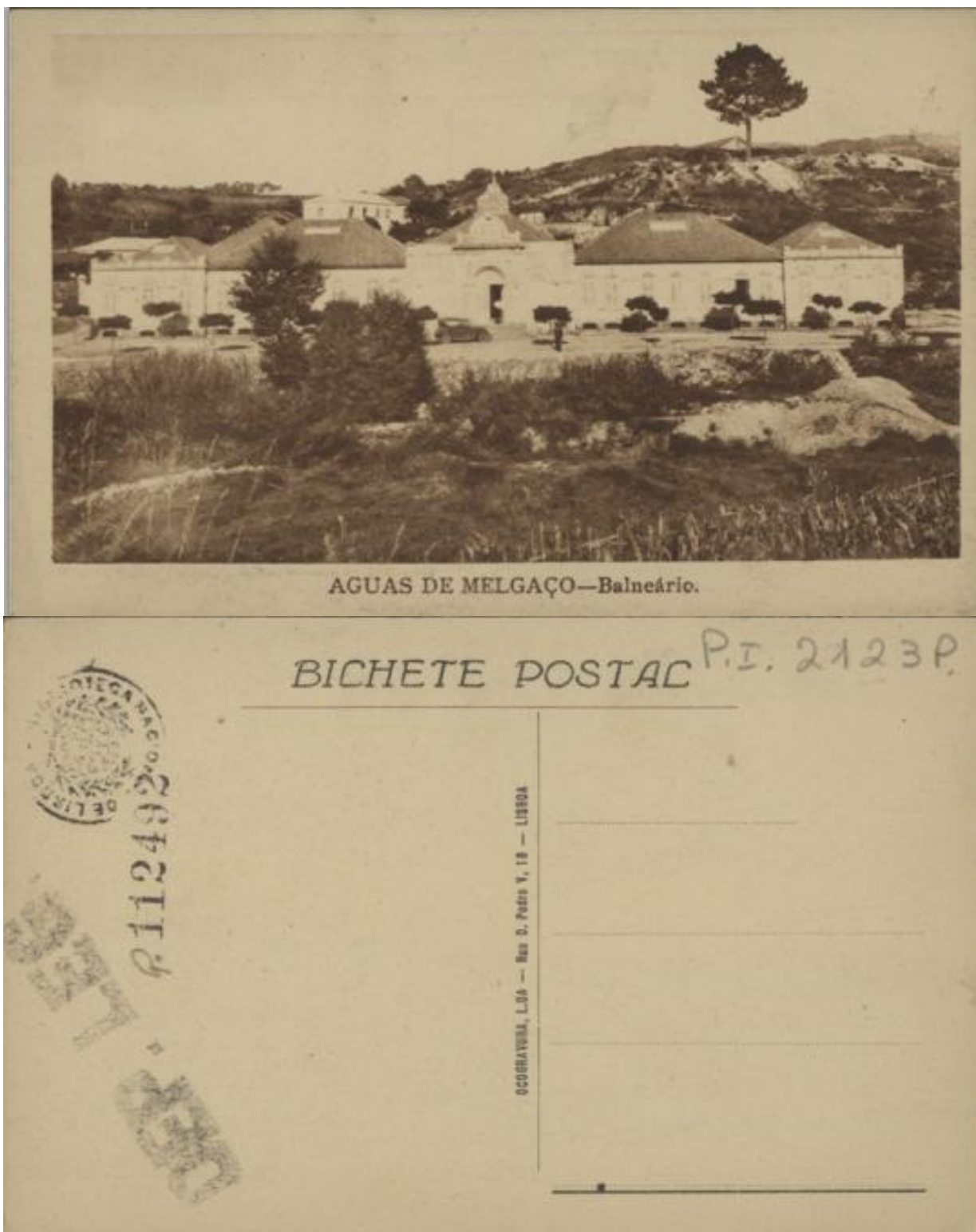
Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 38 – Ilustração do Parque e Balneário da estância termal de Melgaço feita por Edmundo Correia Lopes em seu livro *Melgaço Estância Termal*, em 1949.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 39 – Cartão postal com fotografia do balneário do Pezo nos anos 30 (1933?).



Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL DE POTUGAL, 2015.

Anexo 40 – Diário do governo português acerca das “Águas de Melgaço”.

Terça-feira 2 de Janeiro de 1917

I Série — Número 1



DIÁRIO DO GOVERNO

Toda a correspondência, que dê lugar a qualquer resultado à assinatura do Diário do Governo e à publicação de notícias, deve ser dirigida à Direcção Geral da Imprensa Nacional, bem como os periódicos que trouxerem com o mesmo Diário.

ASSINATURAS	
At 3.ª série	182
A 1.ª série	82
A 2.ª série	82
A 3.ª série	52

O preço dos anuais é de \$18 a libra, acco-
modo de \$91 de milia por cada um, devendo vir
acompanhados das respectivas importações. As
publicações literárias do que se resultam 2 exem-
plares associam-se gratuitamente.

Preços dos bilhetes

Bilhetes de admissão para uso das águas, internamente, válidos por espaço de trinta dias, pessoais e intransmissíveis, incluindo a consulta, a que se refere o artigo 21.º deste regulamento, e duas análises de urina, sendo uma à entrada e outra no fim do tratamento

Para médicos

Para praças de pré da armada, exército ou guarda fiscal

Para pobres

3\$50	Grátis	Grátis	Grátis
-------	--------	--------	--------

Preços das águas, em garrafas, para exportação

Garrafas de 1/4 de litro	\$09
Idem de 1/2 litro	\$13
Idem de litro	\$17

Enchimentos

De garrafas de 1/4 de litro	\$04
Idem de 1/2 litro	\$06
Idem de litro	\$08

Enchimentos em garrafas, de rolha mecânica, para serem usadas na localidade e fora do edificio das nascentes

Garrafas de 1/4 de litro	\$20
Idem 1/2 litro	\$30
Idem de litro	\$40

Preço de consultas

Consultas a pobres	Gratis
Ditas, por doença intercorrente	\$50

Visitas nos domicílios dos doentes

De dia	1\$00
De noite	2\$00

Análises quantitativas com o resultado escrito

Cada uma	2\$50
Relatório da doença	3\$00

Operações, conferências e análises especiais, conforme a sua importância e trabalho.

Pela Empresa das Águas Minerais de Melgaço,
o Gerente, João Pires Teixeira.

Anexo 41 – Capa do livro dos médicos António Duro e Charles Lepierre acerca das águas medicinais de Melgaço, impresso na cidade de Porto em 1915.



Fonte: LIVROS USADOS, 2016.

Anexo 42 – Propaganda das “Águas de Melgaço” em jornal português de 1902.

Aguas Mineraes de Melgaço
Ferruginosas, alcalino-gazozas lithineferas
As melhores para a cura da diabetes, padeci-
mentos de estomago,
intestinos, figado, rins e bexiga
O Grande Hotel do Pezo oferece aos srs. aguistas todas
 as commodidade, que se po-
 dem exigir em um hotel, tendo casa para banhos, duchas, chuva quente
 e frias. Teatros, salão de oihar, leitura, theatro, capella para dizer
 missa e parque para recreio.
 Proprietario—Antonio Ranhada, Monsão: Pezo. Endereço telegraphi-
 co. Me. aço. Pezo.
Para informações, no deposito das aguas, rua
dos Bacalhoeiros, 129 a 133, Lisboa.

Fonte: DIARIO ILLUSTRADO, 1902, p.4.

Anexo 43 – Propaganda com ilustração do edifício da fonte nos anos 1920.

Aguas de
MELGAÇO
A Salvação dos
diabéticos

ÉPOCA TERMAL DE
JUNHO A
OUTUBRO

MODERNAS INSTALAÇÕES
 BALNEOTERAPICAS

HOTEIS
 COM REGIMENS DIETÉTICOS
 APROPRIADOS

INFORMAÇÕES: VIDAGO MELGAÇO & PEDRAS SALGADAS-PORTO Caneia Velha, 29 LISBOA: Av. da Liberdade, 132



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 44 – Rótulo de uma garrafa de “Águas de Melgaço” dos anos 1930, mostrando ilustração do edifício da fonte principal (pavilhão da nascente) e análises realizadas em 1933 pelo Prof. Charles Lepierre.

DEPOSITO EM LISBOA: AV. DA LIBERDADE, 132

DEPOSITO NO PORTO: CANCELA VELHA, 31

AGUA MINERO-MEDICINAL DE MELGAÇO

HIFOTERMAL.
Mesosalino-Bicarbonatada
cálcica e mixta.
(Cálcica, Magnésica, Sódica, Litínica, etc.)
Muito gazo-carbónica.

É a mais rica das águas
bicarbonatadas cálcicas portuguesas
e pertence a um tipo de água que
não tem equivalentes em Portugal.
Radioactiva (Radon e Ródio)

FONTE PRINCIPAL
ANALISE de Prof. Charles Lepierre (1933)

Água carbonatada total (CO₂) 0,60 grs. por litro (0,6%)
Temperatura 16,7° C. Concentração Magnésica 75 mg. por litro
Salina Clorídica 0,20 grs. por litro (0,2%) Balação total 1,80°-1,30° gr. por litro
Reatividade a 15° 39 Vol. Acidez total 24,75 centesim. por litro

FOR LITRO

ANÍONS VOLÁTEIS mg.	CATIÕES 50,0° mg.
Água carbonatada CO ₂	157,9 mg.
Cálcio cálcico	27,5
• sódio	14,2
• magnésio	42,8
• potássio	7,3
• ferro	8,0
• lítio	2,5
• mangani	1,4

Radio 11,26° gr. Fósforo 1,80° centes. Silica 48 mg.

ANALISE DE NASCENTE

FONTE PRINCIPAL
7 Gradus Frensis
27 Gradus de Celsi - 8 Dalton

Análise por Charles Lepierre, Prof. do Instituto de Higiene e do Instituto Superior Técnico de Lisboa, da Academia de Ciências de Lisboa e da International Society of Medical Meteorology.

Única no tratamento do diabetes

Útilíssima nas doenças gastro-intestinaes, em especial diarréas, etc.; nas doenças do aparelho digestivo (dyspepsias, úlceras do estomago, constipações, etc.); do aparelho urinário (grietas, albuminúria, etc.); da circulação (arteriosclerose, etc.); e de sistema nervoso (neurastenia, histeria, etc.).

BACTERIOLOGICAMENTE PURÍSSIMA

AGRADABILÍSSIMA COMO BEBIDA SIMPLES OU MISTURADA COM VINHO OU LEITE

© 1934 - PORTO

Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 45 – Propaganda da marca e hotéis relacionados ao Pezo, ano de 1934.

Aguas de Melgaço

Grande Hotel do Pezo – Novos e importantes melhoramentos, agua corrente nos quartos, «appartements» com quarto, banho e W. C. privativa.

Apesar de ser o hotel que oferece melhores condições de hygiene e confôrto, os seus preços são modicos.

Sumptuoso parque, primoroso serviço de mesa, dieta sem aumento de preço na diária, luz electrica e telefone. É o mais proximo das nascentes, sendo o UNICO desviado do pó da estrada por sua privilegiada situação, já que está instalado na magnífica Quinta do Pezo—Telefone n.º 7.

Grande Hotel Aguas de Melgaço

—«Ranhada»—situado em magnífico local, com belo panorama. Esplanada frondosamente arborizada, luz electrica, estação telegrafo-postal e telefone da rede geral do País. Esmerado serviço de cozinha, podendo os Ex.^{mos} hospedes fazer uso de dietas sem aumento de preço. Automovel na estação de Monção a todos os comboios.

Sendo a mais antiga casa desta estância, tem sabido acompanhar todos os progressos, nenhuma havendo que reuna todas as condições apontadas sob a gerencia dos seus proprietarios.

Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 46 – Artigo sobre as “Águas de Melgaço” e sua estância termal em revista brasileira no ano de 1936.

A Estancia Creno-climatoterapica de Peso de Melgaço fica situada na Provincia do Minho, distrito de Viana, a quatro quilometros da histórica e pitoresca vila do mesmo nome. Está ao nivel de 115 metros e de 30 sobre o rio Minho, de cujas belas margens dista apenas 900 metros.

No centro de uma região formosissima e extremamente salubre, protegida de ventos e isenta de humidade e nevoeiros, gosa de uma suavidade de clima que raro se encontra em Estancias desta natureza. O ar é puro e tónico devido á visinhança de extensas matas de pinheirais.

O aquista ou turista que se dirige para esta Estancia, quer o faça de automóvel aproveitando a magnifica estrada nacional de turismo n. 1, quer utilizando o caminho de ferro, atravessa uma região de incomparavel beleza.

E' o Minho verdejante, o rincão mais risonho de Portugal, o gracioso litoral guardado de praias alegres, é a paisagem inigualavel do Vale do Lima, e, subindo sempre, acompanha-se o vale do Minho, de arrebatadora beleza. Chegado á vila de Monsão, excelentes camionetes o conduzem á Estancia. Assim, por um serviço combinado, o passageiro de qualquer ponto do país aquem Tejo, saindo de sua casa de manhã e numa confortavel viagem chega a Melgaço ao meio da tarde.

Segundo a opinião do eminente quimico analista, professor Charles Lepierre, as águas bicarbonatadas mixtas de Melgaço, pela sua complexidade, constituem um tipo muito interessante que não tem equivalente em Portugal. “A Fonte Principal” é uma água mesosalina, bicarbonatada (com predominio de calcio) litinada, manganésica, ferruginosa e arsenical, muito carbogasosa. “A Fonte No-

MELGAÇO

Estancias Termals Portuguesas

va” tem uma composição semelhante á Fonte Principal, sendo contudo menos carbogasosa calcica e ferruginosa mas mais alcalina. Ambas as nascentes são hipotermias. Sob o ponto de vista microbiologico estão ambas consideradas purissimas.

O tratamento da Diabetis assucarada é por excelência a especialização desta Estancia. Sob esse aspéto não tem rival nem sequer congenere no país. As bem organizadas estatisticas do corpo clinico, resultado de rigorosos exames e analises laboratoriais dão nos ultimos anos uma média de 75 % de diabeticos tratados em que a glicosuria foi eliminada e 20 % em que foi atenuada.

Aplicam-se tambem estas águas, com resultados igualmente brilhantes no tratamento de dispepsias, atonias gastrica e intestinal, nevroses gastricas enterocolites, insuficiencias hepaticas, litiniases biliar e renal, anemias, obesidade e estados neurastênicos.

No seu amplo e elegante Balneário, são aplicados nesta Estancia os mais modernos adjuvantes no tratamento hidromineral. Em duas alas para senhoras e cavalheiros, separadas por um espaçoso hall, são ministrados, por pessoal especializado, banhos de imersão, duchas sub-aquaticas e gerais, banhos carbogasosos, applicações locais de água mineral (irrigações) diatermia, maçagens, etc.

Distrações-Turismo — Embora de recente construção, a Estancia possui um extenso Parque onde não faltam alamedas ensombradas e lugares pitorescos. Os aquistas desportivos dispõem de um magnifico “court” de tennis, bem como de outros jogos e passatempos. Numa região privilegiada, não faltam passeios encantadores. Em São Gregorio, a poucos quilometros, está ali concluida uma ponte internacional que facultará excursões de imenso interesse turistico á visinha e pitoresca Galiza. Mais passeios de grande interesse: ao sumptuoso Palácio da Brejoeira — Aos vestutos Mosteiros de Paderne e Fiães — A' Capela de Nossa Senhora de Ourada, belo templo do mais puro estilo romanico. A excursão a Castro Laboreiro, com costumes extremamente tipicos.

A Estancia foi dotada recentemente de uma rede de iluminação electrica e tem cabine telefonica ligada á rede geral do país.

Sempre à Frente!

A Medicação Nº 1 na Gripe na Influenza, e nos Resfriados!

Procure nas Pharmacias, e Drogeries!

do Lab. Almeida Cardoso e Cia.

Fonte: VIDA DOMÉSTICA, 1936.

Anexo 47 – Propaganda da marca em revista da década de 1940-1950.

AGUA DE MELGAÇO

A SALVAÇÃO DOS DIABETICOS!!!

Aguas bicarbonatadas calcicas, mesosalinas, de effeitos surprehendentes na diabetes assucarada e, de uma maneira geral, nos casos em que ha deficiencia do systema regulador do metabolismo hydrocarbonado.

Nenhuma outra estancia, nacional ou estrangeira, possui uma tal virtude therapeutica em grau tão elevado.

São estas aguas muito recomendaveis para o tratamento dos vicios de funcção do estomago e intestino, designadamente nas dyspepsias hyperestenicis e suas consequencias.

Os renaes, sobretudo os oliguricos, e bem assim os uricemicos, usarão d'ellas com reconhecida vantagem.

Escritorios e Depositos geraes:

PORTO—R. da Cancela Velha, 29. Telef. 319
LISBOA—Av. da Liberdade, 132. Tel. N. 2266.

Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 48 – Propaganda da C^a. Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas em 1940-1950.

**AS MAIS RICAS
AGUAS MINERAES**

DEPOSITO EM LISBOA
AV. DA LIBERDADE, 132
Telefóne - 2 5030

DEPOSITO NO PORTO
R. DA CANCELA VELHA, 31
Telefóne - 319

Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 49 – Propaganda da C^a. Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas com destaque para o modelo de garrafa do grupo, década de 1940-1950.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 50 – Lembrança da C^a. com informações dos prêmios recebidos, de 1969.



Fonte: DELCAMPE, 2017.

Anexo 51 – Garrafas de “Águas de Melgaço” com rótulo em depósito no parque termal, início dos anos 1980.



Fonte: CAMPING TERMAS PESO, 2013.

Anexo 52 – Garrafa da água em mais nova versão de relançamento de 2003.



Fonte: UNICER, 2015.